



Cartas de um diabo
a seu aprendiz

C. S. Lewis



C. S. Lewis nasceu na Irlanda, em 1898. Em 1954, tornou-se professor de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi ateu durante muitos anos e se converteu em 1929. Essa experiência o ajudou a entender não somente a indiferença como também a indisposição de aceitar a religião; e, como autor cristão, com sua mente excepcionalmente lógica e brilhante e seu estilo vivo e lúcido, ele foi incomparável. Suas obras são conhecidas, em tradução, por milhões de pessoas no mundo inteiro. Escreveu também livros de ficção científica, de crítica literária e para crianças. Entre estes estão *As crônicas de Nárnia*, sucesso mundial, publicadas no Brasil pela Editora WMF Martins Fontes. C. S. Lewis morreu em 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford, Inglaterra.

C. S. LEWIS

CARTAS DE UM DIABO
A SEU APRENDIZ

Tradução | Juliana Lemos
Revisão da tradução | Frederico Ozanam Pessoa de Barros
Revisão técnica | Geuid Dib Jardim



wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2009

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título
THE SCREWTAPE LETTERS, por Harper Collins.
Copyright © C. S. Lewis Pte Ltd 1942.
Copyright © 2005, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1ª edição 2005

2ª edição 2009

Tradução

JULIANA LEMOS

Revisão da tradução

Frederico Ozanam Pessoa de Barros

Revisão técnica

Geuid Dib Jardim

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas

Maria Regina Ribeiro Machado

Maria Fernanda Alvares

Dinarte Zorzanelli da Silva

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação/Fotolitos

Stúdio 3 Desenvolvimento Editorial

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lewis, C. S., 1898-1963.

Cartas de um diabo a seu aprendiz / C. S. Lewis ; tradução
Juliana Lemos ; revisão da tradução Frederico Ozanam Pes-
soa de Barros ; revisão técnica Geuid Dib Jardim. – 2ª ed. –
São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Título original: The Screwtape letters.

ISBN 978-85-7827-111-4

1. Cristianismo – Século 20 2. Espiritualidade 3. Religião
I. Título.

09-01874

CDD-230

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo : Religião 230

Todos os direitos desta edição reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

Para J. R. R. Tolkien

“O melhor método para expulsar um demônio,
se ele não ceder aos textos das Escrituras,
é ridicularizá-lo, zombar dele,
pois ele não suporta o escárnio.”

LUTERO

“O diabo (...) o espírito orgulhoso (...)
não tolera ser motivo de chacota.”

THOMAS MORE

| Prefácio |

Não tenciono explicar aqui como caiu em minhas mãos a correspondência que ora ofereço aos leitores.

Há dois erros semelhantes mas opostos que os seres humanos podem cometer quanto aos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é acreditar que eles existem e sentir um interesse excessivo e pouco saudável por eles. Os próprios demônios ficam igualmente satisfeitos com ambos os erros, e saúdam o materialista e o mago com a mesma alegria. Os documentos contidos neste livro podem ser obtidos facilmente por qualquer pessoa capaz de aprender o truque; mas não o ensinarei às pessoas de má índole ou muito voláteis, as quais podem fazer mau uso da prática.

Aconselhamos nossos leitores a nunca esquecer que o diabo é um mentiroso. Nem tudo o que Fitafuso diz deve ser considerado verdadeiro, mesmo do seu próprio ponto de vista. Não tentei identificar quem são os seres humanos mencionados nas cartas; mas acho bem pouco provável que sejam totalmente verossímeis as descrições, por exemplo, do Pe. Spike ou da mãe do paciente. Há otimismo excessivo tanto no Inferno como na Terra.

Para encerrar, devo dizer que não procurei averiguar a cronologia das cartas. A de número 17 parece ter sido escrita antes de o racionamento da guerra ficar mais rigoroso; mas, em geral, o método diabólico de datar estas cartas parece não ter nenhuma relação com o tempo terrestre, e nem sequer tentei reproduzi-lo. A história da guerra na Europa, exceto quando ocasionalmente produziu algum efeito nefasto sobre a condição espiritual deste ou daquele ser humano, obviamente não interessava nem um pouco a Fitafuso.

C. S. LEWIS
MAGDALEN COLLEGE
5 de julho de 1941

Querido Vermebile,

Compreendo o que você diz sobre guiar o seu paciente em suas leituras e também fazer de tudo para que ele sempre tenha encontros com o tal amigo materialista. Mas será que você não está sendo um pouco *ingênuo*? Parece que você vê a argumentação como o melhor método para mantê-lo afastado das garras do Inimigo. Talvez fosse esse o caso se ele tivesse vivido alguns séculos atrás. Naquela época, os humanos sabiam muito bem quando algo era provado logicamente ou não; em caso afirmativo, simplesmente acreditavam. Ainda não dissociavam seus pensamentos de suas ações. Esta-

vam dispostos a mudar o modo como viviam a partir das conclusões tiradas de uma certa cadeia de raciocínio. Mas, com a imprensa semanal e outras armas semelhantes, conseguimos alterar tudo isso. O seu paciente sempre foi acostumado, desde criança, a ter uma dezena de filosofias incompatíveis dentro de sua cabeça. Ele não classifica doutrinas basicamente como “verdadeiras” ou “falsas”, e sim como “acadêmicas” ou “práticas”, “antiquadas” ou “contemporâneas”, “convencionais” ou “cruéis”. O jargão, e não a argumentação, é o seu melhor aliado para afastá-lo da Igreja. Não desperdice seu tempo tentando fazê-lo pensar que o materialismo é *verdadeiro*. Faça-o pensar que é algo sólido, ou óbvio, ou audaz – enfim, que é a filosofia do futuro. É com esse tipo de coisa que ele se importa.

O problema da argumentação é que ela leva a batalha para o campo do Inimigo. Ele também pode argumentar. Mas, graças ao tipo de propaganda realmente prática que sugiro, durante séculos foi possível provar que Ele é inferior a Nosso Pai nas Profundezas. Pelo próprio ato de argumentar, você desperta a razão de nosso paciente; uma vez desperta, como saberemos o que daí poderá resultar? Mesmo se uma cadeia de pensamentos puder ser distorcida a nosso favor, você logo descobrirá que fortaleceu no seu paciente o hábito fatal de atentar para questões universais e ignorar o fluxo de

experiências sensoriais imediatas. O seu dever é fazer com que ele fixe a atenção nesse fluxo. Ensine-o a chamá-lo de “vida real”, e não o deixe indagar-se sobre o que você quer dizer com “real”.

Lembre-se: ele não é, como você, um espírito puro. Como você jamais foi humano (ah, que vantagem abominável do Inimigo sobre nós!), não se dá conta do quanto são escravos das coisas mundanas. Certa vez tive um paciente, um ateu convicto, que tinha o hábito de ler no Museu Britânico. Certo dia, enquanto lia, vi que em sua mente um pensamento tentava levá-lo para o caminho errado. O Inimigo, é claro, estava ao seu lado nesse momento. Num piscar de olhos, vi todo o trabalho que me tomou vinte anos começar a ruir. Se tivesse perdido a cabeça e tentado ganhar pela argumentação, talvez tivesse sido derrotado. Mas não fui tão estúpido. Imediatamente ataquei a parte do homem que melhor controlava – sugeri que já estava na hora de almoçar. Talvez o Inimigo também tenha feito uma contraproposta (você sabia que não é possível ouvir *nitidamente* o que Ele lhes diz?), dizendo-lhe que aquilo era mais importante que comida. Pelo menos acho que essa foi sua linha de argumentação, pois, quando eu disse “É verdade. Tão importante, de fato, que a hora do almoço não é uma boa hora para se pensar nisso”, o paciente pareceu bem mais contente; e, quando acrescentei estas

palavras, “melhor voltar depois do almoço e pensar nisso com calma”, ele já estava se dirigindo à porta. Mal chegou à rua, venci a batalha. Mostrei-lhe um menino que vendia jornais gritando a manchete do dia, um ônibus de número 73 passando e, antes mesmo que ele chegasse ao fim da escada, eu o fiz ter a inabalável convicção de que, quaisquer que sejam as idéias malucas capazes de ocorrer a um homem rodeado de livros, uma dose saudável da “vida real” (ou seja, o ônibus, o garotinho jornaleiro) já é suficiente para mostrar-lhe que “esse tipo de coisa” simplesmente não poderia ser verdade. Ele sabia que escapara por pouco. Anos mais tarde, gostava de falar sobre “o senso inexprimível da realidade, o nosso último refúgio contra as aberrações da mera lógica”. Hoje ele se encontra a salvo na casa do Nosso Pai.

Percebe o que digo? Graças aos processos que desencadeamos neles, séculos atrás, todos acham simplesmente impossível acreditar no que é estranho quando o que é familiar está bem diante dos seus olhos. Continue a fazê-lo perceber a natureza *banal* das coisas. Acima de tudo, não tente usar a ciência (digo, as ciências verdadeiras) como defesa contra o Cristianismo, pois as ciências certamente o encorajarão a pensar sobre as realidades que ele não pode ver ou tocar. Já houve casos lamentáveis entre os cientistas modernos. Se ele precisa mesmo se interessar por alguma ciência, deixe-o lidar

com economia e sociologia; não o deixe afastar-se da preciosa “vida real”. No entanto, o melhor a fazer é evitar que ele estude qualquer ciência, e dar-lhe a impressão generalizada de que ele sabe tudo, e de que o que quer que ele aprenda com simples conversas ou com a leitura é “resultado das pesquisas modernas”. Lembre-se de que você existe para confundi-lo. Do jeito que vocês diabinhos jovens falam, fica-se com a impressão de que o nosso dever é *ensinar!*

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

É com pesar que recebo a notícia de que seu paciente converteu-se ao Cristianismo. Não alimente vãs esperanças de escapar à pena que o espera; na verdade, confio em que, em seus melhores momentos, você nem sequer deseja tal coisa. Enquanto isso, temos de tentar aproveitar a situação ao máximo. Não há motivo para desespero; centenas de adultos convertidos foram recuperados depois de uma breve temporada ao lado do Inimigo e agora estão conosco. Todos os *hábitos* do paciente, tanto mentais quanto corporais, ainda estão a nosso favor.

Hoje em dia, um de nossos aliados é a própria Igreja. Mas não me compreenda mal: eu não estou falando

da Igreja que se propaga através do tempo e do espaço, ancorada na Eternidade, terrível como um exército agitando seus estandartes. Isso, devo confessar, é um espetáculo que incomoda até nossos mais audazes tentadores. Felizmente, é algo praticamente invisível aos humanos. Tudo o que o seu paciente vê é o prédio gótico ainda pela metade, em construção, um simulacro. Quando ele entra, vê o dono da mercearia com uma expressão falsamente amigável no rosto, apressando-se para oferecer-lhe um livrinho com a liturgia que nenhum dos dois compreende, e um livrinho gasto, contendo textos alterados de vários cantos religiosos, a maioria ruins, e em letra bem miúda. Quando ele se senta num banco e olha em volta, vê apenas as pessoas que evitara até então. Faça com que seus pensamentos flutuem, indo de expressões como “o corpo de Cristo” para os rostos no banco ao lado. Obviamente, não importa muito que tipo de pessoa ocupa o banco ao lado. Talvez você até saiba que uma dessas pessoas é um grande guerreiro do exército Inimigo. Não importa. O seu paciente, graças ao Nosso Pai nos Infernos, é um tolo. Se alguma dessas pessoas cantar desafinado, ou usar botas com solados barulhentos, ou tiver queixo duplo, ou roupas deselegantes, o paciente facilmente acreditará que a religião deles deve ser de algum modo ridícula. Perceba que, em seu estágio atual, ele considera “espiritual” a idéia que faz

dos “Cristãos”, mas essa idéia é, na verdade, em grande parte, pictórica. Sua imaginação está cheia de togas e sandálias e armaduras e pernas nuas, e o mero fato de as pessoas na igreja usarem roupas modernas é um verdadeiro obstáculo para ele – embora, claro, isso seja inconsciente. Nunca deixe que esse obstáculo se manifeste completamente, nunca o deixe perguntar-se como ele esperava, afinal, que elas se vestissem. Por enquanto, deixe tudo confuso em sua mente, e você terá toda a eternidade para desfrutar do poder de proporcionar-lhe a peculiar clareza que o Inferno traz.

Portanto, esforce-se para alcançar a decepção ou o anticlímax que certamente o acometerá durante suas primeiras semanas na igreja. O Inimigo permite que essa decepção aconteça no limiar de todo empreendimento humano. Ela acontece quando o menino que ficava encantado no maternal com as histórias da *Odisséia* começa a estudar seriamente a língua grega. Acontece quando os recém-casados dão início à missão de aprender a viver juntos. Em todas as instâncias da vida, essa decepção marca a transição da aspiração sonhadora para a ação laboriosa. O Inimigo prefere assumir esse risco porque Ele tem essa fantasia absurda de transformar todos esses repugnantes vermezinhos humanos naquilo que chama de Seus servos e adoradores “livres” – “filhos” é a palavra que utiliza, com seu gosto particular

pela degradação de todo o mundo espiritual através das ligações anormais com os animais bípedes. Ao desejar sua liberdade, Ele não aceita conduzi-los, por meio de suas afeições e atos, até alguma das metas que Ele mesmo estabeleceu para eles: Ele deixa que eles “tentem sozinhos, por seus próprios méritos”. E é aí que está a nossa chance. Mas lembre-se de que aí também jaz o perigo. Se conseguirem atravessar essa aridez inicial com sucesso, eles se tornarão bem menos dependentes das emoções e, assim, bem mais difíceis de se tentar.

Até o momento, sempre escrevi tendo em mente que as pessoas do banco ao lado, na igreja, não oferecem nenhuma base *racional* para a decepção. Mas é claro que, se oferecerem – se o paciente souber que a mulher com chapéu ridículo é viciada em jogar *bridge*, ou que o homem com as botas barulhentas é um sovina e um extorsionário –, sua tarefa ficará bem mais fácil. Tudo o que você terá de fazer é nunca deixá-lo fazer a si mesmo a seguinte pergunta: “Se eu, sendo o que sou, me considero em algum nível um Cristão, por que os defeitos das pessoas sentadas no banco ao lado seriam prova de que a religião delas é pura convenção e hipocrisia?” Talvez você fique se perguntando se é possível até mesmo uma mente humana não conseguir pensar em algo tão óbvio. Mas é, Vermebile, é! Manobre o seu paciente da maneira certa e esse pensamento jamais lhe

ocorrerá. Ele está muito longe ainda de ter passado tempo suficiente com o Inimigo para ter verdadeira humildade. O que ele diz, mesmo de joelhos, sobre seus pecados não passa de conversa fiada. No fundo, ele ainda acredita que tem bastante crédito junto ao Inimigo por ter-se convertido, e pensa que demonstra grande humildade e condescendência ao ir à igreja com aqueles conhecidos vulgares e presunçosos. Mantenha-o nesse estado de espírito o máximo que puder.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Fiquei muito contente com o que você me disse sobre o relacionamento desse homem com a mãe. Mas você deve persistir. O Inimigo trabalha de dentro para fora, transformando gradualmente as ações do paciente para que correspondam ao novo padrão, e talvez até mesmo a conduta dele para com a velha senhora mude a qualquer momento. Seria bom você intervir primeiro. Mantenha sempre contato com o nosso colega Gomalósio, que é responsável pela mãe, e fortaleçam os dois naquela casa o bom e estável hábito da irritação mútua, das alfinetadas diárias. Os métodos que descreverei a seguir são de grande valia.

1. Faça-o prestar atenção apenas na sua vida interior. Ele pensa que sua conversão é algo que se deu *dentro dele* e que sua atenção está, portanto, voltada neste momento para os estados do seu próprio espírito – ou pelo menos para a versão mais purificada deles, que é tudo o que você deve permitir que ele veja. Encoraje esse sentimento de introversão. Mantenha-o distante dos deveres mais elementares voltando sua atenção para os deveres espirituais mais avançados. Faça o possível para piorar essa útil característica humana, o horror e a negligência em relação às coisas óbvias. Você deve mantê-lo num estado tal que ele possa perscrutar a si mesmo durante uma hora sem descobrir nenhum desses fatos sobre ele mesmo, fatos que são perfeitamente visíveis para quem quer que viva com ele na mesma casa ou trabalhe com ele no mesmo escritório.

2. Certamente, é impossível impedir que ele reze pela mãe, mas temos meios de fazer com que as preces não tenham efeito. Certifique-se de que sejam bem “espirituais”, que ele sempre se preocupe com o estado da alma da mãe, e nunca com seu reumatismo. Disso advêm duas vantagens. Em primeiro lugar, ele prestará mais atenção naquilo que ele julga serem os pecados da mãe – se você guiá-lo um pouco, poderá induzi-lo a considerar qualquer um dos atos da mãe que ele julga inconvenientes ou irritantes como pecados. Assim, você

poderá cutucar um pouco as feridas do dia mesmo enquanto ele estiver de joelhos. Toda essa operação não é nem um pouco difícil, e você achará tudo bem divertido. Em segundo lugar, já que as idéias dele sobre a alma da mãe serão muito rudimentares e em sua maioria errôneas, ele, em algum grau, irá rezar por uma pessoa imaginária, e sua tarefa será fazer essa pessoa imaginária dia após dia cada vez menos parecida com a mãe verdadeira – a senhora de língua ferina que irrita o filho à mesa do café da manhã. Com o tempo, você conseguirá aprofundar a distância entre eles de tal forma que nenhum pensamento ou sentimento advindo das preces pela mãe imaginária jamais alcançará ou servirá de ajuda à mãe verdadeira. Já tive tamanho controle sobre alguns de meus pacientes, que conseguia desviar sua atenção, num segundo, da prece fervorosa pela “alma” de uma esposa ou de um filho para o ato de insultar ou bater na esposa ou no filho sem nenhum remorso.

3. Quando dois humanos vivem juntos por muitos anos, é bem comum que cada um tenha um tom de voz ou uma expressão facial que sejam quase insuportáveis para o outro. Aproveite-se disso. Faça-o prestar muita atenção naquela sobrancelha erguida da mãe, maneirismo que ele aprendeu a detestar já no berço, e deixe-o pensar no quanto isso o irrita. Deixe-o supor que ela sabe o quanto isso é irritante e que o faz apenas para

irritá-lo – se você souber fazer o seu trabalho direitinho, ele não notará quão improvável é essa suposição. E, claro, nunca o deixe suspeitar de que ele também tem tons de voz e expressões que igualmente a irritam. Como ele não pode ver ou ouvir a si mesmo, será fácil.

4. Em meios civilizados, o ódio na vida doméstica costuma se expressar quando se dizem coisas que podem parecer bastante inofensivas quando escritas (as *palavras* não são ofensivas), mas que, ditas em determinado tom de voz ou em determinado momento, são como um soco no rosto. Para manter esse jogo em andamento, você e Gomalósio devem fazer de tudo para que os dois tolos tenham dois pesos e duas medidas. O seu paciente deverá exigir que todas as suas frases sejam tomadas pelo seu valor literal, julgadas apenas pelas palavras utilizadas, ao mesmo tempo que julga e interpreta todas as frases da mãe com uma sensibilidade exagerada em relação ao tom, ao contexto e à intenção. Ela deverá ser encorajada a fazer o mesmo. Assim, depois de cada briga, cada um pode ir para um lado, convencido, ou quase convencido, de que é inocente. Você sabe como é: “Basta que eu pergunte quando o jantar vai ficar pronto para ela ter um acesso de fúria.” Uma vez que o hábito estiver bem arraigado, você terá a deliciosa situação em que um ser humano diz coisas com o claro intuito de ofender e ainda assim se ressentido quando lhe dirigem uma ofensa.

Por fim, diga-me algo sobre a posição religiosa da senhora. Teria ela algum ciúme do novo fator na vida do filho? Sente-se de algum modo ofendida com o fato de ele aprender com outros, e tão tarde na vida, aquilo que ela acha que deu a ele tantas oportunidades de aprender na infância? Ela acha que ele está fazendo uma tempestade em copo d'água com esse assunto, ou que está aceitando tudo muito calmamente? Lembra-se do irmão mais velho na história do Inimigo?

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

As sugestões bastante amadorísticas da sua última missiva indicam que eu já deveria tê-lo instruído a respeito de um assunto bastante complicado: a prece. Você não deveria ter dito que meu conselho sobre as preces do humano em questão para a mãe dele “provou-se totalmente infrutífero”. Não é bem o tipo de coisa que um sobrinho deve escrever ao tio – muito menos um tentador júnior ao subsecretário de um departamento. Seu comentário também revela o desagradável desejo de colocar a responsabilidade sobre os meus ombros. Você deveria aprender a pagar pelos seus próprios erros.

A melhor coisa a fazer, se possível, é afastar completamente o paciente em questão da intenção de rezar. Se o paciente é um adulto, recém-convertido para o lado do Inimigo, como é o caso do nosso homem, conseguimos tal feito quando o encorajamos sempre a lembrar-se, ou a pensar que se lembra, do quanto suas preces na infância eram automáticas. Em contrapartida, você talvez possa persuadi-lo a almejar algo totalmente espontâneo, introspectivo, informal, livre de regras; e isso na verdade significará, para um iniciante, o esforço para produzir em si mesmo um *estado de espírito* vagamente devocional no qual a verdadeira concentração de vontade e inteligência não desempenham nenhum papel. Um poeta deles, Coleridge, certa vez escreveu que não rezava “movendo os lábios e de joelhos”, mas simplesmente “dispunha seu espírito ao amor” e dava lugar a um “sentimento de súplica”. É exatamente esse tipo de prece que queremos. Já que ela tem uma semelhança superficial com a prece silenciosa praticada por aqueles que já estão em estágio bem avançado ao lado do Inimigo, os pacientes mais espertinhos e preguiçosos podem ser ludibriados por ela durante um bom tempo. No mínimo, ficarão convencidos de que a posição do corpo não faz a menor diferença quando rezam – pois eles constantemente se esquecem (e é o que você jamais deve esquecer) de que são animais, e que suas almas são

afetadas pelo que quer que seus corpos façam. É engraçado como os mortais sempre nos imaginam enfiando idéias em suas cabeças, quando, na verdade, somos peritos em deixar coisas de fora.

Se isso falhar, seu último recurso será redirecionar sutilmente as intenções dele. Sempre que eles se ocupam do Inimigo somos derrotados, mas há modos de impedi-los. O modo mais simples é evitar que olhem para Ele e voltem o olhar para si mesmos. Faça-os ficar observando os próprios pensamentos e tentar produzir *sentimentos* pela ação de sua própria vontade. Quando tiverem a intenção de pedir-Lhe um sentimento de caridade, deixe-os, em vez disso, tentar produzir um sentimento de caridade neles mesmos. Eles jamais devem perceber que é exatamente isso que estão fazendo. Quando pedirem por coragem, deixe-os tentar sentirem-se corajosos. Quando estiverem rezando em busca de perdão, deixe-os tentar sentirem-se perdoados. Ensine-os a avaliar cada prece pela capacidade que elas têm de produzir o sentimento desejado; nunca os deixe suspeitar que o fracasso ou o sucesso dessa empreitada irá depender em grande medida de como se sentem no momento – bem ou mal, cansados ou relaxados.

Mas, é claro, o Inimigo não ficará de braços cruzados enquanto isso. Onde quer que haja uma prece, existe o perigo de Sua ação imediata. Ele é totalmente indife-

rente à dignidade de Sua posição, e à nossa, como espíritos puros, enquanto para os animais humanos que se ajoelham Ele derrama o autoconhecimento de um modo descarado. Mas, mesmo se Ele malograr a sua primeira tentativa de ludibriar seu paciente, nós dispomos de uma arma ainda mais sutil. Os humanos não começam com aquela percepção direta d’Ele, que nós, infelizmente, não podemos evitar. Nunca chegaram a conhecer aquela luminosidade horripilante, aquele fulgor penetrante e doloroso que é a base da dor permanente em nossas vidas. Se você observar a mente do seu paciente enquanto ele reza, não encontrará nada disso. Se examinar bem a idéia a que ele se dirige, verá que é uma combinação de vários elementos ridículos. Haverá imagens derivadas das representações do Inimigo como Ele apareceu durante aquele episódio vergonhoso conhecido como Encarnação; haverá também imagens mais vagas – talvez bem primitivas e pueris – associadas às outras duas Pessoas. Haverá até mesmo um pouco de sua própria reverência (e as sensações físicas que a acompanham) coisificada e atribuída ao objeto reverenciado. Sei de casos em que aquilo que o paciente chamava de seu “Deus” tinha uma *localização física* – no canto esquerdo do teto do quarto, dentro de sua própria cabeça ou num crucifixo na parede. Mas, independentemente da natureza desse objeto composto, você deve manter

seu paciente sempre rezando para *isso* – a coisa que ele mesmo criou, não a Pessoa que o criou. Você poderá até mesmo encorajá-lo a considerar importante fazer adendos a esse objeto composto e a mantê-lo sempre presente na sua imaginação durante toda a prece. Pois, se ele vier a saber a diferença, se conscientemente direcionar suas preces “não àquilo que penso que és, e sim ao que sabes que és”, estaremos em péssima situação. Uma vez que todos os seus pensamentos e imagens forem descartados, ou conservados (mas com plena consciência de sua natureza meramente subjetiva), e uma vez que o homem entregar-se à Presença completamente real, externa e invisível, que está com ele ali, no mesmo recinto, nunca consciente dessa presença da mesma forma que a presença tem consciência dele – bem, meu caro, é aí que tudo pode acontecer. Para evitar essa situação – essa verdadeira nudez da alma durante a prece –, há algo que pode ajudá-lo: os próprios humanos não desejam tanto assim essa nudez da alma quanto pensam. Às vezes, o que eles podem obter é bem maior do que aquilo que eles querem!

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

É bem frustrante esperar um relatório detalhado sobre o seu trabalho e em vez disso receber essa arenga vaga e eufórica como a sua última carta. Você diz que está “bêbado de alegria” porque os humanos europeus deram início a outra guerra. Sei muito bem o que aconteceu com você. Não está bêbado de alegria; está bêbado, apenas. Lendo nas entrelinhas do seu relato insano sobre a noite insone do paciente, consigo reconstruir o seu estado de espírito com grande exatidão. Pela primeira vez na sua carreira, você prova do vinho que é a recompensa pelo nosso trabalho – a angústia e a perplexidade de uma alma humana –, e ele subiu à sua cabeça.

Não o culpo. Não espero maturidade dos jovens. O paciente reagiu como você queria quando você mostrou-lhe as imagens aterrorizantes do futuro? Você conseguiu fazer com que ele olhasse para o seu passado feliz com um sentimento de autocomiseração? Conseguiu que ele ficasse com um frio na barriga, não é? Fez tudo direitinho, pois sim? Ora, nada mais natural. Mas lembre-se, Vermebile, que a obrigação vem antes da diversão. Se alguma auto-indulgência da sua parte no presente levá-lo a perder completamente a sua presa, você ansiará eternamente pela bebida da qual agora experimenta apenas o primeiro gole. Se, por outro lado, você finalmente obtiver controle sobre a alma dele de modo calmo e persistente, ele será seu para sempre – um cálice cheio até a borda de desespero, horror e desalento que você poderá erguer aos lábios quantas vezes quiser. Não permita, portanto, que uma felicidade temporária o distraia da sua verdadeira tarefa: solapar a fé e evitar a formação de virtudes. Na sua próxima carta, quero que você sem falta relate detalhadamente as reações do paciente em relação à guerra – e assim poderemos avaliar se será melhor fazer dele um patriota empedernido ou um fervoroso pacifista. Existem várias possibilidades. Enquanto isso, devo admoestá-lo de que não se deve esperar muito de uma guerra.

É claro que uma guerra é algo bem divertido. O medo e o sofrimento imediatos de um ser humano são

um alívio refrescante para as miríades de diabos que trabalham sem descanso. Mas que bem permanente poderia uma guerra nos trazer se não a utilizarmos para levar as almas para o Nosso Pai nas Profundezas? Quando vejo o sofrimento temporal dos humanos que finalmente conseguem escapar de nós, sinto-me como se tivesse experimentado apenas o primeiro prato de um maravilhoso banquete. É pior do que não ter experimentado nada. O Inimigo, fiel a seus métodos bárbaros de guerra, permite que nós sejamos testemunhas do breve sofrimento de Seus favoritos apenas para nos tentar e atormentar – para zombar da fome incessante que sentimos e que Ele abertamente impõe a nós com suas tropas de bloqueio durante a atual fase do grande conflito. Vamos, portanto, pensar na melhor maneira de tirar proveito dessa guerra européia, pois ela possui certos traços inerentes que, em si mesmos, não estão de maneira alguma a nosso favor. É certo que podemos esperar grande crueldade e incontinência. Mas, se não tivermos cuidado, corremos o risco de ver milhares de humanos colocando suas dores nas mãos do Inimigo, enquanto outros tantos milhares, embora não tenham a intenção de ir assim tão longe, deixarão de prestar atenção em si mesmos e concentrarão suas forças nos valores e causas que consideram superiores a eles mesmos. Sei que o Inimigo não aprova a maioria dessas causas. E é aí que Ele se

mostra bastante injusto. Muitas vezes, faz troféus dos humanos que deram a vida em nome de uma causa que Ele considera ruim – e com o argumento monstruosamente sofisticado de que esses humanos as consideravam boas e seguiam aquilo que consideravam o melhor. Pense também nas mortes indesejáveis ocorridas durante a guerra. Homens são mortos nos locais onde sabem que irão encontrar a morte, e vão, se já estiverem do lado do Inimigo, preparados para ela. Seria tão melhor para nós se *todos* os humanos morressem em asilos dispendiosos, entre médicos que mentem, enfermeiras que mentem, amigos que mentem, como nós lhes ensinamos, e que prometem vida aos moribundos, encorajando a crença de que a doença é uma desculpa para qualquer auto-indulgência, e até mesmo (se os nossos colegas souberem fazer seu trabalho direitinho) recusando qualquer sugestão de que se traga um padre, tudo para que o pobre doentinho não desconfie de sua situação! Também é terrível para nós o quanto a morte continuamente os faz pensar na morte. Uma de nossas melhores armas, a satisfação com a mundanidade, prova-se inútil. Em tempos de guerra, nem mesmo um ser humano acredita que viverá para sempre.

Sei que Cascaférido e alguns outros vêm na guerra uma grande oportunidade para atacar a fé, mas eu considero esse ponto de vista exagerado. O Inimigo já dei-

xou bem claro para Seus simpatizantes humanos que o sofrimento é parte essencial do que Ele chama de redenção; assim, uma fé que foi destruída por uma guerra ou por uma peste não vale todo o nosso esforço para destruí-la. Estou falando daquele sofrimento difuso durante um longo período de tempo, que é o que uma guerra produz. Obviamente, naquele exato momento de horror, de luto ou dor física você poderá capturar a sua presa, quando ela deixar momentaneamente de raciocinar. Mas eu descobri que, mesmo nesse instante, se ele buscar refúgio no Inimigo, quase sempre será atendido.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Fico satisfeito em saber que a idade e a profissão do seu paciente tornam possível, mas não garantem, que ele seja convocado para o serviço militar. Queremos que ele fique num estado de máxima incerteza, pois assim seus pensamentos serão tomados por imagens contraditórias do futuro, e cada uma delas deverá despertar-lhe esperança ou medo. Nada mais eficaz que o suspense e a ansiedade para proteger a mente de um ser humano contra o Inimigo. Ele quer que os homens se preocupem com o que fazem; nossa tarefa é fazê-los pensar constantemente sobre o que lhes poderá acontecer.

Obviamente, o seu paciente já se convenceu de que deve submeter-se pacientemente à vontade do Inimigo. O que o Inimigo tenciona com isso é, em primeiro lugar, que ele aceite com paciência a tribulação que lhe foi reservada – a atual situação de ansiedade e suspense. É por causa *disso* que ele deve dizer “Seja feita a Tua vontade”, e será pela labuta diária de suportar *isso* que ganhará o pão de cada dia. É nosso dever assegurar que o paciente jamais pense no seu temor atual como a cruz que lhe foi reservada, mas que pense sempre naquilo que lhe dá medo. Deixe-o imaginar todas essas coisas como a sua cruz: impeça-o de pensar que, como são incompatíveis, não podem *todas* acontecer com ele, e deixe-o praticar a perseverança e a paciência antecipadamente. Pois é impossível estar conformado, ao mesmo tempo, com várias sinas diferentes e hipotéticas, e o Inimigo não costuma ajudar muito aqueles que tentam ficar nesse estado de resignação. A resignação ao sofrimento atual e real, mesmo quando esse sofrimento consiste basicamente no medo, é mais cômoda e geralmente é auxiliada pela ação direta d’Ele.

Aqui, uma importante lei espiritual está em jogo. Já expliquei que você poderá enfraquecer as preces do seu paciente se não deixar que ele concentre sua atenção no Inimigo em Si, mas no seu próprio estado de espírito, em como se sente em relação ao Inimigo. Por ou-

tro lado, é fácil manipular o medo quando os pensamentos do paciente são desviados da causa do seu medo para o medo em si, considerado como um atual estado indesejável de sua mente – e, quando ele passar a considerar o medo como a cruz que terá de carregar, inevitavelmente irá considerar seu medo como um estado de espírito. Podemos, assim, formular uma regra geral: em todas as atividades mentais que favorecem a nossa causa, encoraje o paciente a não atentar para si mesmo, e sim concentrar-se no objeto; mas, em todas as atividades que são favoráveis ao Inimigo, faça com que sua mente concentre-se em si mesma. Faça com que uma ofensa, ou o corpo de uma mulher, chame a atenção dele externamente a tal ponto que ele jamais chegue a pensar em algo como “agora estou entrando naquele estado chamado Fúria – ou no estado chamado Luxúria”. Por outro lado, deixe que ele mantenha um foco introspectivo, com pensamentos como “agora, os meus sentimentos estão mais devotos ainda, ou mais caridosos”, de tal modo que não veja nada além de si próprio e não consiga mais enxergar o nosso Inimigo ou seus semelhantes.

Em relação à postura dele quanto à guerra, você não deve contar muito com aqueles sentimentos de ódio sobre os quais os humanos gostam tanto de debater nos periódicos cristãos e anticristãos. Em sua angústia, o pa-

ciente poderá, é claro, ser encorajado a obter a desforra por meio de sentimentos vingativos direcionados aos líderes alemães, e isso em si já é muito bom. Mas, em geral, este é um tipo de ódio mítico, ou melodramático, direcionado a bodes expiatórios imaginários. Ele nunca encontrou essas pessoas na vida real – são simulacros modelados de acordo com o que ele lê nos jornais. Os resultados desse ódio imaginário são em geral decepcionantes, e entre todos os humanos os ingleses são, neste aspecto, uns maricas deploráveis. São criaturas desprezíveis que proclamam em alto e bom som que a tortura seria pouco para seus inimigos, mas logo oferecem chá e cigarros ao primeiro piloto alemão ferido que porventura bata à porta dos fundos.

O que quer que você faça, sempre haverá alguma benevolência, assim como alguma animosidade, na alma do seu paciente. O melhor a fazer é voltar a animosidade para os semelhantes mais próximos, aqueles que ele encontra todos os dias, e voltar a benevolência para um círculo mais distante, para as pessoas que ele não conhece. Desse modo, a animosidade torna-se completamente real e a benevolência, em grande medida, imaginária. Não há nenhuma vantagem em inflamar o ódio que ele sente pelos alemães se ao mesmo tempo o pernicioso hábito da caridade cresce entre ele e a mãe, o chefe ou o homem que ele encontra no trem. Imagine

o seu homem como uma série de círculos concêntricos, sendo que o central é a sua vontade, o seguinte o seu intelecto e o exterior a sua fantasia. Não adianta alimentar a esperança de eliminar de todos os círculos tudo aquilo que lembre remotamente o Inimigo, mas você deve continuar jogando para cada vez mais longe do centro todas as virtudes, até que elas finalmente fiquem localizadas no círculo da fantasia, e todas as características desejáveis fiquem no círculo da Vontade. Somente quando alcançam a Vontade, e lá se materializam como hábitos, é que as virtudes são fatais para nós. (É claro que eu não me refiro àquilo que o paciente pensa ser a sua Vontade, aquele furor de preocupações, resoluções e dentes cerrados, e sim o verdadeiro centro, aquilo que o Inimigo chama de Coração.) Nem mesmo todas as virtudes pintadas pela fantasia ou aprovadas pelo intelecto, ou até, em alguma medida, adoradas e admiradas, serão suficientes para afastar um homem da casa do Nosso Pai. Na verdade, podem até ser bastante engraçadas quando ele finalmente for para lá.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Espanta-me que você ainda me pergunte se é mesmo essencial manter o paciente na ignorância quanto à nossa existência. Essa sua pergunta, pelo menos no pé em que nos encontramos, já foi respondida pelo Alto Comando. Nossa política, no momento atual, é de nos mantermos ocultos. Claro que nem sempre foi assim. No momento, enfrentamos um cruel dilema. Quando os humanos não acreditam na existência de demônios, não temos mais os agradáveis resultados do terrorismo direto e não podemos “produzir” nenhum mago. Por outro lado, quando acreditam em nós, não podemos

transformá-los em materialistas e céticos. Pelo menos não por enquanto. Tenho grande esperança de que, no devido tempo, aprenderemos como tornar a ciência dos homens emocional e mítica a ponto de passarem a desconfiar daquilo que na verdade é a crença na nossa existência (embora não sob esse nome) ao mesmo tempo que suas mentes se mantêm fechadas para o Inimigo. A “Força da Vida”, a veneração do sexo e outros aspectos da Psicanálise podem ser bastante úteis nesse sentido. Se pudermos produzir nossa obra perfeita – o Mago Materialista, o homem que não apenas utiliza mas que na verdade venera aquilo a que dá o nome vago de “Forças”, ao mesmo tempo que nega a existência de “espíritos” –, então saberemos que a batalha chegará ao fim. Enquanto isso, devemos obedecer sempre às ordens que nos são dadas. Não acho que você terá muita dificuldade para deixar o seu paciente na mais perfeita ignorância. O fato de “demônios” serem predominantemente figuras *cômicas* na imaginação dos homens modernos será de grande ajuda. Se a menor suspeita da sua existência começar a surgir na mente dele, evoque a imagem de um ser trajando roupa colante vermelha, e convença-o de que, já que ele não pode mesmo acreditar numa coisa dessas, ele não pode, portanto, acreditar na *sua* existência. Este é um método antigo para confundir-los, tirado de um velho manual.

Não me esqueci da promessa que fiz: refletir se devemos transformar o nosso paciente num patriota radical ou num ardoroso pacifista. Todos os extremos, com exceção da devoção extrema ao Inimigo, devem ser encorajados. Nem sempre, é claro; apenas na atual situação. Algumas eras são muito apáticas e complacentes, e é nosso dever fazer com que fiquem ainda mais letárgicas. Outras eras, como a atual, são desequilibradas e tendem a criar discórdia, e é nosso dever incendiá-las ainda mais. Qualquer pequena associação de pessoas que se unem devido a interesses que outros homens ignoram ou desprezam tende a desenvolver em seu círculo uma intensa admiração mútua, e também a gerar uma grande quantidade de vaidade e ódio para com o mundo exterior, os quais são alimentados sem nenhum pudor – pois a “Causa” é o seu guia, e ela é considerada algo impessoal. Isso é verdadeiro mesmo quando originalmente o grupo é criado para agir em nome do Inimigo. Queremos que a Igreja seja pequena, não apenas no sentido de cada vez menos homens conhecerem o Inimigo, mas também no sentido de fazer com que aqueles que O conhecem adquiram uma intensidade inquieta e o farisaísmo defensivo de uma sociedade secreta ou de um grupo fechado. É claro que a Igreja em si é defendida bravamente, e jamais conseguimos atribuir por completo a ela todas as características de uma facção;

mas as facções menores a ela subordinadas costumam produzir resultados admiráveis, desde Paulo e Apolo em Corinto até as divisões dentro da Igreja Anglicana.

Se você conseguir fazer seu paciente se opor conscientemente a algo, ele automaticamente fará parte de uma sociedade pequena, impopular, mas com voz ativa, e as conseqüências para alguém recém-chegado ao Cristianismo serão, com quase toda a certeza, excelentes. Mas apenas *quase*. Por acaso ele já teve sérias dúvidas quanto à legitimidade de alistar-se numa guerra justa, antes da guerra atual? Seria ele um homem de grande coragem física, tão grande que não nutre receio ou dúvida quanto aos reais motivos de seu pacifismo? Será que ele consegue, quando está mais próximo da honestidade (nenhum humano jamais está próximo *o bastante*), sentir-se plenamente convencido de que é movido apenas pelo desejo de obedecer ao Inimigo? Se ele for esse tipo de homem, seu pacifismo provavelmente não nos será de grande serventia, e o Inimigo provavelmente o protegerá das habituais conseqüências de se pertencer a uma facção. A melhor estratégia a seguir, nesse caso, é tentar uma crise emocional repentina e confusa da qual ele possa sair como um irrequieto recém-convertido ao patriotismo. Tais fatores são, em geral, manipuláveis. Mas, se ele for o homem que penso que é, tente o pacifismo.

O que quer que ele defenda, sua principal tarefa continua a mesma, Vermebile. Deixe-o começar por considerar o patriotismo ou o pacifismo como parte da sua religião. Então deixe-o, sob a influência do espírito partidário, considerar o patriotismo ou o pacifismo como a parte mais importante. Depois, cuide para que ele fique naquele estágio em que a religião torna-se apenas uma parte da “causa” na qual o Cristianismo é valorizado basicamente por causa da excelente argumentação que fornece em favor dos esforços britânicos na guerra ou do pacifismo. Você deverá precaver-se quanto àquela atitude de que os assuntos temporais são basicamente considerados como matéria-prima para a obediência. Uma vez que você tenha feito do mundo um fim em si mesmo, e da fé apenas um meio para chegar até ele, você estará a poucos passos de ter controle sobre o seu paciente, e fará pouca diferença a meta terrena que ele busca. Ele será nosso, contanto que encontros, panfletos, politicagens, movimentos, causas e cruzadas sejam mais importantes para ele do que preces, sacramentos e caridade – e quanto mais “religiosos” (nesses termos) eles forem, mais controle teremos sobre eles. Você devia ver só quantas jaulas cheias deles existem aqui embaixo.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Então você nutre “grandes esperanças de que a fase religiosa do paciente esteja gradualmente chegando ao fim”, pois sim? Eu sempre achei que a Faculdade de Treinamento chegou ao fundo do poço quando puseram o velho Catarruspe para chefiá-la, e agora tenho certeza. Será que ninguém nunca lhe falou sobre a lei da Ondulação?

Os humanos são anfíbios – metade animais, metade espíritos. (A teimosia do Inimigo em produzir tal híbrido repugnante foi uma das razões pela qual Nosso Pai decidiu cessar de dar a Ele seu apoio.) Como espíritos, pertencem à eternidade, mas, como animais, habi-

tam a temporalidade. Isso significa que, enquanto seus espíritos podem ser direcionados para um objeto eterno, seus corpos, suas paixões e sua imaginação estão em constante mudança – pois estar ligado à temporalidade significa passar por mudanças. Aquilo em que mais se aproximam da constância, portanto, é a ondulação – a recorrente volta a um nível do qual caem repetidamente, uma série de altos e baixos. Se você tivesse observado o seu paciente com cuidado, teria percebido essa ondulação em todos os setores de sua vida – o interesse pelo trabalho, a afeição pelos amigos, os apetites físicos; tudo sobe e desce. Enquanto ele viver na Terra, períodos de riqueza e vitalidade física serão alternados com períodos de pobreza e enfraquecimento. A aridez e o embotamento que o seu paciente tem de suportar no presente não são, como você tolamente supõe, obra sua; são apenas um fenômeno natural que de nada nos servirá se não soubermos como manipulá-lo.

Para decidir o que fazer a respeito desse dado, você deverá se perguntar como o Inimigo planeja utilizá-lo, e então fazer exatamente o oposto. Talvez você fique surpreso em saber que Ele, quando tenta obter o controle definitivo de uma alma, conta mais com os baixos do que com os altos; alguns de Seus filhos prediletos suportaram tribulações mais duradouras e intensas do que qualquer pessoa. A razão é simples: para nós, os hu-

manos não são nada além de alimento; nosso objetivo é absorver a disposição deles para fortalecer a nossa, aumentar a nossa reserva de egoísmo à custa deles. Mas a obediência que o Inimigo exige dos homens é algo bem diferente. Temos de admitir que toda aquela conversa sobre Seu amor pelos homens e sobre o fato de que o serviço a Ele é a perfeita liberdade não é, como acreditaríamos de bom grado, mera propaganda, mas uma terrível verdade. Ele realmente quer preencher o universo com inúmeras pequenas réplicas repugnantes de Si mesmo – criaturas cuja vida, em escala menor, será qualitativamente como a d’Ele, não porque Ele as absorveu, e sim porque a vontade deles está em espontânea harmonia com a d’Ele. Nós queremos apenas um gado que finalmente poderá ser transformado em alimento; Ele quer servos que finalmente poderão tornar-se filhos. Nós queremos sugá-los; Ele quer fortalecê-los. Somos vazios, e por isso queremos ser preenchidos; Ele está repleto e transborda. Nosso objetivo nessa guerra é um mundo no qual o Nosso Pai nas Profundezas possa absorver todos os outros seres nele mesmo; o Inimigo quer um mundo repleto de seres unidos a Ele e ainda assim distintos.

E é aí que entram os tais baixos da tal ondulação. Certamente você já se perguntou várias vezes por que o Inimigo não utiliza os Seus poderes para estar presente

de modo perceptível para as almas humanas, com a intensidade que Ele escolher e sempre que desejar. Mas agora você percebe que o Irresistível e o Indisputável são duas armas que a própria natureza do Seu desígnio O impede de usar. Para Ele, de nada valeria simplesmente neutralizar a vontade humana (o que certamente aconteceria se Ele os fizesse sentir a Sua presença, mesmo do modo mais débil e suave possível). Ele não pode violentá-los; pode apenas cortejá-los. Pois Sua idéia desprezível é ter ao mesmo tempo duas coisas incompatíveis: as criaturas devem ser Um com ele, e ainda assim distintas. De nada Lhe serve simplesmente anulá-las ou assimilá-las. Ele está disposto a guiá-los um pouco, no começo. Inicialmente, dá a Eles mensagens da Sua presença que, mesmo esmaecidas, são para eles grandiosas, repletas de grande candura emocional, e representam uma fácil vitória sobre a tentação. Mas Ele nunca permite que esse estado de coisas dure indefinidamente. Cedo ou tarde Ele retira todo o seu apoio e incentivo – se não de fato, pelo menos da experiência consciente deles. Ele deixa Sua criatura andar com as próprias pernas – e pôr em prática, apenas por sua própria vontade, todas aquelas tarefas que há muito não oferecem nenhum atrativo. É durante esses períodos de tribulação, bem mais do que nos períodos de pico, que a criatura começa a se transformar naquilo que Ele quer

que ela seja. É por isso que as preces oferecidas num estado de aridez são as que mais Lhe agradam. Podemos arrastar continuamente nossos pacientes, tentando-os constantemente, porque os concebemos apenas como alimento, e, quanto mais pudermos atrapalhar sua força de vontade, melhor. Ele não pode “tentá-los” para a virtude, assim como nós os tentamos para a perversão. Ele quer que eles aprendam a andar e, portanto, não lhes oferece a Sua mão; e, se a vontade que eles têm de andar for genuína, Ele será capaz de se satisfazer até mesmo com seus tombos. Não se engane, Vermebile. Nunca a nossa causa corre tanto perigo como quando um humano que não deseja mais, mas ainda assim tenciona fazer a vontade do nosso Inimigo, perscruta um universo do qual Ele parece ter desaparecido sem deixar rastro, e pergunta por que foi abandonado, e ainda obedece.

Mas é claro que os períodos de baixa também nos dão ótimas oportunidades. Na próxima semana, eu lhe darei algumas dicas sobre como explorar essas fases.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Espero que a minha última carta o tenha convencido de que a tribulação, o ponto baixo de “aridez” e embotamento que o seu paciente enfrenta no momento, não irá, por si só, dar-lhe a sua alma, e sim que é algo que precisa ser devidamente explorado. A seguir discorrerei sobre como explorar essa fase.

Em primeiro lugar, sempre fui da opinião de que os períodos de baixa da ondulação humana nos dão uma excelente oportunidade para todas as tentações de cunho sensual, principalmente as do sexo. Talvez isso seja uma surpresa para você, porque, afinal de contas, é nas fases de pico que existe mais energia física e, portanto, mais

apetite em potencial; mas você deve se lembrar de que o poder da resistência também está no seu nível máximo. A saúde e a disposição que você quer usar para produzir a luxúria também podem – ai de nós – ser facilmente usadas para a labuta, a diversão, o pensamento ou a alegria inócua. O ataque será mais bem-sucedido quando todo o mundo interior de um homem estiver frio, vazio, triste. Também é importante notar que a sexualidade nas fases de baixa difere sutilmente em qualidade da sexualidade nas fases de pico – está bem menos propensa àquele fenômeno insípido que os humanos chamam de “apaixonar-se”, mais propensa a ser atraída para as perversões e bem menos contaminada por aqueles adendos generosos, cheios de imaginação e até mesmo espirituais que geralmente fazem com que a sexualidade humana seja tão decepcionante. O mesmo acontece com os outros prazeres da carne. Você terá mais chance de tornar o seu homem um legítimo alcoólatra se lhe empurrar a bebida como solução para sua apatia e exaustão do que ao encorajá-lo a usar a bebida como forma de diversão entre amigos quando ele estiver feliz e expansivo. Nunca se esqueça de que, quando lidamos com qualquer prazer, na sua forma normal e gratificante, estamos, de certo modo, no campo do Inimigo. Eu sei que já ganhamos várias almas através do prazer. Ainda assim, o prazer é invenção d’Ele, não nossa. Ele concebeu

os prazeres. Nossa pesquisa, até o momento, não permitiu que produzíssemos sequer um deles. Tudo o que podemos fazer é encorajar os humanos a abordar os prazeres que o nosso Inimigo criou e usá-los de certas formas, ou em certos momentos, ou em certo grau que Ele tenha proibido. Sempre tentamos, portanto, trabalhar longe das condições naturais de qualquer prazer, e sim naquelas em que ele é menos natural, em que menos sugira seu Criador, e menos gratificante. A fórmula, portanto, resume-se a uma ânsia cada vez maior por um prazer cada vez menor. É mais seguro e é mais *elegante*. Possuir a alma de um homem e não lhe dar *nada* em troca – é isso o que realmente alegra o coração do Nosso Pai. E as fases de baixa são a época em que devemos dar início a esse processo.

Mas existe um método ainda melhor para explorar os momentos de baixa, que é através dos próprios pensamentos do paciente sobre eles. Como sempre, o primeiro passo é afastá-lo do conhecimento. Não o deixe sequer suspeitar da existência da lei da ondulação. Deixe-o pensar que seria natural que o entusiasmo inicial de sua conversão durasse e que deveria ter durado para sempre, e que o seu atual estado de aridez é um estado igualmente permanente. Uma vez que essa crença errônea estiver bem arraigada dentro dele, você poderá avançar de diversas maneiras. Tudo dependerá de o seu ho-

mem ser do tipo fácil de desencorajar, aquele que pode ser tentado a cair em desespero, ou de ser do tipo adepto do auto-engano, aquele que pode ser levado a acreditar que está tudo bem. É cada vez mais raro o primeiro tipo entre os humanos. Se o seu paciente for desse tipo, tudo será mais fácil. Você deverá apenas afastá-lo da influência dos Cristãos mais experientes (o que é fácil de conseguir nos dias de hoje), voltar sua atenção para as passagens apropriadas nas Escrituras e guiá-lo para que fique totalmente determinado a recobrar seus sentimentos anteriores através da pura força de vontade. Se você fizer isso, ele será nosso. Se ele for do tipo mais esperançoso, seu trabalho consistirá em fazê-lo resignar-se à atual frieza de sua alma e gradualmente contentar-se com ela, tentando convencer-se de que, afinal de contas, ela não está tão fria assim. Dentro de uma ou duas semanas, ele ficará em dúvida se os primeiros dias do seu Cristianismo não foram talvez um tanto exagerados. Converse com ele sobre “moderação em todas as coisas”. Se você conseguir fazê-lo chegar ao ponto de pensar que “a religião é benéfica só até certa medida”, você poderá então soltar fogos de artifício, pois a alma dele estará prestes a ser sua. Uma religião moderada é tão proveitosa para nós quanto religião nenhuma – e ainda mais divertida.

Existe também a possibilidade de atacar a sua fé diretamente. Quando você conseguir fazê-lo imaginar que

o período de baixa é permanente, será que não poderia também persuadi-lo de que “sua fase religiosa” irá acabar, como todas as suas fases anteriores? É claro que não existe um modo concebível de ir, através da lógica, da afirmação “Estou gradualmente perdendo interesse por este assunto” até a afirmação “Tudo isso é falso”. Mas, como eu disse anteriormente, você deve contar com o jargão, não com a razão. A simples palavra “fase” certamente fará a mágica. Suponho que a criatura já passou por várias fases antes – todos eles passam – e que ele se sinta superior a todas as fases ruins das quais conseguiu sair; não porque ele as tenha realmente avaliado, mas apenas porque estão no passado. (Imagino que você sempre o alimente com idéias nebulosas sobre Progresso, Desenvolvimento e o Ponto de Vista Histórico, e que lhe dá muitas biografias modernas para ler, não é? Nesses livros, todas as pessoas estão sempre saindo de fases, não é mesmo?)

Captou a idéia? Distraia a atenção dele da simples antítese entre Verdadeiro e Falso. Ponha em sua mente algumas expressões bem vagas – “foi só uma fase”, “já passei por isso” – e nunca se esqueça desta bendita palavra: “adolescente”.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Fiquei muito feliz quando Rancatranco me contou que o seu paciente fez novas amizades, bastante desejáveis, e que você parece ter-se aproveitado da situação de modo bastante favorável. Suponho que o casal de meia-idade que ligou para o escritório dele seja exatamente o tipo de gente que desejamos que ele conheça – ricos, inteligentes, superficialmente intelectuais e extremamente céticos quanto a tudo no mundo. Suponho que sejam até mesmo um pouco pacifistas, não por motivos morais, e sim por causa do velho hábito de relegar a segundo plano tudo o que tiver relação com a grande massa de seus semelhantes, e também devido a uma

pitada de comunismo puramente literário, “que está na moda”. Tudo isso é muito bom. E parece que você fez excelente uso de toda a vaidade intelectual, sexual e social do seu paciente. Conte-me mais. Ele ficou bastante envolvido com eles? Mas eu não quero saber as palavras que usou. Há um jogo sutil de olhares, um certo tom de voz e de riso com que um mortal pode fingir que considera aqueles com quem conversa seus iguais. Esse é o tipo de traição que você deve particularmente encorajar, porque o homem não será capaz de ter plena consciência disso; e, quando tiver, você já terá feito com que seja difícil para ele cortar os laços.

Sem dúvida, ele logo se dará conta de que sua fé é totalmente contrária a todos aqueles conceitos sobre os quais seus novos amigos baseiam suas opiniões. Eu não acho que isso seja de grande relevância, contanto que você consiga persuadi-lo a postergar o franco reconhecimento desse fato – e isso é fácil de fazer, com a ajuda da vergonha, do orgulho, da modéstia e da vaidade. Enquanto ele adiar o momento de confessar a sua fé, estará numa posição falsa. Ficarà em silêncio quando deveria falar, e irá rir quando deveria ficar em silêncio. Ele adotará, primeiro apenas com atos, mas logo em seguida com palavras, todo tipo de ceticismo e sarcasmo, atitudes que não são originalmente suas. Mas, se você conseguir manipulá-lo direitinho, poderá fazer com que

se transformem em atitudes dele. Todos os mortais tendem a se transformar naquilo que fingem ser; esta é uma lei básica. A verdadeira dificuldade está em preparar-se para o contra-ataque do Inimigo.

A primeira coisa a fazer é adiar o máximo que puder o momento em que ele se dê conta de que este novo prazer é uma tentação. Talvez isso seja difícil de conseguir, já que os servos do Inimigo pregam há dois mil anos que “o Mundo” é uma das grandes tentações clássicas. Mas felizmente todos têm falado muito pouco sobre isso nas últimas décadas. Nos textos cristãos modernos, embora eu veja muitas referências (de fato, mais do que gostaria) a Mammon, vejo que há muito pouca advertência quanto às Vaidades Mundanas, à Escolha dos Amigos e ao Valor do Tempo. Tudo isso seu paciente certamente classificaria como “puritanismo” – e permita-me fazer um comentário a respeito: o valor que nós conseguimos dar a essa palavra é uma das maiores vitórias dos últimos cem anos. Através dela, conseguimos resgatar milhares de humanos de uma vida de temperança, castidade e bom senso.

Cedo ou tarde, no entanto, a verdadeira natureza de seus amigos ficará clara para ele, e então sua tática dependerá da inteligência do seu paciente. Se ele for tolo o bastante, você poderá fazê-lo perceber a índole de seus amigos apenas quando eles estiverem ausentes; faça com

que a presença deles elimine toda possibilidade de crítica. Se der certo, você poderá induzi-lo a viver, como muitos humanos, duas vidas paralelas, durante longos períodos; ele não apenas parecerá ser, mas realmente será, um homem diferente em cada círculo de pessoas que freqüentar. Se isso falhar, existe um método mais sutil e mais divertido. Você pode fazer com que ele tenha verdadeiro prazer ao perceber que existem dois lados de sua vida que são incompatíveis. Você obterá isso explorando sua vaidade. Poderá ensiná-lo a gostar de se ajoelhar ao lado do dono da mercearia aos domingos apenas porque se recorda de que o dono da mercearia jamais poderia entender o insolente mundo urbano que ele habita no domingo à noite; e, de modo inverso, a apreciar ainda mais a grosseria e blasfêmia enquanto toma café com seus amigos maravilhosos, porque está ciente de que dentro dele há um mundo mais “profundo” e “espiritual” que eles são incapazes de compreender. Eu acho que você entende o que quero dizer – os amigos mundanos o tocam de um lado e o dono da mercearia do outro, e ele é o homem complexo, completo e equilibrado que consegue ter uma visão privilegiada de todos eles. Assim, enquanto for desleal para com pelo menos dois grupos de pessoas, ele sentirá, no lugar da vergonha, uma grande satisfação por si mesmo. Finalmente, se tudo isso falhar, você poderá persuadi-lo, como

desobediência à sua consciência, a continuar a nova amizade com base no raciocínio de que ele está, de algum modo não muito evidente, fazendo algum “bem” para essas pessoas pelo simples fato de tomar seus coquetéis e rir de suas piadas, e que deixar de fazer tudo isso seria “excessivo”, “intolerante” e (óbvio) “puritano”.

Enquanto isso, você obviamente deverá tomar as devidas precauções: certificar-se de que o envolvimento dele com essas pessoas o faz gastar mais dinheiro do que seria aconselhável, e também levá-lo a negligenciar seu trabalho e sua mãe. A surpresa, o ciúme que ela sentirá, bem como a grosseria e as respostas cada vez mais evasivas que ele dará, serão elementos valiosíssimos para piorar a tensão doméstica.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Tudo está indo muito bem. Fico especialmente feliz em saber que os dois novos amigos apresentaram a ele outras pessoas. Todos eles, como pude saber através dos arquivos, são pessoas totalmente confiáveis; são resoluta e constantemente adeptas do sarcasmo e apegadas às coisas mundanas; pessoas que, sem terem cometido nenhum crime mais grave, aos poucos progridem calma e suavemente para a casa de Nosso Pai. Você me diz que eles gostam bastante de rir. Espero que com isso você não tenha a falsa impressão de que o riso, por si só, sempre está a nosso favor. Esse, aliás, é um assunto que merece alguma atenção.

Divido as causas do riso humano em Alegria, Diversão, a Pihéria em Si e Irreverência. Você pode identificar a primeira entre amigos e amantes que se reúnem num dia de comemoração. Entre os adultos, geralmente existe algum pretexto para haver Pihéria, mas a facilidade com que os menores gracejos produzem riso numa hora dessas mostra que ela não é a causa verdadeira. Não sabemos qual é a causa verdadeira. Algo semelhante se expressa em muito naquela arte detestável a que os humanos dão o nome de Música, e algo semelhante ocorre no Céu – uma aceleração sem propósito no ritmo da experiência celestial, algo bastante vago para nós. O riso desse tipo não nos é proveitoso de modo algum, e sempre deve ser desencorajado. Além disso, o fenômeno é em si mesmo repulsivo e uma ofensa direta ao realismo, à dignidade e à austeridade do Inferno.

A Diversão está estritamente ligada à Alegria – um tipo de subproduto emocional do instinto da brincadeira. Ela é de pouco proveito para nós. É claro que pode ser utilizada vez ou outra para desviar os humanos de alguma outra coisa que o Inimigo gostaria que eles sentissem ou fizessem; mas, em si mesma, a alegria tem conseqüências totalmente indesejáveis – ela promove a caridade, a coragem, a satisfação e muitos outros males.

A Pihéria em Si, que depende imediatamente de uma percepção da incongruência, é um campo bem mais

promissor. Não falo especialmente do humor indecente ou grosseiro, o qual, embora sirva de base para os tentadores de segunda classe, é bastante decepcionante em seus resultados. A verdade é que, nesse aspecto, os humanos se dividem claramente em duas classes. Existem aqueles para quem “nenhuma paixão é tão séria quanto a luxúria” e para quem, quanto mais uma história indecente for engraçada, menos lascívia ela vai causar; há outros para quem o riso e a luxúria são despertados ao mesmo tempo e pelas mesmas coisas. Os do primeiro tipo fazem gracejos sobre o sexo porque ele dá margem a muitas incongruências; os do segundo cultivam a incongruência, porque ela lhes dá um pretexto para falar sobre sexo. Se o seu homem for do primeiro tipo, o humor grosseiro não será de grande ajuda – nunca me esqueço das horas que desperdicei (horas de insuportável tédio) com um dos meus primeiros pacientes em bares e salões de fumo antes de aprender essa regra. Descubra a que grupo o seu paciente pertence, e faça de tudo para que ele mesmo não descubra.

O verdadeiro uso da Pílhéria ou do Humor tem uma orientação bastante diferente, e é particularmente promissor com os ingleses: eles levam seu “senso de humor” tão a sério que uma deficiência nesse sentido é quase a única deficiência da qual sentem vergonha. O Humor é, para eles, a graça da vida que a tudo consola

e (extremamente importante) que a tudo perdoa. Portanto, o humor é de grande valor para acabar com o sentimento de vergonha. Se um homem deixa que outros paguem as contas em seu lugar, ele é “sovina”; se ele se gaba disso de modo jocoso e ridiculariza os amigos por terem sido passados para trás, ele não é mais “sovina”, mas um sujeito engraçado. A mera covardia é vergonhosa, mas a covardia da qual se gaba com exagero cômico e gestos grotescos pode parecer engraçada. A crueldade é vergonhosa – exceto quando o homem cruel expressa a sua crueldade “pregando uma peça” em alguém. Mil piadas obscenas, ou até mesmo blasfemas, não são de grande ajuda para se conseguir a danação de um homem tanto quanto a descoberta de que quase tudo o que ele deseja fazer pode ser feito, não apenas com a aprovação mas também com a admiração de seus companheiros, se ele puder fazer tudo parecer uma Piada. E essa tentação pode passar quase inteiramente despercebida ao seu paciente devido à importância que os ingleses dão ao Humor. Qualquer sugestão de que talvez esteja sendo excessivo poderá ser interpretada por ele como “puritana”, ou indicará uma “falta de humor”.

Mas a irreverência é a melhor de todas. Em primeiro lugar, ela é bem econômica. Só um humano bastante inteligente pode fazer uma verdadeira Piada sobre a virtude, ou sobre qualquer outra coisa; mas qual-

quer um pode ser treinado para falar *como* se a virtude *fosse* algo engraçado. Entre as pessoas irreverentes, a Piada é dada como certa. Nenhuma delas fez de fato uma Piada, mas todo assunto sério é discutido de tal modo que indica que todos já perceberam o lado ridículo da coisa. Se prolongado, o hábito da Irreverência constrói em volta de um homem a melhor defesa que eu conheço contra o Inimigo. Ela também não possui os perigos inerentes às outras fontes de riso. Está infinitamente distante da alegria: em vez de aguçar o intelecto, ela o enfraquece, e não desperta a afeição entre aqueles que a praticam.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Sem dúvida, você está fazendo excelente progresso. Eu apenas temo que, ao tentar apressar o paciente, você faça com que ele perceba a sua situação. Afinal, nós dois, que enxergamos a situação como ela se apresenta na realidade, jamais devemos nos esquecer do quanto ele a percebe de modo totalmente diverso. Sabemos que ocasionamos uma mudança de rumo que já o está levando para bem longe da órbita do Inimigo, mas você deve fazê-lo imaginar que todas as escolhas que causavam essa mudança de curso são revogáveis e insignificantes. Jamais permita que ele suspeite de que agora está, mesmo que lentamente, distanciando-se do Sol

numa rota que o levará direto para a frieza e a escuridão do espaço mais distante.

Por esse motivo, fico quase feliz em saber que ele ainda vai à igreja e que ainda comunga. Sei que há perigo nisso, mas qualquer coisa é melhor do que ele perceber o quanto está distante dos primeiros meses de sua vida cristã. Conquanto ele retenha externamente os hábitos de um cristão, você poderá fazê-lo imaginar que é uma pessoa que adotou novos amigos e divertimentos, mas cuja vida espiritual ainda é praticamente a mesma de seis semanas atrás. E, enquanto ele continuar pensando dessa maneira, não teremos de lutar com o arrependimento explícito de um pecado explícito que ele reconhece totalmente, e sim apenas com a sensação vaga, mas ainda assim um tanto incômoda, de que ele não tem se comportado muito bem ultimamente.

É preciso manipular cuidadosamente essa vaga sensação incômoda. Se ela se tornar muito forte, poderá despertá-lo e, com isso, vir a arruinar tudo. Por outro lado, se você a suprimir por completo – o que, aliás, o Inimigo provavelmente não permitirá que aconteça –, nós perdemos um ingrediente da situação que poderá reverter a nosso favor. Se permitirmos a existência desse sentimento, sem que seja irresistível ou que se transforme num arrependimento genuíno, ele dará excelentes frutos. Ele fará com que o paciente fique mais relu-

tante a pensar sobre o Inimigo. Todos os humanos, em quase todas as épocas, possuem essa relutância em algum grau; mas quando para pensar n'Ele é preciso enfrentar e intensificar a vaga nuvem de culpa semiconsiente, essa relutância fica dez vezes maior. Eles odeiam qualquer idéia que possa sugerir o Inimigo, assim como os homens que passam por dificuldades financeiras odeiam a simples vista do contador. Nessa situação, o seu paciente não apenas irá negligenciar seus deveres religiosos como passará a gostar cada vez menos deles. Ele refletirá sobre eles o mínimo que julgar decente, e se esquecerá deles o mais rápido possível assim que os cumprir. Algumas semanas atrás você teve de *tentá-lo* para a irrealidade e para a desatenção em suas preces, mas agora ele está de braços abertos para você, quase implorando para que você o distraia de seus propósitos e entorpeça o seu coração. Ele desejará que suas preces sejam irreais, pois nada lhe será mais odioso do que o contato efetivo com o Inimigo. O objetivo dele será o de nunca remexer a sujeira que está debaixo do seu próprio tapete.

À medida que essa situação se consolidar, você ficará cada vez mais livre da cansativa tarefa de propiciar Prazeres como tentações. À medida que a sensação incômoda e a relutância em enfrentá-la o afastam cada vez mais da verdadeira felicidade, e que o hábito faz com que seja cada vez mais difícil renunciar aos prazeres da

vaidade, da alegria e da irreverência, que cada vez mais dão menos prazer (pois é isso o que o hábito faz na verdade), você perceberá que será necessário muito pouco, ou até mesmo nada, para atrair a sua atenção. Não será mais preciso um livro interessante (coisa que particularmente lhe agrada) para afastá-lo de suas preces, de seu trabalho ou de seu sono; a coluna de classificados do jornal de ontem será suficiente. Você pode fazê-lo desperdiçar seu tempo não apenas conversando com as pessoas de quem gosta, mas conversando com aqueles com quem ele não se importa sobre assuntos que o entediam. Você pode fazê-lo ficar sem fazer nada por longos períodos de tempo. Você pode fazê-lo ficar acordado à noite, não bebendo numa festa, mas apenas de olhos fixos na lareira apagada numa sala fria. Podemos impedir todas aquelas atividades saudáveis e sociáveis que desejamos que ele evite e não lhe dar *nada* em troca, de tal modo que ele finalmente dirá, assim como um de meus pacientes quando de sua chegada aqui embaixo: “Agora vejo que passei grande parte da minha vida sem fazer *nem* o que eu devia fazer *nem* aquilo de que eu gostava”. Os Cristãos descrevem o Inimigo como alguém “sem o qual Nada é forte”*. E o Nada é bem forte: forte o suficiente para roubar os melhores anos da vida de

.....

* Trecho de uma oração do *Common Book of Prayer*, livro que contém preces e orações para os ofícios litúrgicos na Igreja Anglicana. (N. da T.)

um homem, não através de doces pecados, e sim na terrível oscilação de seus pensamentos sobre sabe-se lá o quê, e sabe-se lá por que razão, na satisfação de curiosidades tolas das quais ele pouco tem consciência, no tamborilar dos dedos e nos breves momentos de euforia, no assobiar de canções de que ele não gosta ou no extenso e mal-iluminado labirinto de devaneios que nem sequer possuem o sabor da luxúria ou da ambição, mas que, uma vez que o acaso lhes der impulso inicial, a criação estará muito fraca ou confusa para evitar.

Você dirá que esses são pecados bem pequenos; e, sem dúvida, como todos os tentadores jovens, você está ansioso para relatar impressionantes atos de crueldade. Mas lembre-se de que a única coisa que importa é o quanto você afasta o homem do Inimigo. O tamanho dos pecados não importa, desde que seu efeito cumulativo seja o de afastar o homem da Luz e levá-lo para o Nada. O assassinato não é mais eficaz que o jogo de cartas se o jogo de cartas já for sucifiente. De fato, o caminho mais rápido para o Inferno é aquele que é gradual – um leve declive, um caminho suave, sem curvas abruptas, sem marcações e sem placas.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Tenho a impressão de que você escreveu páginas e páginas para contar uma história que na verdade é bastante simples. Podemos resumir tudo assim: você deixou o homem escapar como a areia que escorre por entre os dedos. A situação é bem grave, e na verdade não vejo motivo para você tentar se proteger das consequências da sua ineficiência. O arrependimento e a renovação daquilo que o outro lado chama de “graça”, na escala que você descreve, é uma grande derrota. Isso significa uma segunda conversão – e provavelmente num nível ainda mais profundo do que a primeira.

Como você certamente já suspeitava, a nuvem asfixiante que impediu o seu ataque ao paciente, no momento em que ele voltava de seu passeio ao velho moinho, é um fenômeno bem conhecido. É a arma mais cruel do Inimigo, e geralmente aparece quando Ele se faz presente diretamente para o paciente sob certas formas ainda não totalmente catalogadas. Alguns humanos estão permanentemente cercados delas e estão, portanto, inacessíveis a nós.

Agora falemos dos seus erros. De acordo com o seu próprio relato, você, em primeiro lugar, permitiu que o paciente lesse um livro de que realmente gostava simplesmente por gostar, e não para fazer comentários inteligentes sobre a obra para seus novos amigos. Em segundo lugar, você permitiu que ele fosse até o velho moinho e lá tomasse chá – um passeio pelo campo, coisa que ele realmente aprecia, e ainda por cima sozinho. Em outras palavras, você permitiu que ele tivesse dois Prazeres positivos. Será que você foi tão estúpido a ponto de não perceber o perigo disso tudo? A característica principal das Dores e dos Prazeres é que eles são inegavelmente reais e, portanto, até onde podem, dão ao homem que os sente a pedra de toque da realidade. Portanto, se você estava tentando levar o seu homem à danação pelo método Romântico – fazer dele uma espécie de Childe Harold ou de um Werther mergulhado na auto-

comiseração devido a angústias imaginárias –, você deveria tentar protegê-lo a todo custo de qualquer dor real; porque cinco minutos de uma genuína dor de dentes provavelmente seriam capazes de revelar que as tristezas românticas não passavam de bobagem e desmascarariam todo o seu estratagema. Mas você estava tentando levar seu paciente à danação através do Mundo, ou seja, empurrando-lhe como prazeres a vaidade, a confusão, a ironia e o tédio dispendioso. Como é possível você não ter percebido que um prazer real deveria ser a última coisa que ele poderia experimentar? Você não sabia que ele iria comparar isso a toda a ninharia que você arduamente ensinou-lhe a valorizar, à qual acabaria sendo jogada fora? E que o prazer proporcionado pelo livro e pelo passeio era do tipo mais perigoso de todos? Que fatalmente o faria se livrar da crosta que estava se formando por cima de sua sensibilidade, o faria sentir que estava aos poucos voltando ao normal, voltando a si? Como preparação para afastá-lo do Inimigo, você queria que ele se afastasse de si mesmo, e fez algum progresso nessa área. Mas, agora, tudo voltou ao que era antes.

Obviamente, eu sei que o Inimigo também quer que os homens se afastem de si mesmos, mas de modo diferente. Lembre-se sempre de que Ele realmente gosta desses vermezinhas, e que dá um valor absurdo para a

individualidade de cada um deles. Quando Ele fala sobre o fato de eles perderem a si mesmos, Ele apenas se refere ao abandono da vontade própria; uma vez alcançado esse abandono, Ele lhes devolve toda a sua personalidade e gaba-se (desconfio que o faça sinceramente) do fato de que, quando eles pertencerem totalmente a Ele, serão mais eles mesmos do que nunca. Portanto, ao mesmo tempo que se compraz em vê-los sacrificando suas menores vontades à d'Ele, Ele odeia ver que eles estão se afastando de sua própria natureza por outros motivos. E nós devemos sempre encorajá-los a isso. Os impulsos e as preferências mais íntimos de qualquer homem são a matéria-prima dada a ele pelo Inimigo. Afastá-lo de ambas as coisas é, portanto, sempre uma vantagem para nós; mesmo nas coisas sem importância é sempre desejável substituir as próprias preferências e aversões de um humano pelos padrões do mundo, pela convenção, pela moda. Eu mesmo levaria isso às últimas conseqüências. Estabeleceria a seguinte meta: erradicar do meu paciente qualquer gosto particular mais forte que não seja essencialmente um pecado – mesmo que seja algo bem trivial, como um certo apreço pelo jogo de críquete, ou colecionar selos, ou tomar chocolate quente. Eu lhe asseguro de que essas coisas não carregam em si mesmas nenhuma virtude; mas existe nelas uma espécie de inocência, humildade e esquecimento de si

mesmo que me deixa desconfiado. O homem que aprecia de modo genuíno e desinteressado qualquer coisa do mundo, por nenhuma outra razão senão a coisa em si, e sem dar a mínima para o que os outros dizem a respeito, está, por esse mesmo motivo, previamente munido contra alguns dos nossos ataques mais sutis. Você sempre deve tentar fazer com que o seu paciente abandone as pessoas, a comida ou os livros de que realmente gosta em nome de pessoas “melhores”, da comida “certa”, dos livros “importantes”. Conheci um humano que era capaz de se defender das fortes tentações da ambição social através de seu apreço ainda maior por dobradinha acebolada.

Resta avaliar como podemos consertar o desastre. O melhor a fazer é evitar que ele faça alguma coisa. Enquanto ele não transformar isso em ação, não importará o quanto ele pense sobre o seu novo estado de contrição. Deixe que o pobre animal chafurde nele. Deixe-o, se ele tiver alguma inclinação para isso, escrever um livro sobre o assunto; este costuma ser um excelente modo de tornar estéreis as sementes que o Inimigo planta na alma de um homem. Deixe-o fazer tudo, menos agir. Não importa quanta piedade ele tenha na sua mente e no seu coração – ela não irá nos afetar se nós pudermos deixá-la longe de sua força de vontade. Como disse um dos humanos, os hábitos ativos são reforçados pela re-

petição, mas os passivos são enfraquecidos. Quanto mais inativo ele ficar, mais incapaz será de agir e, a longo prazo, mais incapaz será de sentir.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

O que mais me assusta no seu último relato é o fato de o paciente não estar mais tomando nenhuma daquelas decisões confiantes que caracterizaram sua conversão original. Suponho que ele não faça mais promessas extravagantes de virtude eterna; que nem mesmo tenha a expectativa de receber o dom da “graça” da vida, e sim apenas de ter a esperança de ser capaz, a cada dia, a cada momento, de enfrentar a tentação de cada dia e de cada momento! Isso é péssimo.

Só há uma coisa a fazer. O seu paciente tornou-se humilde; você já tentou chamar-lhe a atenção para o fato?

Todas as virtudes são menos terríveis para nós se o homem estiver ciente delas, mas isso é particularmente verdadeiro no caso da humildade. Tente pegá-lo naquele momento em que ele estiver bem pobre de espírito, e sorrateiramente enfie na cabeça dele esta agradável reflexão: “Céus, estou sendo humilde.” Você verá que quase imediatamente o orgulho – o orgulho pela sua própria humildade – aparecerá. Se ele perceber o perigo e tentar sufocar essa nova forma de orgulho, faça-o ficar orgulhoso de sua tentativa – e assim por diante, em quantos níveis desejar. Mas não use esse método durante muito tempo, pois você poderá despertar seu senso de humor e de proporção e, nesse caso, ele simplesmente rirá de você e irá para a cama dormir.

Existem, porém, outros métodos eficazes para fixar a atenção dele sobre a virtude da Humildade. Por meio dessa virtude, assim como por todas as outras, o nosso Inimigo busca desviar a atenção do homem de si mesmo para Ele e para seus semelhantes. Toda a humilhação e repulsa por si próprio que um humano pode sentir existem, a longo prazo, apenas para este fim; a não ser que alcancem o seu objetivo, elas causam pouco dano; e podem até mesmo ser de grande ajuda para nós se mantiverem o homem preocupado consigo mesmo e, acima de tudo, se a repulsa por si próprio puder ser transformada no ponto inicial para sentir desprezo pelos

outros e, a partir daí, para chegar à melancolia, ao sarcasmo e à crueldade.

Você deve portanto esconder de seu paciente a verdadeira finalidade da Humildade. Deixe-o pensar nela não como o ato de esquecer de si mesmo, e sim como um certo tipo de opinião (ou seja, uma opinião rasteira) sobre seus próprios talentos e seu caráter. Suponho que ele tenha algum talento. Inculque em sua mente a idéia de que a humildade consiste em tentar acreditar que esses talentos são menos valiosos do que ele acredita que são. Sem dúvida eles *são* de fato menos valiosos do que ele acredita, mas não é esse o ponto. A grande diferença é fazê-lo dar valor a uma opinião por alguma razão que não seja a verdade, introduzindo, assim, um elemento de desonestidade e faz-de-conta no âmago daquilo que, de outro modo, poderia tornar-se uma virtude. Com esse método, fomos capazes de fazer com que milhares de humanos pensassem que a humildade significa aquilo que sentem as mulheres bonitas que tentam acreditar que são feias, ou os homens inteligentes que tentam acreditar que são tolos. E já que aquilo em que tentam acreditar pode, em alguns casos, ser um absurdo completo, eles não conseguirão, e aí está a nossa oportunidade para fazer com que quebrem a cabeça para tentar alcançar o impossível. É preciso antes avaliar os objetivos do Inimigo para prever Sua estratégia. O Inimigo quer deixar

o homem num estado de espírito no qual ele poderia projetar a melhor catedral do mundo, ter consciência de que é a melhor, alegrar-se com o fato, e ainda assim não ficar nem um pouco mais (ou menos) contente por tê-la feito do que ficaria se a catedral tivesse sido projetada por outra pessoa. O Inimigo quer que ele, no fim das contas, livre-se de toda predisposição em proveito próprio para que possa alegrar-se com o próprio talento com a mesma gratidão e sinceridade que sentiria ao testemunhar o talento do seu semelhante – ou ao ver um pôr-do-sol, um elefante, uma cachoeira. Ele quer que cada homem seja a longo prazo capaz de reconhecer todas as criaturas (mesmo ele próprio) como coisas maravilhosas e extraordinárias. Ele quer matar o amor-próprio animal que existe neles o mais depressa possível; mas é Sua política de longo prazo, receio eu, restituir-lhes um novo tipo de amor-próprio – uma caridade e gratidão por todos os seres, incluindo eles próprios; quando, finalmente, aprenderem a amar o próximo como a si mesmos, terão permissão para amar a si mesmos como a seus próximos. Pois jamais devemos nos esquecer da mais repugnante e inexplicável característica do nosso Inimigo: Ele *realmente* ama esses bípedes implumes que criou e sempre devolve a eles com a mão direita aquilo que tomou deles com a esquerda.

O seu objetivo, portanto, é fazer com que o homem pare completamente de se concentrar no seu próprio valor. O Inimigo preferiria que um homem considerasse a si próprio um grande arquiteto, ou um grande poeta, e depois esquecesse completamente do assunto, a que gastasse seu tempo e sua energia tentando acreditar que é um arquiteto ruim ou um poeta medíocre. Assim, sempre que você tentar instilar no seu paciente a altivez e a falsa modéstia, ele será defendido pelo Inimigo, que o fará lembrar-se de que em geral um homem não deve sentir-se tentado a ter nenhuma opinião sobre suas próprias qualidades, já que ele pode muito bem continuar a melhorá-las o máximo que puder, e não se preocupar em decidir qual exatamente seria o seu lugar no templo da Fama. Custe o que custar, você deverá tentar eliminar essa advertência da consciência do seu paciente. O Inimigo também tentará fixar na mente dele uma doutrina que todos eles professam mas acham difícil de adaptar a seus sentimentos – a doutrina de que eles não criaram a si mesmos, que receberam seus dons como dádivas, e que poderiam muito bem, se não fosse assim, ter orgulho da cor de seus próprios cabelos. Mas o objetivo do Inimigo, independentemente do método, sempre será fazer o seu paciente deixar de se preocupar com essas questões, e o seu papel é fazê-lo pensar nelas. O Inimigo nem sequer deseja que um homem pense demais nos

próprios pecados: uma vez arrependido, quanto mais depressa ele deixa de prestar atenção em si mesmo, mais satisfeito fica o Inimigo.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Evidentemente, eu já tinha percebido que os humanos estão passando por um momento de calma em sua guerra européia – que eles ingenuamente chamam de “A Guerra”! –, e não fico nem um pouco surpreso que o mesmo ocorra com os anseios do seu paciente. Devemos encorajar a situação ou mantê-lo preocupado? O medo apavorante e o excesso de confiança absurdo são ambos estados de espírito desejáveis. A escolha traz à tona questões relevantes.

Os humanos vivem no tempo, mas o nosso Inimigo destinou-lhes à eternidade. Acredito, portanto, que Ele quer que se preocupem basicamente com duas coisas:

a eternidade em si e aquele ponto do tempo que eles chamam de Presente. Pois o Presente é o ponto no qual o tempo toca a eternidade. Apenas com o momento presente os humanos têm uma experiência análoga àquela que o nosso Inimigo tem da realidade como um todo; somente nele eles possuem a liberdade e a realidade. Assim, Ele os deixa constantemente preocupados ou com a eternidade (o que significa preocupar-se com Ele) ou com o Presente – quer meditando sobre a eterna união com Ele, ou separação d’Ele, quer obedecendo à atual voz da consciência, carregando a cruz atual, recebendo a graça atual e dando graças pelo prazer atual.

Nossa meta é afastá-los do eterno e do Presente. Tendo isso em mente, às vezes tentamos um humano a viver no Passado (uma viúva ou um pesquisador, por exemplo). Mas isso tem um valor limitado, pois eles possuem algum conhecimento real do passado e o passado tem uma natureza definida e, desse modo, assemelha-se à eternidade. É bem melhor fazê-los viver no Futuro. As necessidades biológicas já fazem com que todas as suas paixões apontem nessa direção, de modo que o pensamento sobre o Futuro sempre instiga a esperança e o medo. Eles também desconhecem o fato; então, ao fazê-los pensar sobre o Futuro, nós estamos fazendo com que eles pensem em coisas irreais. Em uma palavra, o Futuro é, de todas as coisas, aquela que *menos se assemelha* à eternidade. É a parte mais totalmente tempo-

ral do tempo – pois o Passado está congelado, não flui mais, e o Presente está eternamente iluminado. É por isso que damos o nosso apoio a maquinações racionais como a Evolução Criativa, o Humanismo Científico ou o Comunismo, os quais fazem com que os homens se apeguem ao Futuro, ao próprio âmago da temporalidade. Desse modo, todas as falhas humanas têm suas raízes no futuro. A gratidão tem os olhos no passado e o amor no presente; o medo, a avareza, a luxúria e a ambição têm os olhos no futuro. Não pense que a luxúria é exceção. Quando se obtém o prazer no presente, o pecado (que é a única coisa que nos interessa) já cessou. O prazer é apenas parte do processo que lamentamos e que eliminaríamos se pudéssemos, sem com isso eliminar o pecado; é a contribuição do Inimigo, e é portanto experimentada no Presente. O pecado, que é a nossa contribuição, tinha os olhos no futuro.

Obviamente, o Inimigo deseja que os homens pensem também no Futuro – apenas o suficiente para planejar *agora* os atos de justiça ou caridade que provavelmente farão parte das tarefas do dia de amanhã. A tarefa de planejar as tarefas do dia seguinte é tarefa do dia de *hoje*; embora peça emprestada do futuro a sua essência, o dever, como todos os deveres, está no Presente. Mas isso já é entrar em detalhes irrelevantes. Ele não quer que os homens ofereçam suas almas ao Futuro,

que depositem tudo o que têm de valioso nele. Mas nós queremos. O Seu ideal é o homem que, depois de ter trabalhado o dia inteiro pensando na posteridade (se essa for a sua vocação), logo depois esquece completamente o assunto e o deixa aos encargos do Céu, retornando imediatamente ao estado de paciência e gratidão que o presente exige. Nós, no entanto, queremos um homem atormentado pelo Futuro – assombrado por visões de um céu ou de um inferno iminentes sobre a Terra (e pronto a desobedecer às ordens do Inimigo no presente, se ao fazê-lo ele acreditar que poderá obter o céu ou evitar o inferno) – e dependente por sua fé no sucesso ou no fracasso de planos cujo objetivo ele não viverá o suficiente para presenciar. Queremos uma raça inteira de seres perpetuamente em busca do fim do arco-íris, jamais honestos, jamais gentis, jamais felizes agora, e sempre usando toda dávida verdadeira que lhes é concedida no Presente como mero combustível para poderem encher de dádivas o altar do futuro.

Daí se segue que, se tudo sair como o planejado, em geral será melhor deixar o seu paciente sempre num estado de ansiedade ou esperança (não importa muito qual dos dois) em relação a essa guerra do que deixá-lo viver o presente. Mas a frase “viver o presente” é ambígua. Ela pode descrever um processo que na verdade está tão relacionado com o Futuro quanto a própria ansiedade.

O seu paciente talvez não se preocupe com o Futuro – não porque ele se preocupa com o Presente, mas porque se convenceu de que o Futuro será aceitável. Enquanto essa for a verdadeira causa da sua tranqüilidade, ela nos será de grande proveito por fazê-lo acumular somente decepções (e portanto causar mais impaciência) quando suas falsas esperanças não forem atendidas. Se, por outro lado, ele estiver consciente dos horrores que o futuro pode lhe reservar e estiver rezando para obter as virtudes com que poderá enfrentá-los, e ao mesmo tempo estiver preocupado com o Presente apenas porque nele estão todo o dever, toda a graça, todo o conhecimento e todo o prazer, seu estado de espírito não nos valerá de nada e deverá ser atacado imediatamente. Aqui, mais uma vez, nosso Departamento de Filologia fez um excelente trabalho; tente usar a palavra “complacência” com ele. Mas, é claro, é mais provável que ele esteja “vivendo no Presente” devido a alguma outra razão, simplesmente porque tem boa saúde ou porque gosta do seu emprego. O fenômeno então seria apenas natural. Ainda assim, eu daria um jeito de acabar com ele, se fosse você. Nenhum fenômeno natural está realmente a nosso favor. E, afinal de contas, por que a criatura *deveria* ser feliz?

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Você mencionou casualmente em sua última carta que o paciente continua a freqüentar uma igreja, e uma apenas, desde que se converteu, e que não está totalmente satisfeito com ela. Posso perguntar o que você tem em mente? Por que até o momento não tenho nenhum relato seu sobre as causas da fidelidade dele a essa paróquia? Não percebe que, a menos que essa fidelidade se deva à indiferença, ela é algo bastante ruim? Certamente você sabe que, se pode curar um homem do seu hábito de ir à igreja, a melhor coisa a fazer em seguida é fazê-lo percorrer toda a vizinhança em busca da igreja

que “combina” com ele, até que ele se transforme num degustador, num *connoisseur* de igrejas.

As razões para isso são óbvias. Em primeiro lugar, a estrutura paroquial deve sempre ser atacada, porque, já que promove a união num espaço físico, sem com isso ser capaz de promover uma união de preferências, ela congrega em si pessoas de classes e disposições diferentes num tipo de união que o Inimigo deseja. O princípio da congregação, por outro lado, faz de cada igreja um tipo de clube e, caso dê certo, num grupo fechado ou facção. Em segundo lugar, a busca por uma igreja “que combine” com ele faz do homem um crítico, quando, na verdade, o Inimigo quer que ele seja apenas um aprendiz. O que Ele quer do leigo que vai à igreja é uma atitude que pode, de fato, ser crítica, no sentido de rejeitar aquilo que é falso ou imprestável, mas que é totalmente desprovida de julgamento crítico no sentido de não perder tempo pensando sobre aquilo que rejeita – na verdade, é uma atitude aberta, com uma receptividade humilde e acrítica, a tudo aquilo que possa alimentar-lhe a alma. (Viu só como Ele se rebaixa, o quanto é pouco espiritual e irremediavelmente vulgar?) Essa atitude, especialmente durante os sermões, cria a condição (bastante deletéria à nossa política) na qual uma alma humana passa a ser capaz de aproveitar a superficialidade. Praticamente não há sermão ou livro que não seja pe-

rigoso para nós caso seja apreciado nesse estado de espírito. Portanto, faça o favor de se apressar para fazer com que esse idiota visite as igrejas das redondezas o mais rápido possível. O seu desempenho até o momento não foi exatamente o que se pode chamar de satisfatório.

Fiz uma pesquisa sobre as duas igrejas mais próximas dele. Ambas possuem certas qualidades. Na primeira delas, o vigário está há tanto tempo engajado em diluir a fé, com o objetivo de fazer dela algo mais palatável para uma congregação supostamente incrédula e obstinada, que agora é ele quem choca os paroquianos com a sua falta de fé, *e não o contrário*. Ele já conseguiu minar o Cristianismo em várias almas. Sua conduta durante a missa também é admirável. De modo que elimine todas as “dificuldades” para os leigos, ele abandonou tanto as prédicas quanto os salmos do dia, e agora, sem que ele mesmo perceba, está preso num ciclo infinito composto por seus quinze salmos favoritos e vinte sermões favoritos. Portanto, não corremos o risco de que ele e seu rebanho alcancem através das Escrituras alguma verdade que já não lhes seja conhecida. Mas talvez o seu paciente não seja tolo o bastante para essa igreja – talvez não ainda?

Na outra igreja temos o Pe. Spike. Os humanos costumam ficar confusos quando tentam compreender a grande variedade das opiniões dele – afinal, num dia

ele é quase um comunista e no outro não está muito longe de um certo fascismo teocrático; um dia comporta-se como um escolástico, no outro está pronto a negar completamente a razão humana; num dia está mergulhado em política e, no dia seguinte, declara que todas as nações do mundo estão *igualmente* “sob julgamento”. Nós, é claro, enxergamos o vínculo que está por trás de tudo isso: o Ódio. Esse homem não consegue fazer um sermão que não seja previamente calculado para chocar, causar tristeza, confundir ou humilhar seus pais e os amigos destes. Um sermão aceitável para essas pessoas seria para ele tão insípido quanto analisar a métrica de um poema. Há também uma certa desonestidade nele, o que é bastante promissor; nós lhe estamos ensinando a dizer coisas como “O ensinamento da Igreja é etc.”, quando na verdade ele quer dizer “Tenho quase certeza de que li isso recentemente nas obras de Jacques Maritain ou coisa que o valha”. Mas devo alertá-lo, Vermebile, de que ele tem um defeito fatal: ele realmente acredita. E isso ainda pode pôr tudo a perder.

Ambas as igrejas, no entanto, têm um ponto em comum – são igrejas partidárias. Acho que eu o alertei anteriormente de que, se você não consegue fazer com que o seu paciente fique longe da Igreja, você deverá ao menos fazê-lo ficar profundamente ligado a algum grupo dentro dela. Com isso eu não quero dizer que ele deva

se sentir assim devido às questões realmente doutriniais; quanto mais indiferente ele for a elas, melhor. Nós não dependemos essencialmente das doutrinas para produzir hostilidade. A verdadeira diversão está em fomentar o ódio entre aqueles que *dizem* “missa” e aqueles que *dizem* “santa comunhão”, quando nenhum dos lados sequer seria capaz de afirmar a diferença entre, digamos, a doutrina de Hooker e a de Tomás de Aquino com argumentos que se sustentem por mais de cinco minutos. E todas aquelas coisas completamente irrelevantes – velas, paramentos etc. – também oferecem um vasto campo de ação para nós. Conseguimos eliminar quase por completo da mente dos homens o que aquele sujeito pestilento chamado Paulo costumava ensinar sobre a comida e outros supérfluos – isto é, que os humanos sem peso na consciência devem sempre aquiescer aos humanos adeptos da contrição. É de imaginar que eles não poderiam deixar de perceber a aplicação de tudo isso; seria natural esperar que o paroquiano da Igreja “inferior”* se ajoelhasse ostensivamente e fizesse o sinal-da-cruz como exemplo, para impedir que a fraca consciência de seu irmão “superior” fosse tomada pela falta de reverência, e que o da Igreja “superior” se abstinisse

.....
* A Igreja Anglicana divide-se basicamente em duas facções: a *High Church* (Igreja Superior), adepta de cerimônias, paramentos etc. que lembram os do rito católico, e a *Low Church* (“Igreja Inferior”), adepta do despojamento e da simplicidade. (N. do R.)

de fazer essas coisas para não induzir seu irmão “inferior” ao erro da idolatria. E assim seria, se não fosse o nosso árduo trabalho. Sem ele, a grande variedade de diferenças dentro da Igreja Anglicana talvez tivesse se tornado um verdadeiro manancial de caridade e humildade.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

A maneira desdenhosa com que você se referiu à gula como meio para capturar mais almas, na sua última missiva, apenas demonstra a sua ignorância. Uma das grandes realizações dos últimos cem anos foi solapar a consciência dos homens quanto ao assunto, de tal forma que agora você raramente encontra um sermão ou uma consciência atribulada com esse assunto em toda a Europa. Isso foi alcançado principalmente graças a nós, que concentramos nossos esforços na gula da Delicadeza, e não na gula do Excesso. Eu vi no dossiê, e você pode obter informações a respeito através de Gomaló-

sio, que a mãe do paciente é um bom exemplo disso. Ela ficaria assombrada se soubesse – um dia, espero, ela *saberá* – que toda a vida dela esteve atrelada a esse tipo de sensualidade, a qual lhe passa despercebida pelo fato de as quantidades envolvidas serem pequenas. Mas o que importa a quantidade se nós pudermos usar o estômago e o paladar humanos para produzir queixas, impaciência, falta de caridade e egoísmo? Gomalósio tem essa mulher na palma da mão. Ela é um verdadeiro terror para seus anfitriões e seus empregados. Ela sempre declina aquilo que lhe é oferecido, para depois dizer, com um suspirozinho recatado e um sorriso, “Ah, por favor... *tudo* o que eu quero é uma xícara de chá bem fraquinho, mas não muito fraquinho, e um pedaço pequenininho de nada de uma torrada bem torradinha”. Você percebe o que digo? Já que aquilo que ela quer é menor e mais barato do que aquilo que está na sua frente, ela nunca reconhece como gula sua determinação de obter exatamente o que quer, por mais trabalho que dê para os outros. No mesmo instante em que acha que está praticando a temperança, ela está satisfazendo seus desejos. Num restaurante lotado, ela dá um gritinho para o prato que alguma garçoneite visivelmente sobrecarregada de trabalho põe na sua frente, e diz: “Ah, não! É muita comida! Leve isso embora e me traga só a quarta parte disso tudo.” Se confrontada a respeito, ela dirá que fez

isso para evitar o desperdício; na verdade, ela o faz porque essa nuance de delicadeza, à qual nós a acorrentamos, faz com que seja um insulto para ela a visão de mais comida do que a quantidade desejada.

O grande valor do discreto trabalho que Gomalósio tem realizado ao longo dos anos com essa senhora pode ser percebido pelo modo com que o estômago dela agora domina toda a sua vida. A mulher está naquilo que pode ser chamado de estado de espírito “tudo-o-que-eu-quer”. Tudo o que ela quer é uma xícara de chá feito do jeito certo, ou um ovo cozido no ponto certo ou uma fatia de pão torrada da maneira certa. Mas ela nunca encontra um empregado ou um amigo que consiga fazer essas coisas da maneira “certa” – porque o “certo” dela esconde uma exigência insaciável quanto aos prazeres do paladar que ela imagina estar resgatando do seu passado, um passado por ela descrito como “a época em que era possível encontrar bons empregados”, mas conhecido por nós como a época em que era mais fácil agradar seus sentidos e ela tinha prazeres de outra espécie, os quais a deixavam menos dependente dos prazeres da mesa. Nesse ínterim, o desapontamento diário produz um péssimo humor, todos os dias: cozinheiras acabam pedindo demissão e os amigos ficam distantes. Se uma única vez o Inimigo chega a pôr em sua cabeça a mais leve desconfiança de que ela tem um interesse excessivo por

comida, Gomalósio contra-ataca sugerindo-lhe que ela mesma não se importa com o que come, mas “gosta de ter a comida preparada direitinho para o seu menino”. Na verdade, é claro, essa sua mesquinharia sempre foi uma das grandes causas de desconforto doméstico para seu filho, durante muitos anos.

Bem, o seu paciente é filho dela. Apesar de você dar o melhor de si, e com razão, em outras frentes, seria bom também começar a agir quanto a essa questão da gula. Como o seu paciente é homem, é pouco provável que ele caia na armadilha do “tudo-o-que-eu-quer”. É mais fácil transformar os homens em glutões com a ajuda da vaidade. Eles devem pensar em si mesmos como grandes conhecedores de gastronomia, devem ficar alegres por terem achado o único restaurante na cidade onde a carne é preparada do jeito “certo”. O que começa como vaidade pode ser gradualmente transformado em hábito. Mas qualquer que seja a maneira de abordar o assunto, o melhor a fazer é deixar o seu paciente num estado em que negar-se qualquer prazer, seja ele qual for – champanhe ou chá, *sole Colbert* ou cigarros –, acabará por deixá-lo irritado; porque então, Vermebile, a caridade, a justiça e a obediência dele estarão à sua mercê.

O simples excesso de alimentação é menos importante que o apreço pelas iguarias. Seu principal uso é como artilharia para os ataques à castidade. Nisso, as-

sim como em qualquer outro assunto, mantenha o seu homem numa condição de falsa espiritualidade. Nunca o deixe perceber o aspecto medicinal. Deixe-o quebrar a cabeça tentando imaginar que espécie de orgulho ou falta de fé fez com que ele ficasse em suas mãos, quando na verdade uma simples avaliação do que ele comeu ou bebeu nas últimas 24 horas já bastaria para mostrar a ele de onde vem a munição do seu algóz (o que possibilitaria a ele, por meio de um pouquinho de abstinência, colocar em xeque todo o seu poder de persuasão). Se não houver mesmo jeito, se ele tiver *mesmo* de pensar sobre o lado medicinal da castidade, faça-o engolir aquela grande mentira na qual fizemos os humanos ingleses acreditarem: que o exercício físico em excesso, e a fadiga decorrente, são particularmente favoráveis à castidade. É de perguntar como eles podem acreditar nisso, já que marinheiros e soldados são notoriamente lascivos. Mas nós fizemos com que os professores secundaristas inventassem essa história – homens interessados na castidade apenas como desculpa para participar de esportes, e que então recomendavam o esporte como favorável à castidade. Mas tudo isso é um assunto complicado demais para ser debatido no final de uma carta.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Mesmo sob a batuta de Catarruspe, você deve ter aprendido na faculdade a técnica usual da tentação sexual. E já que, para nós, espíritos, esse é um assunto bastante tedioso (embora seja necessário como parte do nosso treinamento), eu o ignorarei. Mas acredito que você ainda tenha muito a aprender em questões relativas a esse assunto.

A exigência que o Inimigo faz aos humanos assume a forma de um dilema: *ou* a completa abstinência *ou* a monogamia absoluta. Desde a primeira grande vitória de nosso Pai, nós fizemos com que a primeira fosse ex-

tremamente difícil para eles. E da segunda nós fizemos, nos últimos séculos, um modo de fuga. Chegamos a isso através de poetas e romancistas, persuadindo os humanos de que uma experiência curiosa e geralmente efêmera, chamada “estar apaixonado”, é a única razão respeitável para o casamento; que o casamento pode, e deve, fazer com que essa excitação seja permanente; e que o casamento que falha nesse sentido não é mais obrigatório. Essa idéia é uma paródia nossa de uma idéia do Inimigo.

Toda a filosofia do Inferno se baseia no reconhecimento do seguinte axioma: uma coisa não é outra coisa e, principalmente, um ser não é outro ser. O que é bom para mim é bom para mim, e o que é bom para você é bom para você. O que um ganha, o outro perde. Mesmo um objeto inanimado é o que é porque exclui todos os outros objetos do espaço que ele ocupa; se ele se expande, ele o faz por empurrar os outros objetos ou por absorvê-los. O mesmo acontece com um ser. Com os animais a absorção assume a forma de alimentação; no nosso caso, que somos seres mais fortes, significa sugar a vontade e a liberdade dos seres mais fracos. “Existir” *significa* “estar em competição.”

Bem, a filosofia do Inimigo nada mais é do que uma contínua tentativa de escapar dessa óbvia verdade. Ele aspira à contradição. As coisas devem ser muitas e ainda assim uma única coisa. O bem para um ser deve ser

o bem para outro. A essa impossibilidade Ele dá o nome de *amor*, e essa mesma panacéia monótona pode ser detectada em tudo o que Ele faz e mesmo em tudo o que Ele é – ou que afirma ser. Assim, nem Ele mesmo se contenta em ser uma simples unidade aritmética; Ele diz que é três ao mesmo tempo que é um, para que toda essa bobagem de Amor possa apoiar-se na Sua própria natureza. No outro lado da equação, Ele inclui aquela invenção obscena, o organismo, cujas partes são deturpadas para não seguir seu destino natural (a competição) e são forçadas a cooperar entre si.

Seu verdadeiro motivo para fixar o sexo como método de reprodução entre os humanos fica bastante claro ao se analisar o uso que Ele faz dele. O sexo pode ser, do nosso ponto de vista, algo bastante inocente. Pode ser apenas mais um modo pelo qual um ser mais forte aproveita-se de um ser mais fraco – como de fato acontece entre as aranhas, cuja fêmea conclui suas núpcias comendo o macho. Mas nos humanos o Inimigo associou gratuitamente o desejo sexual com a afeição entre as partes. Ele também fez com que os descendentes dependessem dos pais, e deu aos pais o instinto de cuidar deles – produzindo, assim, a Família, que é como o organismo, só que pior, pois seus membros são mais separados, e ainda assim unidos de um modo mais consciente e responsável. Tudo isso, na verdade, é apenas mais um artifício para acumular o Amor.

E agora vem a grande piada. O Inimigo descreveu um homem e uma mulher casados como “uma só carne”. Ele não disse “um casal feliz no casamento”, ou “pessoas que se casaram porque estavam apaixonadas”, mas você pode fazer os humanos ignorarem o fato. Você também pode fazê-los esquecer que aquele homem chamado Paulo não limitou isso a casais *casados*. A mera cópula, para ele, já faz deles “uma só carne”. Então você pode fazer com que os humanos aceitem como um elogio retórico ao “estar apaixonado” aquilo que na verdade é uma simples descrição do verdadeiro significado do intercurso sexual. O fato é que, sempre que um homem se deitar com uma mulher, ali, quer queiram quer não, passa a existir entre eles uma relação transcendental, que depois eles terão de suportar ou desfrutar. Nós podemos fazer com que os humanos deduzam, a partir do fato inconteste de que essa relação transcendental tem a intenção de produzir (e, se ambos obedientemente a seguirem, certamente *irá* produzir) a afeição e a família, a falsa crença de que a mistura de afeição, medo e desejo, a que dão o nome de “apaixonar-se”, é a única coisa que torna um casamento feliz ou sagrado. É bem fácil induzi-los a esse erro, uma vez que o “estar apaixonado”, pelo menos na Europa ocidental, costuma preceder os casamentos celebrados de acordo com os desígnios do Inimigo, ou seja, com a intenção de fidelidade, fertilidade e boa vontade, do mesmo modo que a

emoção religiosa muitas vezes, mas nem sempre, acompanha a conversão. Em outras palavras, os humanos devem ser encorajados a acreditar que a base do casamento é uma versão distorcida e colorida de algo que o Inimigo na verdade promete como seu resultado. Disso advêm duas vantagens. Em primeiro lugar, podemos dissuadir os humanos que não possuem o dom do autocontrole de buscar o casamento como solução, porque eles não estão “apaixonados” – graças a nós, a idéia de se casar por qualquer outro motivo lhes parece baixa e desprezível. Sim, eles pensam assim. Consideram a intenção de ser leal a um parceiro com vistas ao auxílio mútuo, à preservação da castidade e à propagação da vida algo inferior a uma tempestade emocional. (Não se esqueça de fazer com que o seu homem pense na cerimônia de casamento como algo bastante desagradável.) Em segundo lugar, qualquer atração sexual, enquanto carregar consigo a idéia de casamento, será considerada “amor”, e o “amor” funcionará como um escudo para que um homem nunca se sinta culpado por se casar com uma mulher pagã, com uma tola ou com uma libertina, além de protegê-lo de todas as conseqüências dessa sensação de culpa. Mas na minha próxima carta falarei mais sobre isso.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Tenho meditado bastante a respeito da pergunta que você me fez na sua última carta. Se, como eu claramente demonstrei, todos os seres estão em competição devido à sua própria natureza, e que portanto a idéia do Inimigo, o Amor, é uma contradição em termos, o que se pode dizer de minhas repetidas advertências de que Ele realmente ama esses vermes humanos e realmente deseja a liberdade e a existência eterna de todos eles? Espero, meu caro jovem, que você não tenha mostrado minhas cartas a ninguém. Não que isso importe, claro. Qualquer um veria que a aparência de heresia ali contida foi simplesmente accidental. A propósito, espero que você também tenha

compreendido que eu estava apenas brincando quando fiz algumas referências aparentemente não muito elogiosas a Catarruspe. Tenho grande respeito por ele. E, é claro, aquelas coisas sobre não querer defender você das autoridades não foram ditas a sério. Você sabe que pode confiar em mim para cuidar de seus interesses. Mas mantenha tudo isso em segredo.

A verdade é que eu, por pura falta de cuidado, dei uma escorregadela: eu disse que o Inimigo realmente ama os humanos. Isso, é claro, é impossível. Ele é um ser, e eles são seres distintos d'Ele. O bem deles não pode ser o bem d'Ele. Toda essa conversa d'Ele sobre Amor certamente é um disfarce para alguma outra coisa – Ele deve ter algum motivo *real* para criá-los e ter tanto trabalho com eles. A razão por que as pessoas falam como se Ele realmente sentisse esse Amor impossível deve-se ao nosso total fracasso em descobrir o verdadeiro motivo. O que Ele pretende fazer? É uma pergunta sem resposta. Não vejo problema em lhe dizer que essa mesma pergunta foi a grande causa da contenda entre o Nosso Pai e o Inimigo. Quando a criação do homem foi colocada em debate, e quando, mesmo nesse estágio, o Inimigo confessou abertamente que Ele antevia um certo episódio relacionado com uma cruz, Nosso Pai obviamente procurou falar com Ele, para pedir uma explicação. O Inimigo não lhe deu resposta alguma, além

dessa historinha absurda sobre amor sem interesse próprio que desde então Ele faz circular por aí. É claro que isso era algo que o Nosso Pai não poderia aceitar. Ele implorou ao Inimigo para pôr tudo em pratos limpos e deu a Ele várias oportunidades para isso. Admitiu que estava ansioso para saber o segredo. O Inimigo retrucou: “Ah, como Eu gostaria que você soubesse.” Foi nesse ponto da conversa, imagino, que a indignação do Nosso Pai, por ser objeto de tamanha falta de confiança, sem nenhum motivo para tanto, fez com que ele saísse de perto da Presença com uma rapidez que deu motivo para aquela ridícula história inventada pelo Inimigo de que o Nosso Pai foi expulso do Céu. Desde então, nós começamos a perceber por que o nosso Opressor era tão cheio de segredos. Seu trono depende desse segredo. Os membros da Sua facção freqüentemente são forçados a admitir que, se algum dia nós pudermos compreender o que Ele quer dizer com “amor”, a guerra chegaria ao fim, e nós poderíamos voltar para o Céu. E é aí que está a nossa grande tarefa. Nós sabemos que Ele não pode realmente amar; ninguém pode – não faz sentido algum. Ah, se nós soubéssemos o que Ele *realmente* está tramando! Descartamos hipótese atrás de hipótese, e ainda assim não descobrimos. Contudo, não devemos nunca perder a esperança; teorias cada vez mais refinadas, dados e mais dados, recompensas cada vez

maiores para os pesquisadores que conseguem fazer progresso, mais e mais castigos terríveis para os que fracassam – tudo isso, se feito com grande rapidez até o fim dos tempos, infalivelmente será bem sucedido.

Você reclama que a minha última carta não deixa claro se eu considero *estar apaixonado* um estado desejável para um humano ou não. Mas, francamente, Vermebile, esse é o tipo de coisa que se espera que *eles* perguntem a si mesmos! Deixe-os discutir se o “Amor”, o patriotismo, o celibato, velas no altar, a abstinência de álcool ou a educação são “bons” ou “ruins”. Será que você não percebe que não existe uma resposta? Nada importa, exceto a tendência que determinado estado de espírito terá, em determinadas circunstâncias, para deixar um paciente mais próximo do Inimigo ou mais perto de nós. Portanto, seria ótimo fazer o paciente decidir se o “Amor” é “bom” ou “ruim”. Peça-lhe que o deixe decidir-se contra o amor, se ele for o tipo de homem arrogante que desdenha o corpo mas que aprecia os pequenos prazeres, e que acredita que isso é um tipo de pureza – alguém que tem grande prazer em escarnecer daquilo que seus semelhantes apreciam. Instile nele um ascetismo arrogante e, então, quando você tiver separado sua sexualidade de tudo aquilo que a humaniza, faça-a pesar sobre ele de um modo ainda mais brutal e cínico. Se, por outro lado, ele for um homem emotivo e crédulo, deixe-o ler poetas menores e aqueles romancistas

de quinta categoria da velha-guarda até ele acreditar que o “Amor” é algo irresistível e, de algum modo, intrinsecamente meritório. Essa crença não será de grande ajuda para engendrar a falta de castidade casual, mas é uma fórmula imbatível para ocasionar os adultérios prolongados, “justos”, românticos e trágicos, os quais terminam, se tudo der certo, em assassinatos e suicídios. Se isso falhar, poderá ainda ser usado para guiar o paciente em direção a um casamento útil. Pois o casamento, apesar de ser uma invenção do Inimigo, também tem sua utilidade. Suponho que haja várias jovens que moram na vizinhança do seu paciente, as quais fariam da vida cristã algo intensamente difícil se você conseguisse convencê-lo a se casar com uma delas. Por favor, envie-me um relatório a respeito na sua próxima carta. Enquanto isso, que fique bem claro para você que *estar apaixonado* não é, em si, necessariamente favorável para nós ou para o outro lado. É apenas uma situação que tanto nós como o Inimigo tentamos explorar. Como a maioria das coisas capazes de deixar os humanos em algum estado de excitação, como a saúde e a doença, a velhice e a juventude, ou a guerra e a paz, estar apaixonado é, do ponto de vista da vida espiritual, apenas matéria-prima.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Percebo com grande pesar que o Inimigo, pelo menos por enquanto, pôs um violento fim a seus ataques diretos à castidade do paciente. Você deveria saber que Ele sempre faz isso no fim, e deveria ter parado antes de chegar a esse estágio. Pois, do jeito que as coisas estão, o seu homem agora descobriu uma perigosa verdade: que esses ataques não duram para sempre; conseqüentemente, você não pode utilizar novamente aquilo que é, no fim das contas, a nossa melhor arma – a crença dos humanos ignorantes de que não há esperança de livrar-se de nós a não ser rendendo-se a nós. Você já tentou persuadi-lo de que a castidade faz mal à saúde?

Ainda não recebi nenhum relatório seu sobre as jovens da vizinhança. Eu gostaria de tê-lo o quanto antes, pois, se não pudermos usar a sexualidade dele para torná-lo libidinoso, devemos tentar usá-la para promover um casamento desejável. Enquanto isso, eu gostaria de lhe dar algumas dicas sobre o tipo de mulher – o tipo físico, quero dizer – por quem ele deve ser encorajado a se apaixonar, se “apaixonar-se” for o melhor que conseguirmos fazer.

É claro que, de modo mais rude e direto, são espíritos bem mais baixos do que eu e você na Baixeraquia que decidem essa questão. É tarefa desses grandes mestres criar em todas as eras uma orientação errada para aquilo que pode ser chamado de “gosto” sexual. Eles fazem isso manipulando o pequeno círculo de artistas populares, estilistas e publicitários que determinam o que está na moda. O objetivo é afastar cada sexo dos membros do outro sexo com os quais estão mais propensos a contrair casamentos férteis, felizes e espiritualmente cooperativos. Assim, há séculos nós cantamos vitória sobre a natureza, até o ponto de fazer com que certas características secundárias do homem (tais como a barba) sejam desagradáveis para quase todas as mulheres – e há mais aí do que você pode supor. Quanto ao gosto masculino, nós chegamos a uma ampla variedade. Certa vez, conseguimos voltá-lo para um tipo de beleza mais

aristocrático e escultural, misturando a vaidade dos homens com seus desejos e encorajando a raça a se multiplicar principalmente através das mulheres mais perdulárias e arrogantes. Em outra época, selecionamos um tipo tão exageradamente feminino, tão débil e lânguido, de tal forma que a tolice e a covardia, e toda a falsidade e estreiteza mental que em geral as acompanham, chegaram a ser consideradas valiosas. Atualmente, você está na direção contrária. A era do jazz sucedeu a era da valsa, e agora instruímos os homens a gostar de mulheres cujos corpos pouco se distinguem de corpos de meninos. Já que este é um tipo de beleza ainda mais transitório que os outros, exacerbamos o horror crônico que as mulheres têm de envelhecer (com excelentes resultados) e fazemos com que fiquem menos dispostas a ter filhos e sejam menos capazes de tê-los. E não é só isso. Conseguimos aumentar a liberdade com que a sociedade permite-se representar o nu explícito (não o verdadeiro nu) na arte, e sua exibição nos palcos e nas praias. É tudo uma farsa, é claro; todas as figuras na arte popular são desenhadas de modo falso; as verdadeiras mulheres dentro dos maiôs de banho ou em roupas colantes são na verdade apertadas e arrumadas de um modo que as faz parecer mais “firmes”, mais “magras” e mais andróginas do que a natureza permitiria a uma mulher adulta. Como resultado, estamos cada vez mais direcio-

nando o desejo masculino para algo que não existe – tornando o papel da estética na sexualidade cada vez mais importante e, ao mesmo tempo, fazendo com que seja cada vez mais impossível corresponder às suas exigências. É fácil prever o que vem depois disso.

Essa é a estratégia em uso atualmente. Mas dentro dessa estrutura você saberá que ainda é possível direcionar o desejo do seu paciente para outras opções além dessas duas. Você descobrirá, se observar atentamente o coração dos homens, que eles são assombrados por pelo menos duas mulheres imaginárias, uma Vênus terrena e outra infernal, e que o desejo deles difere em qualidade dependendo do objeto. Há o tipo de mulher pela qual o desejo do homem agrada naturalmente ao Inimigo – imediatamente une-se à caridade, é obediente ao casamento, está totalmente colorido por aquela luz dourada da reverência e da naturalidade que detestamos; há o outro tipo que ele deseja violentamente, um tipo que é mais bem utilizado quando tentamos afastá-lo por completo do casamento; mas é o tipo que, mesmo dentro do casamento, o homem estaria tentado a tratar como escravo, ídolo ou cúmplice de seus atos ruins. Seu amor pela primeira pode implicar aquilo que o Inimigo chama de mal, mas não intencionalmente; o homem poderia desejar que essa Vênus não fosse a esposa de outro e lamentar o fato de não poder amá-la legitimamente.

Mas, com o segundo tipo, o que ele deseja é sentir o mal; é o “sabor picante” que ele procura. No rosto, ele busca um traço de animalidade visível, ou de mau humor, ou de dissimulação, ou de crueldade; no corpo, algo bem diferente daquilo que ele geralmente chama de Beleza, algo que ele talvez até descreva, num momento de lucidez, como feiúra, mas que por meio de nossas habilidades pode exacerbar uma obsessão particular.

A verdadeira utilidade da Vênus infernal é, sem dúvida, como prostituta ou amante. Mas, se o seu homem for cristão, e se ele já tiver experiência para lidar com as bobagens do “Amor” irresistível que para tudo arranja justificativa, é possível induzi-lo a casar-se com ela. Você terá falhado em relação à fornicção e ao pecado solitário; mas há outros métodos, mais indiretos, de usar a sexualidade de um homem para levá-lo à ruína. E posso dizer a você que eles não são apenas eficazes, mas muito prazerosos; a infelicidade que eles produzem é de um tipo duradouro e raro.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Sim. Um período de tentação sexual é um excelente momento para introduzir um ataque secundário à irritabilidade do paciente. Pode até mesmo ser o ataque principal, contanto que ele o perceba como secundário. Mas aqui, como em tudo o mais, você deve preparar o terreno para o seu ataque moral obscurecendo o intelecto dele.

Os homens não se enfurecem pela mera adversidade, e sim pela adversidade oriunda da ofensa. E perceber algo como ofensa depende de sentir que uma reivindicação legítima foi-lhe negada. Portanto, quanto mais reclamações o paciente tiver sobre a vida, induzidas por

você, mais freqüentemente ele se sentirá ofendido e, como conseqüência, mais mal-humorado ficará. Bem, você já deve ter notado que nada o deixa mais facilmente furioso do que descobrir que um certo período de tempo, o qual julgava ter à sua disposição, foi inesperadamente tirado dele. É a visita inesperada (quando ele espera ter uma noite mais tranqüila) ou a mulher tagarela do amigo (que aparece quando ele esperava ter um *tête-à-tête* com o amigo apenas) que podem deixá-lo irritado. Mas ele não é ainda tão pouco caridoso ou preguiçoso a ponto de essas pequenas exigências à sua cordialidade serem, *em si mesmas*, excessivas para ele. Elas o irritam porque ele vê o tempo como sua propriedade e sente que está sendo roubado. Você deve, portanto, sempre proteger na mente dele a curiosa premissa de que “o meu tempo pertence a mim”. Deixe-o sentir que começa cada dia como o legítimo proprietário de 24 horas. Deixe-o sentir que aquele pedaço de sua propriedade, que tem de ceder a seus empregadores, é um tributo muito pesado, e que aquela outra porção de tempo que ele cede aos deveres religiosos é uma generosa doação. Mas ele jamais deve duvidar de que a soma total de tempo que sofreu essas deduções era, de algum modo misterioso, um direito de nascença.

Você tem, portanto, uma tarefa bastante delicada. A premissa que você deseja que ele continue a ter é tão

absurda que, uma vez questionada, nem mesmo nós conseguiremos encontrar a mais pífia argumentação em sua defesa. O homem não pode produzir nem reter um único momento do tempo; todo o tempo lhe é concedido como uma dádiva; do contrário, ele poderia muito bem considerar o sol e a lua seus bens móveis. Ele também está, em tese, determinado a servir totalmente ao Inimigo; e, se o Inimigo aparecesse fisicamente para ele e exigisse o tempo integral dele durante um dia inteiro, ele não se negaria. Ele ficaria imensamente aliviado se esse dia não envolvesse nada mais trabalhoso do que ouvir a conversa de uma mulher tola; e ficaria aliviado, quase a ponto da decepção, se por meia hora durante esse dia o Inimigo dissesse: “Agora você está livre para se divertir.” Mas até mesmo ele se dará conta, se meditar sobre isso um instante, de que na verdade ele se encontra todos os dias nessa situação. Assim, quando falo de preservar essa premissa na mente dele, a última coisa que desejo que você faça é fornecer-lhe argumentos para defendê-la, pois eles não existem. Sua tarefa é de caráter puramente negativo. Não deixe que os pensamentos dele se aproximem nem um pouco dessa premissa. Deixe-a envolta pela escuridão, e no centro dessa escuridão deixe que o sentimento dele, de propriedade-do-Tempo, descanse em paz, em constante funcionamento e jamais examinado.

O sentimento de posse em geral sempre deve ser encorajado. Os humanos sempre fazem reivindicações quanto às suas posses que soam igualmente engraçadas aos ouvidos tanto do Céu quanto do Inferno, e devemos encorajá-los a continuar assim. Muito da moderna resistência à castidade advém da crença dos homens de que são “donos” de seus corpos – que são como vastos e perigosos domínios, pulsando com a energia que fez os mundos, nos quais eles se encontram sem o consentimento deles e dos quais podem ser expulsos ao bel-prazer de Outrem! É como se um pequeno príncipe, colocado pelo pai, por amor, no comando de alguma grande província, sob a regência real de sábios conselheiros, passasse a imaginar que ele realmente é dono de todas as cidades, florestas e sementes, do mesmo modo que é dono dos bloquinhos de montar com que brinca no chão da creche.

Nós produzimos essa sensação de posse não apenas por meio do orgulho, mas também pela confusão. Nós ensinamo-lhes a não notar os diferentes sentidos do pronome possessivo – as sutis diferenças desde “meus livros”, passando por “meu cachorro”, “meu empregado”, “minha mulher”, “meu pai”, “meu mestre” e “meu país”, até “meu Deus”. Nós podemos ensiná-los a reduzir todos esses sentidos ao de “minhas botas”, o “meu” de posse. Mesmo na creche uma criança pode aprender a re-

ferir-se, quando diz “meu ursinho”, não ao velho objeto de afeição com que se estabelece uma relação especial (pois é isso que o Inimigo irá ensinar-lhes, se não tivermos cuidado), e sim “o ursinho que eu posso desfazer em pedacinhos se eu quiser”. E, do outro lado da balança, nós ensinamos os homens a dizer “meu Deus” num sentido não muito diferente daquele de “minhas botas”, ou seja, “o Deus a que posso recorrer devido aos meus valiosos serviços prestados ou o Deus que eu exploro do púlpito – o Deus em que fiz a minha morada”.

E durante todo o tempo a grande piada é que a palavra “meu”, no seu sentido puramente possessivo, não pode ser pronunciada por um ser humano sobre coisa alguma. A longo prazo, tanto o Nosso Pai quanto o Inimigo dirão “Meu” de todas as coisas existentes, e especialmente de cada homem. No fim, os humanos saberão, esteja certo, a quem seu tempo, suas almas e seus corpos realmente pertencem – e com certeza não pertencem a *eles*, independentemente do que aconteça. Por agora, o Inimigo diz “Meu” de todas as coisas com base no fundamento legalista e pedante de que foi Ele quem as criou; Nosso Pai espera no fim dizer “Meu” de todas as coisas com base no fundamento mais realista e dinâmico da conquista.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Ora, ora. Então o seu paciente está apaixonado (e está sentindo o pior tipo de amor que existe) por uma moça que nem sequer aparece no relatório que você me enviou. Talvez você tenha interesse em saber que o pequeno desentendimento que você tentou causar com a Polícia Secreta sobre algumas expressões descuidadas numa de minhas cartas já foi passado a limpo. Se você contava com isso para obter os meus favores, verá que estava enganado. Você pagará por isso e também pelos seus outros erros. Por enquanto, envio anexo um livrinho, recém-publicado, a respeito da Casa de Correção para Ten-

tadores Incompetentes. É ricamente ilustrado. Aposto que você achará extremamente interessante.

Examinei o dossiê dessa moça e fiquei horrorizado com as minhas descobertas. Não é apenas uma moça cristã, mas bastante cristã – uma moça vil, sorrateira, de sorrisinho afetado, recatada, monossilábica, tímida, insípida, insignificante, virginal e comum. Uma criaturinha repulsiva. Ela me dá vontade de vomitar. Seu mau cheiro exala das páginas do dossiê e queima os dedos. Fico possesso ao ver o quanto o mundo piorou. Em outras eras, nós a colocaríamos numa arena. Gente desse tipo foi feita para isso. Não que ela talvez fosse de grande proveito ali, tampouco. Uma farsante de duas caras (conheço bem o tipo), o tipo de pessoa que parece que vai desmaiar se vir sangue, mas capaz de morrer com um sorriso no rosto. Uma farsa da cabeça aos pés. Tem um ar de santinha, mas ainda assim é capaz de fazer comentários espirituosos e divertidos. O tipo de gente que *ME* acharia ridículo! Uma vestalzinha, asquerosa e insípida – e ainda assim pronta a atirar-se nos braços daquele idiota como qualquer outro animal reprodutor. Por que o Inimigo não a faz voar pelos ares por conta disso, se Ele é tão fanático pela virgindade, em vez de ficar só olhando lá de cima, sorrindo?

No fundo, Ele é um hedonista. Todos aqueles jejuns, vigílias, martírios e cruzes são só fachada. Ou são como a espuma do mar. Lá no mar, no mar d'Ele, exis-

te prazer e mais prazer. E Ele não guarda nenhum segredo a respeito; à Sua mão direita há “delícias eternas”. Que nojo! Não acho que Ele tenha a menor noção daquele mistério elevado e austero que alcançamos na nossa Visão Angustífica. Ele é vulgar, Vermebile. Tem uma mente burguesa. Ele encheu o Seu mundo de prazeres. Existem coisas para os humanos fazerem o dia todo sem que Ele se importe nem um pouco – dormir, lavar roupa, comer, beber, fazer amor, jogar, rezar, trabalhar. Tudo isso tem de ser *perverso* para que passe a ter algum valor para nós. Nós entramos nessa batalha em cruel desvantagem. Nada está naturalmente a nosso favor. (Não que isso sirva de desculpa para você. Em breve cuidarei de você. Você sempre me odiou e sempre foi insolente quando teve coragem para sê-lo.)

É óbvio, então, que o seu paciente passará a conhecer a família dessa mulher e todo o seu círculo de amizades. Será que você não percebeu que a própria casa onde ela mora é um lugar onde ele jamais deveria ter entrado? Todo o ambiente exala aquele odor mortal. Até o jardineiro, que só trabalha lá há cinco anos, começa a adquiri-lo. Até os convidados, depois de passarem lá um fim de semana, vão embora carregando um pouco desse odor. O cão e o gato estão impregnados dele. É uma casa cheia do mistério impenetrável. Temos certeza (é uma questão de princípios básicos) de que cada membro da família obviamente está se aproveitando

dos outros de alguma maneira – mas não conseguimos descobrir como. Eles protegem com unhas e dentes, como o Próprio Inimigo, o segredo do que está por trás de toda essa simulação de amor altruísta. Toda a casa e o jardim não passam de uma grande obscenidade, têm uma semelhança repulsiva com a descrição que certo escritor humano fez do Paraíso: “as regiões onde há apenas vida e onde, portanto, tudo aquilo que não for música será silêncio”*.

Música e silêncio – como detesto os dois! Deveríamos ser eternamente gratos ao fato de que desde que Nosso Pai entrou no Inferno – bem antes do que os humanos, contando em anos-luz, poderiam imaginar – nenhuma polegada do espaço do Inferno e nenhum momento do tempo do Inferno sucumbiu a qualquer dessas duas forças abomináveis; tudo foi ocupado pelo Ruído – o Ruído, o grande dinamismo, a expressão audível de tudo o que é eufórico, brutal e viril; o Ruído, a única coisa que nos protege dos ressentimentos estúpidos, dos receios sem esperança e dos desejos impossíveis. No fim, transformaremos todo o universo em ruído. Já fizemos grandes avanços nesse sentido quanto à Terra. No fim de tudo, as melodias e os silêncios do Céu serão esmagados pelo ruído. Mas eu admito que ainda não so-

.....
* Trecho de um dos *Unspoken Sermons* de George MacDonald, “The hands of the father”.
(N. da T.)

mos barulhentos o bastante, nem mesmo estamos perto disso. Mas a nossa pesquisa continua. Enquanto isso, *você*, seu sujeitinho asqueroso –

[*Neste ponto o manuscrito é interrompido e retomado com caligrafia diferente.*]

Acabo de descobrir que, no calor da composição, sem querer assumi a forma de uma enorme centopéia. Assim sendo, ditarei o restante para o meu secretário. Agora que a transformação está completa, percebo que este é um fenômeno periódico. Alguns boatos a respeito disso foram parar nos ouvidos humanos, e um relato distorcido aparece no poeta Milton, com um adendo ridículo: ele disse que essas mutações são uma espécie de “punição” que nos foi imposta pelo Inimigo. Um escritor mais moderno – um sujeito chamado Pshaw, algo assim – conseguiu, no entanto, captar a verdade. A transformação acontece de dentro para fora, e é uma gloriosa manifestação daquela Força Vital que o Nosso Pai idolatraria se ele não idolatrasse apenas a si próprio. Na minha forma atual, sinto-me ainda mais ansioso para vê-lo, Vermebile, para unir-me a você num eterno abraço.

(Assinado) CANOFÍBIO

Em nome de sua *Altevez Abismal*,
Subsecretário FITAFUSO

Querido Vermebile,

Através dessa moça e de sua família asquerosa agora o paciente passa a conhecer mais e mais cristãos todos os dias, e cristãos bastante inteligentes também. Durante um bom tempo, será praticamente impossível *eliminar* a espiritualidade da sua vida. Pois bem; sendo assim, devemos *corrompê-la*. Sem dúvida você muitas vezes já se transformou num anjo de luz como mero exercício de exibicionismo. Agora é hora de fazer isso diante do Inimigo. O Mundo e a Carne nos desapontaram; resta um terceiro Poder. E a vitória que ele nos dá é a mais gloriosa de todas. No Inferno, um santo corrompido, um fa-

riseu, um inquisidor ou um mago é ainda melhor pasatempo do que um simples tirano ou um libertino.

Observando os novos amigos do seu paciente, descobro que o ponto mais vulnerável dele ao ataque é a fronteira entre a teologia e a política. Vários de seus novos amigos estão bastante interessados nas implicações sociais da religião deles. Isso, por si só, é uma coisa ruim; mas podemos tirar proveito disso.

Você perceberá que muitos escritores políticos Cristãos pensam que o Cristianismo começou a dar errado bem cedo, afastando-se da doutrina do seu Fundador. Devemos fazer uso dessa idéia para encorajar mais uma vez o conceito de um “Jesus histórico”, que só será encontrado quando eles se livrarem dos “acúmulos e perversões” posteriores, para depois compará-lo com toda a tradição Cristã. Na última geração de seres humanos, nós conseguimos estimular uma interpretação do tal “Jesus histórico” em linhas mais liberais e humanitárias; agora formulamos um novo “Jesus histórico” em linhas Marxistas, catastróficas e revolucionárias. As vantagens dessas interpretações, que esperamos modificar a cada trinta anos mais ou menos, são inúmeras. Em primeiro lugar, todas tendem a direcionar a devoção dos homens para algo que não existe, pois cada “Jesus histórico” não existe na história. Os documentos dizem o que dizem, e não podem ser alterados; cada novo “Jesus his-

tórico”, portanto, tem de ser criado a partir desses documentos, suprimindo certos aspectos e exagerando outros, e também fazendo certas suposições (*genial* é o adjetivo que ensinamos os humanos a aplicar à coisa) nas quais, na vida comum do dia-a-dia, ninguém apostaria nem dez centavos, mas que são suficientes para produzir uma safra de novos Napoleões, novos Shakespeares e novos Swifts na lista dos novos títulos das editoras. Em segundo lugar, cada uma dessas interpretações confia a importância do seu Jesus histórico a alguma estranha teoria que supõe-se que Ele tenha pregado. Ele tem de ser um “grande homem”, no sentido moderno da expressão – um homem no fim de uma linha de raciocínio centrífuga e desequilibrada – um excêntrico que vende uma panacéia. Desse modo, conseguimos distrair a mente dos homens daquilo que Ele é e daquilo que Ele fez. Primeiro, fazemos d’Ele um simples mestre, e depois escondemos a própria semelhança essencial que existe entre Seus ensinamentos e aqueles de todos os outros grandes mestres morais. Pois não devemos permitir que os humanos percebam que todos os grandes moralistas são enviados pelo Inimigo – não para informar os homens, e sim para relembrá-los, para restabelecer aquelas obviedades morais primordiais, opondo-se ao contínuo obscurecimento que fazemos delas. Nós criamos os Sofistas; Ele cria um Sócrates para res-

ponder a eles. E o nosso terceiro objetivo é destruir, com essas interpretações, a vida devocional. Substituímos a presença real do Inimigo, experimentada pelos homens na prece e no sacramento, por uma figura pouco plausível, remota, obscura e esquisita, alguém que falava numa língua estranha e que morreu há muito tempo. Tal objeto certamente não é digno de adoração. Em vez do Criador adorado pela sua criatura, em breve você terá apenas um líder aplaudido por um partidário, e finalmente um ilustre personagem aprovado por um historiador criterioso. E, em quarto lugar, além de não possuir uma base histórica para esse Jesus que descreve, esse tipo de religião prova-se também falsa em outros aspectos históricos. Nenhuma nação, e pouquíssimas pessoas, chegam até o Inimigo pelo estudo histórico da mera biografia de Jesus. Na verdade, os fatos necessários para uma biografia completa foram ocultos dos homens. Os primeiros adeptos do Cristianismo se converteram por causa de um único fato histórico (a Ressurreição) e uma única doutrina teológica (a Redenção) que estava de acordo com um entendimento de pecado que eles já possuíam – pecado, deve-se ressaltar; não algo baseado em alguma lei falsa apresentada como novidade por algum “grande homem”, e sim na velha e corriqueira lei moral universal que lhes foi ensinada por suas mães e amas-secas. Os “Evangelhos” vieram mais

tarde e foram escritos não para criar Cristãos, e sim para edificar os Cristãos já existentes.

Portanto, devemos sempre promover o “Jesus histórico”, por mais perigoso que isso possa parecer para nós em certos momentos. Mas, quanto à ligação existente entre o Cristianismo e a política, nossa posição é um pouco mais delicada. Obviamente, não desejamos que os homens permitam que o Cristianismo domine sua vida política, porque estabelecer qualquer coisa parecida com uma sociedade realmente justa seria uma grande tragédia. Por outro lado, devemos desejar ardentemente que os homens tratem o Cristianismo como um meio para alcançar determinados fins; de preferência, é claro, como um meio para benefício próprio; mas, se não conseguirem isso, como um meio para qualquer coisa – mesmo que seja para a justiça social. Você deve fazer com que os homens primeiro vejam a justiça social como algo que o Inimigo exige, e fazer com que eles depois cheguem ao estágio no qual dão valor ao Cristianismo porque ele pode gerar a justiça social; pois o Inimigo não deseja ser usado como mera conveniência. Se assim fosse, os homens ou as nações que acreditam que devem restaurar a fé para criar uma sociedade justa poderiam muito bem utilizar o caminho que leva ao Céu como um atalho para a farmácia mais próxima. Felizmente, é bem fácil seduzir os humanos a pensar assim.

Hoje mesmo encontrei uma passagem na obra de um escritor Cristão na qual ele recomenda aos leitores a sua própria versão de Cristianismo, argumentando que “apenas essa fé pode sobreviver à morte das culturas antigas e ao nascimento de novas civilizações”. Percebe a diferença? “Cria em tudo isso, não por ser algo verdadeiro, mas por alguma outra razão.” Esse é o jogo.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Estou trocando cartas com Cafoníleo, nosso colega encarregado da jovem por quem seu paciente está apaixonado, e começo a perceber a brecha na sua armadura. É um pequeno e discreto defeito que ela partilha com quase todas as mulheres que foram criadas num círculo de pessoas inteligentes unidas por uma crença claramente definida. Consiste na despreocupada premissa de que os que estão fora do grupo e não partilham dessa crença são, na verdade, bastante idiotas e ridículos. Os homens, acostumados a encontrar essas pessoas, não se sentem dessa forma; sua autoconfiança, quando são

autoconfiantes, é de outra natureza. A dela, que ela supõe ser conseqüência da Fé, é, na verdade, conseqüência dos ares do ambiente que habita. De fato, não é muito diferente da convicção que ela sentiu aos dez anos de idade de que o tipo de faca de mesa usada em sua casa era do tipo mais apropriado, ou normal, ou o tipo “certo”, enquanto as facas de mesa das outras famílias “não eram facas de mesa de verdade”. O teor de ignorância e ingenuidade em tudo isso é tão imenso, e o teor de orgulho espiritual tão pequeno, que acabamos por ficar desesperançosos em relação à moça. Mas você já pensou em como pode usar isso para influenciar o seu paciente?

É sempre o principiante quem exagera. O homem que ascendeu na sociedade é excessivamente requintado; o jovem estudante é pedante. Em seu novo círculo de amigos, o seu paciente é apenas um principiante. Diariamente ele está lá, presenciando uma vida cristã de uma qualidade que ele jamais imaginou ser possível, e vê tudo através de lentes cor-de-rosa, pois está apaixonado. Está ansioso (na verdade, é o Inimigo que o comanda) para imitar essa qualidade. Será que você conseguiria fazê-lo imitar o tal *defeito* de sua amada e exagerá-lo até o ponto em que aquilo que é apenas venial nela torne-se nele o mais forte e mais belo de todos os defeitos – o Orgulho Espiritual?

As condições parecem bastante favoráveis. O novo círculo de amigos é um grupo do qual ele está tentando a se orgulhar por outras razões além do Cristianismo. Ele jamais encontrou pessoas tão educadas, inteligentes e agradáveis. Ele também está um tanto equivocado quanto à sua posição dentro desse círculo. Sob a influência do “amor”, ele talvez ainda pense que é indigno da moça, mas rapidamente deixa de pensar em si mesmo como indigno dos outros. Ele não tem nenhuma noção do quanto lhe fazem concessões porque são caridosos e do quanto o aceitam de modo resignado porque agora ele é um membro da família. Ele nem sequer sonha que eles vêem grande parte de suas conversas e suas opiniões apenas como meros ecos da conversa e das opiniões deles mesmos. Ele suspeita ainda menos de que o prazer que tem na companhia dessas pessoas deve-se, para ele, a uma espécie de intensificação erótica que a moça espalha ao seu redor. Ele acha que aprecia a conversação e o modo de vida deles devido a alguma semelhança entre seu estado espiritual e o deles, mas, na verdade, eles estão tão mais adiantados do que ele que, se ele não estivesse apaixonado, se sentiria apenas confuso e enojado com muito daquilo que agora aceita. Ele se assemelha a um cão que imagina entender de armas de fogo apenas porque seu instinto de caça e seu amor pelo dono possibilitam que ele aprecie uma caçada.

Aí está a sua chance. Enquanto o Inimigo, através do amor sexual e de algumas pessoas bastante agradáveis, bem mais avançadas em seus serviços a Ele, faz com que o primitivo jovem suba a níveis que jamais poderia alcançar de outro modo, você deve fazê-lo sentir que está encontrando o seu *próprio* nível – que essas pessoas são do “seu tipo” e que, ao estar entre elas, ele está em casa. Quando ele se despedir deles e se defrontar com outras pessoas, ele as achará tolas; em parte porque quase todos os grupos sociais a seu alcance são, na verdade, bem menos divertidos, mas ainda mais porque sentirá falta do encantamento proporcionado pela moça. Você deve ensiná-lo a confundir esse contraste entre o círculo de pessoas que o agradam e o círculo que o entedia com o contraste entre os Cristãos e os incrédulos. Ele deve sentir (é melhor que ele não consiga dizer isso em palavras) “o quanto nós Cristãos somos diferentes”, e “nós Cristãos”, para ele, na verdade (mas inconscientemente) deve significar “o meu grupo”; e, quando ele disser “o meu grupo”, isso não deverá significar “as pessoas que me acolheram devido a sua caridade e humildade”, e sim “as pessoas com quem por direito eu me associo”.

O sucesso aqui depende do quanto você o confunde. Se você tentar fazer com que ele sinta um orgulho explícito e declarado por ser Cristão, terá grande chance

de fracassar; ele conhece muito bem as advertências do Inimigo. Se, por outro lado, você abandonar completamente a idéia de “nós Cristãos” e simplesmente deixá-lo ser complacente a respeito do seu “novo grupo”, você será capaz de criar não o verdadeiro orgulho espiritual, e sim a mera vaidade social, a qual, em comparação, é uma bagatela, um peccadinho de nada. O que você quer é deixar que ele faça elogios a si mesmo em todos os seus pensamentos e jamais permitir que ele levante a seguinte questão: “Mas pelo *que*, exatamente, estou me congratulando?” A idéia de pertencer a um círculo interno, de pertencer a algo oculto, é-lhe bastante agradável. Toque repetidamente nessa tecla. Ensine-o, por meio da influência da moça, quando ela estiver em seus momentos mais tolos, a adotar um ar de alguém que está *achando graça* das coisas que os incrédulos dizem. Algumas teorias com que ele pode deparar nos círculos Cristãos modernos podem ser de grande ajuda; refiro-me às teorias que colocam a esperança da sociedade em algum círculo oculto de “eruditos”, uma minoria treinada de teocratas. Não é da sua conta se essas teorias são verdadeiras ou falsas; o que importa é fazer do Cristianismo uma religião de mistérios, na qual ele se sinta um dos iniciados.

Peço-lhe encarecidamente que não encha mais suas cartas com essas besteiras sobre a tal Guerra Européia.

Suas implicações finais serão, sem dúvida, importantes, mas isso é assunto para o Alto Comando. Eu não estou nem um pouco interessado em saber quantas pessoas na Inglaterra morreram devido às bombas. Se eu quiser saber em que estado de espírito morreram, consulto os arquivos do lado de cá. Que elas iriam morrer algum dia, eu já sabia. Por favor, concentre-se no seu trabalho.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

O verdadeiro problema dessas pessoas com quem o seu paciente está convivendo é que elas são *simplesmente* Cristãs. Todas possuem seus interesses particulares, é claro, mas o laço que as une continua a ser o Cristianismo. O que nós desejamos, se não houver mesmo jeito e os homens tiverem de tornar-se Cristãos, é mantê-los num estado de espírito que eu chamo de “Cristianismo e alguma outra coisa”. Você sabe – Cristianismo e a Crise, Cristianismo e a Nova Psicologia, Cristianismo e a Nova Ordem, Cristianismo e a Cura pela Fé, Cristianismo e Pesquisa Psíquica, Cristianismo e Vegetaria-

nismo, Cristianismo e a Reforma Ortográfica. Se não houver saída e eles se tornarem Cristãos, deixe-os ao menos serem Cristãos com um diferencial. Substitua a fé em si por alguma Moda com colorido Cristão. Faça com que tenham horror da Mesma Coisa de Sempre.

O horror pela Mesma Coisa de Sempre é uma das mais preciosas paixões que incutimos no coração humano – uma fonte infinita de heresias na religião, de conselhos estúpidos, de infidelidade conjugal e de inconstância nas amizades. Os humanos vivem dentro do tempo, e vivenciam a realidade numa sucessão de eventos. Para experimentar o suficiente dessa realidade, portanto, eles precisam ter experiências com várias coisas diferentes; em outras palavras, eles precisam passar por mudanças. E, já que precisam de mudanças, o Inimigo (que no fundo é um hedonista) fez com que elas fossem para eles algo prazeroso, assim como fez o ato de alimentar-se prazeroso. Mas como Ele não deseja que eles façam da mudança, como do ato de comer, um fim em si, Ele contrabalançou neles o amor pela mudança com o amor pela permanência. Ele conseguiu satisfazer ambos os gostos no próprio mundo que Ele criou, através da união de mudança e permanência, que chamamos de Ritmo. O Inimigo lhes dá as estações: cada estação é diferente e ainda assim igual todos os anos, de tal modo que a primavera sempre parece uma novidade e,

ainda assim, é percebida como uma repetição de um tema imemorial. Ele lhes dá na Sua Igreja o ano litúrgico; podem sair de uma época de jejum e entrar em outra de banquetes, mas serão os mesmos banquetes do ano anterior.

Bem, assim como nós exageramos o prazer da comida para induzir à gula, da mesma maneira deturpamos o prazer proporcionado pela mudança para transformá-lo em uma necessidade de novidades absolutas. Essa necessidade é criação exclusivamente nossa. Se negligenciarmos esse nosso trabalho, os homens não apenas ficarão satisfeitos como se sentirão arrebatados pela mistura de novidade e familiaridade dos flocos de neve do inverno *deste* ano, do nascer do sol *desta* manhã e do pudim *deste* Natal. As crianças, pelo menos até que nós finalmente possamos intervir em sua educação, ficarão sempre satisfeitas com uma periódica rodada de brincadeiras, na qual o jogo de bola de gude dá lugar à amarelinha com a mesma regularidade com que o verão dá lugar ao outono. Apenas através de nossos esforços contínuos é que nós conseguimos manter viva essa necessidade de mudança infinita ou arritmica.

Sob vários aspectos, essa necessidade é de grande valor. Em primeiro lugar, ela diminui o prazer ao mesmo tempo que aumenta o desejo. O prazer proporcionado pela novidade está por sua própria natureza mais

sujeito do que qualquer outro à lei do retorno decrescente. Além disso, a novidade contínua custa dinheiro; então, o desejo pela novidade resulta em avareza, ou em infelicidade, ou em ambas. E, novamente, quanto mais ganancioso for esse desejo, mais cedo irá se cansar de todas as inocentes fontes de prazer, e mais cedo passará àquelas que são proibidas pelo Inimigo. Assim, recentemente, ao exacerbarmos o horror pela Mesma Coisa de Sempre, fizemos com que a Arte, por exemplo, fosse menos prejudicial para nós do que talvez jamais tenha sido; os artistas de apelo “mais popular” e os “mais refinados” são arrastados diariamente para os revigorantes excessos da lascividade, da insensatez, da crueldade e do orgulho. E, finalmente, o desejo pela novidade é indispensável se quisermos fabricar Modas ou Tendências.

A grande utilidade das Modas no pensamento é distrair a atenção dos homens, tirando-a dos verdadeiros perigos. Direcionamos as reivindicações “da moda” de cada geração para ir contra aqueles defeitos que ela menos corre o risco de contrair, e fazemos com que eles aprovelem a virtude mais próxima do defeito que tentamos tornar endêmico. A brincadeira é fazer com que todos corram feito baratas tontas com extintores de incêndio sempre que houver um dilúvio, e que fiquem todos amontoados no lado do barco cuja amurada já esteja quase inteira dentro d’água. Assim, conseguimos

fazer com que esteja “na moda” expor os perigos do entusiasmo excessivo na mesma época em que todos na verdade estão se tornando mundanos e indiferentes; um século depois, quando, graças a nós, todos estiverem cheios de desespero e ironia, à la Byron, bêbados de emoção, a reivindicação da moda será contra os perigos da mera “compreensão”. As eras cruéis resguardam-se contra aquilo que é sentimental, as eras apáticas e ociosas contra aquilo que é honroso, as eras lascivas contra o puritanismo; e sempre que os homens na verdade estiverem rapidamente tornando-se escravos ou tiranos, nós faremos do liberalismo o principal fantasma a ser temido.

Mas a maior vitória de todas é elevar esse horror pela Mesma Coisa de Sempre ao nível de uma filosofia, de tal forma que o absurdo intelectual possa reforçar a corrupção da força de vontade. É aí que a natureza em geral Evolucionista ou histórica do pensamento Europeu moderno (em parte, obra nossa) mostra-se tão útil. O Inimigo adora obviedades. Até onde vejo, Ele quer que os homens, quando deparam com uma certa linha de ação, façam perguntas bem simples: isto é correto? É possível? Mas, se conseguirmos fazer com que os homens perguntem: “Isto está de acordo com as idéias gerais do nosso tempo? É algo voltado para o futuro ou é reacionário? É para essa direção que a História cami-

nha?”, eles acabarão por desprezar as perguntas relevantes. E as perguntas que eles *realmente* fazem obviamente não têm resposta, pois eles não sabem como será o futuro, e o que ele reserva depende em grande parte exatamente dessas escolhas que os homens querem fazer com a ajuda do futuro. Conseqüentemente, enquanto suas mentes estiverem boiando nesse vácuo, teremos mais chances para entrar sub-repticiamente em cena e fazê-los curvarem-se à linha de ação que *nós* decidimos. Há muito tempo, eles tinham consciência de que algumas mudanças vinham para o bem, outras para o mal, enquanto outras não faziam diferença. Conseguimos eliminar esse conhecimento quase totalmente. Substituímos o adjetivo descritivo “imutável” pelo adjetivo emocional “estagnado”. Nós lhes ensinamos a pensar no Futuro como uma terra prometida reservada aos heróis privilegiados – não algo que todos alcançam na velocidade de sessenta minutos por hora, independentemente do que façam e de quem sejam.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Sim, o namoro é a época ideal para plantar aquelas sementes que daqui a dez anos darão os frutos do ódio doméstico. Podemos induzir os humanos a confundir as conseqüências do encanto produzido pelo desejo não satisfeito com os resultados da caridade. Aproveite-se da ambigüidade da palavra “Amor”: deixe-os pensar que foi por causa do Amor que resolveram seus problemas quando, na verdade, nada fizeram além de evitá-los e postergá-los, sob a influência do encantamento. Enquanto esse estado de coisas durar, você terá a chance de secretamente piorar os problemas e transformá-los em problemas crônicos.

O grande empecilho é a “Abnegação”. Mais uma vez chamo a sua atenção para o admirável trabalho desenvolvido por nosso Departamento Filológico, ao substituir a Caridade positiva do Inimigo pela abnegação negativa. Graças a isso, você pode, desde o início, ensinar um homem a renunciar a coisas boas, não em nome da felicidade de terceiros, e sim para que ele possa ser altruísta ao renunciar a elas. Isso é uma grande vantagem. Outra coisa de grande ajuda, quando as partes envolvidas são um homem e uma mulher, é a divergência de opinião (obra nossa) que ambos possuem sobre a Abnegação. Para uma mulher, Abnegação significa, principalmente, preocupar-se com os outros; para um homem, significa não criar problemas para os outros. Conseqüentemente, uma mulher que já estiver num estágio avançado nos serviços prestados ao Inimigo será muito mais inconveniente e irritante do que qualquer homem, exceto aqueles que Nosso Pai já dominou completamente; e, por outro lado, um homem terá de passar ainda um bom tempo ao lado do Inimigo antes de agir espontaneamente para agradar aos outros do mesmo modo que uma mulher o faz em seu dia-a-dia. Assim, enquanto a mulher busca ser generosa e o homem busca respeitar os direitos alheios, cada sexo, sem nenhuma razão óbvia, passa a ver o outro como absurdamente egoísta.

Você pode criar ainda mais confusões. O encanto erótico produz um sentimento de gentileza mútuo, através do qual cada um se sente *realmente* satisfeito ao ceder aos pedidos do outro. Eles também sabem que o Inimigo exige deles um certo grau de caridade que, se obtido, resultaria em atos semelhantes. Você deve fazer com que eles estabeleçam como regra para toda a vida de casados esse grau de auto-sacrifício mútuo, que no presente brota naturalmente do encanto, mas que, quando o encanto desaparecer, eles não terão como tornar realidade, pois não terão caridade suficiente. Eles não serão capazes de ver a armadilha, já que estão duplamente cegos: confundem o entusiasmo sexual com a caridade e pensam que esse entusiasmo irá durar.

Quando um certo tipo de abnegação oficial ou legal já estiver estabelecido como regra – uma regra que não pode ser mantida, porque os recursos emocionais de ambos feneceram e seus recursos espirituais ainda não amadureceram –, os resultados serão excelentes. Ao discutir qualquer ação conjunta, torna-se obrigatório que A discuta em favor dos supostos desejos de B e contra os seus próprios, enquanto B deve fazer o oposto. Em geral, é impossível saber quais os verdadeiros desejos de cada um; com sorte, eles terminarão por fazer algo que nenhum dos dois quer, enquanto cada um erroneamente se sente superior ao outro moralmente e

nutre secretamente o desejo por um tratamento preferencial devido à abnegação que demonstrou possuir, além de guardar um rancor oculto pelo outro, por ele ter aceitado tão facilmente o seu sacrifício. Mais tarde você pode até arriscar aquilo que podemos chamar de Ilusão do Conflito Generoso. Esse é um jogo que funciona melhor com mais de duas pessoas, uma família com filhos já adultos, por exemplo. Alguém propõe algo bastante trivial, como tomar chá no jardim. Uma das pessoas faz questão de deixar bem claro (embora não com essas palavras) que prefere não tomar chá no jardim, mas está, é claro, disposta a ceder em nome do seu “altruísmo”. Os outros instantaneamente desistem da proposta, aparentemente por causa do seu próprio “altruísmo”, mas na verdade porque não querem ser usados como um receptáculo onde a primeira pessoa despeja seus insignificantes rompantes de abnegação. Mas ela também não aceita ser dissuadida de sua orgia altruística. Ela insiste em fazer “o que os outros querem”. Os outros insistem em fazer o que ela quer. Logo os ânimos ficam acirrados. Logo alguém dirá: “Então, pronto, não vou tomar chá coisa nenhuma!”, e segue-se uma verdadeira briga cheia de ressentimentos de ambos os lados. Percebe como a coisa funciona? Se cada lado estivesse lutando abertamente por aquilo que realmente deseja, todos teriam permanecido dentro das fronteiras

da razão e da gentileza; mas, precisamente porque a discórdia foi invertida e cada lado está lutando no lugar do outro, toda a amargura que flui do sentimento de superioridade moral frustrado, da teimosia e dos rancores acumulados ao longo dos anos acaba ficando oculta de todos por essa “abnegação” nominal ou oficial ou, no mínimo, usa a abnegação como desculpa. Portanto cada lado está bastante alerta à mesquinha da Abnegação do adversário, bem como à falsa posição que ela os obriga a assumir; mas, ainda assim, cada um é capaz de pensar que não tem culpa de nada e que está sendo manipulado, com toda a desonestidade natural a um ser humano.

Um humano bastante sensato certa vez disse: “Se as pessoas soubessem o quanto a Abnegação provoca mal-estar, poucos padres a recomendariam em seus sermões”; e também disse: “Ela é aquele tipo de mulher que vive para os outros – dá para notar pela expressão assustada que elas têm.” Você pode dar início a tudo isso no próprio período em que um corteja o outro. Um pouco de *verdadeiro* egoísmo da parte do seu paciente em geral é menos eficaz para assegurar a sua alma a longo prazo do que aquele egoísmo intrincado e constrangido que ele sente inicialmente, algo que um belo dia poderá transformar-se no que eu acabo de descrever. Você já pode começar a introduzir sorratamente

um certo grau de falsidade de ambas as partes, um certo sentimento de surpresa se a moça nem sempre notar o quanto ele está sendo altruísta. Faça tudo isso e, acima de tudo, não deixe que os jovens tolos percebam. Se perceberem, estarão prestes a descobrir que o “Amor” não é o bastante, que é necessário ter uma caridade que ainda não possuem, e que nenhuma lei externa pode ocupar o seu lugar. Eu só queria que Cafoníleo fizesse alguma coisa para sabotar o senso de ridículo da jovem.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Parece-me que você não está indo muito bem. Usar o “amor” dele para impedi-lo de pensar no Inimigo é, claro, uma medida óbvia a se tomar, mas você deixa entrever o quanto está fazendo mau uso disso quando diz que essa questão da distração e da falta de concentração tornou-se um dos principais assuntos nas preces dele. Isso significa que você em grande medida fracassou. Quando isso, ou qualquer outra distração, cruzar os pensamentos dele, você deverá encorajá-lo a descartar tudo apelando para a pura força de vontade e a tentar continuar a prece normalmente, como se nada tivesse acon-

tecido; se ele aceitar a distração como seu problema atual e fizer menção *dele* perante o Inimigo, além de fazer dele o principal tema de suas preces e de seus objetivos, isso será prejudicial para você. Qualquer coisa, mesmo um pecado, que tenha como consequência deixá-lo ainda mais próximo do Inimigo acaba por, a longo prazo, ir contra nós.

Mas há outra linha de ação que pode ser promissora. Agora que ele está apaixonado, uma nova idéia de felicidade *terrena* surgiu em sua mente: portanto, há uma nova urgência em suas preces, que são puramente preces de súplica, a respeito da guerra e de assuntos semelhantes. Agora é o momento para criar dificuldades intelectuais para as preces desse tipo. Você sempre deve encorajar a falsa espiritualidade. Baseando-se na aceção aparentemente religiosa de que “a verdadeira prece é apenas o louvor e a comunhão com Deus”, passa a ser fácil atrair os humanos para a desobediência direta ao Inimigo, o qual (do modo que Lhe é habitual, ou seja, de um modo vulgar, desinteressante e monótono) disse-lhes claramente que eles devem rezar pelo pão de cada dia e pela cura dos enfermos. Você deve, é claro, esconder do seu paciente o fato de que a prece pelo pão de cada dia, interpretada num “sentido espiritual”, na verdade é tão grosseiramente uma prece de súplica quanto o seria de qualquer outra maneira.

Mas já que o seu paciente contraiu o terrível hábito da obediência, ele provavelmente continuará com as tais preces “rudimentares” independentemente do que você fizer. Você pode, no entanto, fazê-lo pensar, por meio da desconfiança constante, que essa prática é absurda e que não pode ter resultados objetivos. Não se esqueça de usar um argumento do tipo “cara ou coroa”. Se aquilo por que ele reza não acontece, então isso é mais uma prova de que as preces que envolvem pedidos não funcionam; se isso acontecer, ele será capaz, obviamente, de perceber algumas das causas físicas que levaram a isso, e concluirá que “teria acontecido do mesmo jeito”. Assim, uma prece que consegue o que deseja torna-se prova de que ela é tão ineficaz quanto uma prece que não alcança o seu objetivo.

Você, sendo um espírito, achará difícil entender como ele pode se deixar levar por essa confusão toda. Mas lembre-se de que ele dá como certo que o Tempo é a realidade suprema. Ele supõe que o Inimigo, assim como ele próprio, vê certas coisas como o presente, lembra-se de outras como o passado e antecipa outras mais como o futuro; ou, mesmo que ele acredite que o Inimigo não vê as coisas desse modo, ainda assim, bem no fundo, ele acredita que isso é apenas uma peculiaridade do modo de percepção do Inimigo – ele não acredita realmente (embora talvez diga que sim) que as coisas

são como o Inimigo as vê! Se você tentasse explicar para ele que as preces dos homens no dia de hoje são uma das inúmeras coordenadas utilizadas pelo Inimigo para harmonizar o dia de amanhã, ele replicaria que, de qualquer modo, o Inimigo sempre soube que os homens iriam fazer essas preces e, sendo assim, eles não rezaram livremente, mas estavam predestinados a rezar. E acrescentaria que é possível reconstituir os eventos de um determinado dia desde as suas causas até a criação da própria matéria – de tal modo que a coisa toda, tanto do lado humano quanto do lado material, já está definida “desde o início”. É claro que o que ele deveria responder é bem óbvio para nós: que o problema de ligar os eventos de um determinado dia a determinadas preces é apenas o aspecto superficial, em dois pontos de seu modo temporal de percepção, do problema total de ligar todo o universo espiritual a todo o universo corpóreo; que a criação, na sua totalidade, opera em todos os pontos do espaço e do tempo, ou que pelo menos o tipo de consciência que os humanos possuem os força a ver todo o ato criador, sempre coerente consigo mesmo, como uma série de eventos sucessivos. *Por que esse ato criador deixa espaço para o livre-arbítrio deles é o maior de todos os problemas, o segredo que está por trás de toda essa lengalenga do Inimigo em relação ao “Amor”. Como esse ato criador consegue fazer isso não*

é, ao contrário, problema algum, pois o Inimigo não *prevê* como os humanos irão contribuir para o futuro com o seu livre-arbítrio, mas *observa* os atos deles no Presente Totalmente Livre de que dispõem. E, claro, observar um homem fazendo algo não significa forçá-lo a fazer tal coisa.

Poderíamos dizer que alguns escritores humanos bastante intrometidos, principalmente Boécio, acabaram revelando esse segredo. Mas, devido ao clima intelectual que finalmente conseguimos produzir em toda a Europa ocidental, você não precisa se preocupar com isso. Só os eruditos lêem livros antigos, e nós já demos tal jeito neles que, de todos os homens, eles são os menos capazes de adquirir sabedoria ao ler os tais livros. Conseguimos isso ao inculcar neles o Ponto de Vista Histórico. O Ponto de Vista Histórico, *grosso modo*, significa que sempre que um homem culto deparar com qualquer afirmação de um autor antigo, ele jamais irá se perguntar se a afirmação é verdadeira. Ele se pergunta quem influenciou o autor, o quanto essa afirmação contradiz o que ele disse em outros livros, que fase ela representa na evolução desse autor ou na história geral do pensamento, como ela afetou os autores posteriores, com que freqüência ela é mal compreendida (especialmente pelos próprios colegas do leitor erudito), qual é a crítica geral feita a essa afirmação nos úl-

timos dez anos e qual é a “atual conjuntura do problema”. Enfim, considerar esse autor antigo como uma possível fonte de sabedoria – antever que o que ele disse poderia talvez modificar os próprios pensamentos e o comportamento do leitor – é rejeitado como um ato puramente ingênuo. E já que não conseguimos enganar toda a raça humana o tempo todo, é de grande importância para nós separar cada geração de todas as outras, pois sempre que o aprendizado permite a livre troca entre as gerações, há o perigo de que os erros característicos de uma sejam corrigidos pelos acertos característicos da outra. Mas, graças ao Nosso Pai e ao Ponto de Vista Histórico, os grandes eruditos se baseiam tão pouco no passado quanto o mecânico mais ignorante, daquele tipo capaz de afirmar que “a história é uma besteira”.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Quando eu lhe disse para não encher suas cartas com besteiras sobre a guerra, eu quis dizer, é claro, que eu não queria mais ler os seus relatos confusos e bastante infantis sobre a morte dos homens e a destruição de cidades. Obviamente, o que quero são relatórios completos sobre o quanto a guerra afeta o estado espiritual do paciente. E é nesse aspecto que você parece particularmente obtuso. Você alegremente me diz que tem boas razões para desconfiar que haverá pesados ataques aéreos sobre a cidade onde a criatura habita. Isso é um exemplo gritante de algo de que já reclamei com você antes

— sua pressa em esquecer o objetivo principal na sua degustação imediata do sofrimento humano. Será que você não sabe que as bombas matam? Ou não se dá conta de que a morte do paciente, nesse momento, é exatamente o que queremos evitar? Ele já escapou do círculo de amigos materialistas em que você tentou enredá-lo; ele “se apaixonou” por uma mulher bastante Cristã, e está temporariamente imune aos ataques à castidade; e os vários métodos para corromper sua vida espiritual de que lançamos mão não deram nenhum resultado até agora. No momento atual, em que o impacto total da guerra se aproxima e as esperanças terrenas dele assumem um lugar cada vez menor em sua mente, que está cheia de pensamentos sobre seus trabalhos de defesa civil, sobre a moça, forçada a ajudar seus semelhantes mais do que jamais fizera e apreciando o fato mais do que esperava, e ele não está mais “absorto em suas próprias misérias”, como dizem os humanos, e está cada vez mais consciente de sua dependência em relação ao Inimigo, nós certamente o perderíamos se ele morresse hoje à noite. Isso é tão óbvio que chego a ter vergonha de escrever. Às vezes eu me pergunto se vocês, jovens diabos, não ficam tempo demais no serviço de tentar os humanos, se não correm algum perigo de serem infectados pelos sentimentos e valores dos humanos com que trabalham. Eles, é claro, tendem a ver a morte como o grande

mal e a sobrevivência como o grande bem, mas apenas porque nós os ensinamos a pensar assim. Não se deixe influenciar pela sua própria propaganda. Eu sei que parece estranho que o seu principal objetivo no momento seja exatamente a mesma coisa por que rezam a mãe do paciente e a moça – isto é, a proteção de seu corpo. Mas é; você deve protegê-lo como a si mesmo. Se ele morrer agora, você o perderá. Se ele sobreviver à guerra, sempre haverá esperança. O Inimigo o protegeu de você desde a primeira série de tentações. Mas apenas se ele permanecer vivo você terá o próprio tempo como seu aliado. Os longos, inóspitos e monótonos anos da prosperidade ou da adversidade na meia-idade proporcionam um excelente meio para suas ações. O ato da *perseverança* é muito difícil para essas criaturas. A rotina cheia de adversidades, a gradual decomposição dos amores e esperanças da juventude, o silencioso desespero (quase nunca percebido como dor) de sempre superar as tentações crônicas com que nós repetidamente os derrotamos, a insipidez que criamos em suas vidas e o ressentimento inexprimível que eles sentem em relação a ela (obra nossa) – tudo isso proporciona uma excelente oportunidade para destruir uma alma pela exaustão. Se, por outro lado, a meia-idade for uma época próspera, ficaremos ainda mais fortes. A prosperidade faz com que o homem fique preso ao Mundo. Ele sente que está

“encontrando o seu lugar no mundo”, quando na verdade é o mundo que encontra lugar nele. Sua reputação crescente, seu círculo de amizades cada vez maior, sua sensação de importância, a pressão cada vez maior do trabalho que lhe agrada e o absorve, tudo isso causa nele a sensação de estar em casa no mundo, que é exatamente o que queremos. Perceba que os jovens em geral são menos relutantes quanto à morte do que os humanos de meia-idade ou os idosos.

A verdade é que o Inimigo, ao tomar a estranha decisão de destinar esses meros animais à vida no Seu próprio mundo eterno, sempre os protegeu bravamente contra o perigo de eles se sentirem à vontade em algum outro lugar. É por isso que devemos sempre desejar que nossos pacientes vivam por muito tempo; setenta anos nunca é suficiente para a difícil tarefa de impedir que suas almas vão para o Céu e construir uma sólida ligação com a terra. Enquanto forem jovens, eles sempre estarão fugindo. Mesmo se nós tramarmos algo para mantê-los sempre longe da religião, os ventos imprevisíveis da fantasia, da música e da poesia – o simples rosto de uma menina, a canção de um pássaro ou a vista do horizonte – sempre acabarão estragando os nossos planos. Eles *não* se dedicarão com afinco, em primeiro lugar, para o progresso terreno, para ter ligações cautelosas com as pessoas ou a favor de alguma política de

segurança. Tão arraigado é o apetite deles pelo Céu que, nesse estágio, o nosso melhor método para prendê-los ao mundo é fazê-los acreditar que ele pode ser transformado no Paraíso, em algum momento no futuro, pelos políticos, pela eugenia, pela “ciência” ou pela psicologia, e sabe-se lá pelo que mais. O verdadeiro materialismo é uma obra do tempo – ajudado, é claro, pelo orgulho, pois nós lhes ensinamos a usar as palavras “bom senso”, “Maturidade” ou “Experiência” para referir-se à horripilante experiência da morte. A *Experiência*, no sentido peculiar que nós lhes ensinamos a dar, é, por sinal, uma palavra extremamente útil. Um grande filósofo humano quase descobriu o nosso segredo ao afirmar que, em relação à Virtude, “a Experiência é a mãe da ilusão”; mas, graças às mudanças da Moda, e, é claro, ao Ponto de Vista Histórico, nós tornamos o seu livro praticamente inócuo.

O grande valor que o tempo tem para nós pode ser medido pelo fato de que o Inimigo permite que nós tenhamos pouco acesso a ele. A maioria dos seres humanos morre na infância; dos que sobrevivem, muitos morrem na juventude. É óbvio que, para Ele, o nascimento humano é importante principalmente como qualificação para a morte humana, e a morte é importante apenas como a porta de passagem para outro tipo de vida. Portanto, podemos agir apenas sobre uma minoria se-

leta de humanos, pois aquilo que os humanos chamam de “vida normal” é a exceção. Aparentemente, Ele quer que alguns – apenas alguns poucos – de seus animais humanos com que Ele está povoando o Céu já tenham passado pela experiência de resistir a nós numa vida de sessenta ou setenta anos. E é aí que está a nossa chance. Quanto mais curta for essa vida, melhor uso devemos fazer dela. O que quer que você faça, proteja o seu paciente o máximo que puder.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Agora que já temos certeza de que os humanos alemães irão bombardear a cidade do seu paciente, e que seus afazeres o deixarão bastante próximo do perigo, devemos avaliar a nossa tática. Devemos almejar a covardia – ou a coragem, e seu conseqüente orgulho – ou o ódio pelos alemães?

Bem, receio que não seja uma boa idéia tentar fazer dele um homem corajoso. Nosso departamento de pesquisa ainda não descobriu (embora estejamos esperando ansiosamente) como produzir *alguma* virtude. Essa é uma séria deficiência. Para ser perverso de um

modo significativo e eficaz, um homem precisa de alguma virtude. Que teria sido de Átila sem a sua coragem, ou de Shylock sem a abstinência dos prazeres da carne? Mas como nós mesmos não podemos dar a eles essas qualidades, só podemos utilizá-las como dádivas do Inimigo – e quero dizer com isto deixar para Ele uma margem de dominação sobre os homens que, de outro modo, certamente seriam inteiramente nossos. Trata-se de uma solução bem pouco satisfatória, mas acredito que algum dia conseguiremos algo melhor.

O ódio é algo que podemos manipular. A tensão que age sobre os nervos humanos durante o barulho, o perigo ou a fadiga deixa-os propensos a qualquer emoção violenta, e tudo se resume a canalizar essa suscetibilidade para as vias corretas. Se a consciência resistir, turve-a. Deixe seu paciente dizer que ele sente ódio não apenas em seu nome, e sim em nome das mulheres e das crianças, e que um Cristão deve perdoar seus próprios inimigos, mas não os inimigos de outras pessoas. Em outras palavras, deixe-o pensar que se identifica o suficiente com as mulheres e as crianças para sentir ódio no lugar delas, mas *não* o suficiente para considerar os inimigos deles como seus próprios inimigos e, portanto, dignos do seu perdão.

Mas a melhor companhia para o ódio é o Medo. De todos os defeitos, a covardia é apenas dolorosa – algo

horrível de antecipar, horrível de sentir, horrível de lembrar; o Ódio, por outro lado, tem a sua carga de prazer. Portanto, ele costuma ser a *compensação* pela qual um homem que sente medo indeniza a si mesmo devido às angústias nascidas do Medo. Quanto mais medo ele sentir, mais irá odiar. E o Ódio é um grande apaziguador da vergonha. Assim, para fazer um verdadeiro estrago nos sentimentos de caridade dele, você deverá primeiro derrotar a sua coragem.

Entretanto, isso não será fácil. Nós conseguimos fazer com que os homens tenham orgulho de muitas de suas falhas, mas não da covardia. Sempre que estamos quase chegando lá, o Inimigo permite que haja uma guerra, um terremoto ou outra calamidade, e imediatamente a coragem torna-se tão obviamente adorável e importante, mesmo para os olhos humanos, que todo o nosso trabalho cai por terra, e assim eles passam a ter pelo menos um defeito do qual sentem genuína vergonha. O perigo de induzir a covardia nos nossos pacientes, portanto, é o de que eles alcancem o verdadeiro autoconhecimento e passem a condenar a si mesmos, e, conseqüentemente, alcancem o arrependimento e a humildade. E, de fato, na última guerra, milhares de humanos, ao descobrirem sua própria covardia, descobriram pela primeira vez todo o mundo moral. Em épocas de paz, nós podemos fazer com que muitos deles

ignorem o bem e o mal completamente; em épocas de perigo, eles são forçados a enfrentar essa questão com tamanha intensidade que não podemos fazer nada para impedi-los. E aqui nós deparamos com um dilema cruel. Se promovermos a justiça e a caridade entre os homens, estaremos jogando de acordo com as regras do Inimigo; mas, se fizermos com que eles adotem o comportamento contrário, cedo ou tarde isso produzirá (porque Ele permite) uma guerra ou uma revolução, e a questão indisfarçável da coragem ou covardia acabará por despertar milhares de homens do seu torpor moral.

Com efeito, esse talvez seja um dos motivos do Inimigo para criar um mundo perigoso – um mundo no qual as questões morais vão sempre direto ao ponto. Ele percebe muito bem, assim como você, que a coragem não é apenas mais *uma* das virtudes, e sim a forma que cada virtude assume quando é testada, ou seja, quando chega ao extremo da realidade. A castidade, a honestidade ou a misericórdia que cedem à ameaça serão castas ou honestas ou misericordiosas apenas sob certas condições. Pilatos foi misericordioso até o momento em que a situação começou a ficar perigosa.

Desse modo, há tanto a perder como a ganhar em fazer dele um covarde; talvez ele acabe aprendendo coisas demais sobre si mesmo. É claro que sempre existe a chance de piorar a vergonha, em vez de anesthesiá-la, e de

produzir assim o Desespero. Isso seria uma grande vitória. Mostraria que ele acreditou (e aceitou) que o Inimigo perdoaria seus outros pecados apenas porque ele mesmo não tinha consciência da gravidade deles como pecados – que, em relação ao único defeito que ele realmente compreende, em toda a sua desonra, ele não pode buscar a Misericórdia, e nem tem direito a ela. Mas eu temo que você já o tenha deixado ir longe demais em seu aprendizado com o Inimigo, e ele sabe que o Desespero é um pecado ainda maior que os pecados que o provocam.

Quanto à técnica em si para tentar a covardia, não há muito a ser dito. O ponto principal é que as precauções tendem a aumentar o medo. As precauções impostas publicamente a seu paciente, no entanto, logo tornam-se rotina, e esse efeito do medo desaparece. Você precisa fazer com que ele continue a ter uma vaga idéia (lado a lado com a intenção consciente de cumprir seus deveres), *dentro* do campo dos deveres, sobre todas as coisas que ele pode e não pode fazer que parecem deixá-lo um pouco mais seguro. Faça com que ele pare de pensar na regra simples (“tenho de continuar aqui e fazer tal e tal coisa etc.”) e passe a pensar numa série de hipóteses imaginárias para a vida (“se a coisa A acontecesse – embora eu espere que não aconteça –, eu poderia fazer B – e, se o pior acontecer, eu posso sempre recor-

rer a C”). Você pode despertar superstições, tomando o cuidado para que ele não as reconheça como tais. O ideal é fazê-lo sentir que pode *recorrer* a *algo* além do Inimigo e da coragem que o Inimigo lhe dá, de tal modo que aquilo que inicialmente era um compromisso total para com seus deveres passe a ficar cheio de pequenas restrições inconscientes. Ao construir uma série de expedientes imaginários para evitar “que o pior aconteça”, você pode provocar nele, já que ele não tem consciência da grande intensidade de sua disposição, a determinação de que o pior *não deve* acontecer. Então, nesses momentos de verdadeiro pânico, faça com que isso tome conta do seu sistema nervoso, e você poderá provocar o ato fatal antes mesmo de ele se dar conta dos seus planos, meu caro sobrinho. Pois, lembre-se, o *ato* da covardia é tudo o que importa; a emoção do medo, em si mesma, não é nenhum pecado e, embora nós a apreciemos, ela não nos traz bem algum.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Querido Vermebile,

Às vezes me pergunto se você acha que foi enviado ao mundo a passeio. Fiquei sabendo, não a partir de seu relatório absurdamente insuficiente, mas da Polícia do Inferno, que o comportamento do paciente durante o primeiro ataque foi o pior possível. Ele sentiu muito medo e pensou no quanto era covarde e, portanto, não teve nenhum sentimento de orgulho; na verdade, ele fez tudo o que estava a seu alcance, e talvez até um pouco mais. Tudo o que você pôde produzir contra esse desastre foi um certo mau humor para com um cachorro que o fez tropeçar, o excesso de cigarros e o fato de esquecer-se

de fazer alguma oração. De que lhe adianta choramingar para mim sobre as suas dificuldades? Se você está comprando do Inimigo a idéia de “justiça” e sugerindo que as suas oportunidades e intenções devem ser levadas em conta, então eu temo que talvez seja possível impetrar-lhe a acusação de heresia. De qualquer modo, você logo descobrirá que a justiça no Inferno é puramente realista e que ela se concentra apenas nos resultados. Traça-nos alimento, ou o alimento será você.

A única passagem construtiva da sua carta é aquela em que você diz ainda esperar bons resultados do cansaço que o seu paciente sente. Isso já é o bastante. Mas não será fácil manipular esse cansaço. A fadiga *pode* produzir extrema bondade e tranqüilidade mental, e mesmo alguma visão. Se muitas vezes você já testemunhou o cansaço levando os homens à ira, à maldade e à impaciência, isso aconteceu porque esses homens tinham tentadores eficientes. O paradoxo está no fato de que o cansaço moderado é um solo mais fértil para a irritabilidade do que a exaustão absoluta. Isso depende, em parte, de causas físicas, mas também de algo mais. Não é apenas a fadiga em si que produz a raiva, mas as exigências inesperadas feitas a um homem já cansado. Os homens logo passam a pensar que têm direito a tudo o que desejam; a sensação de desapontamento pode, com pouco esforço de nossa parte, transformar-se em mágoa. E

é só depois de cederem ao inevitável, depois de não agüentarem mais de desespero e nem mesmo conseguirem pensar sobre o que vai acontecer dali a meia hora, que os perigos do cansaço pacífico e humilde surgem. Para conseguir os melhores resultados da fadiga do seu paciente, portanto, você deve alimentá-lo com falsas esperanças. Faça-o pensar em razões plausíveis para acreditar que o ataque aéreo não se repetirá. Faça-o confortar-se com o pensamento sobre o quanto será agradável ter mais uma noite de sono. Exagere o cansaço fazendo-o pensar que logo ele acabará, pois os homens costumam sentir que é impossível agüentar uma enorme tensão além daquele exato momento em que ela está para terminar, ou que supõem que está para terminar. Nessa situação, assim como no problema da covardia, você deve evitar que ele se comprometa completamente. Independentemente do que ele *diga*, deixe que tome a decisão íntima de não suportar o que quer que lhe aconteça, e sim suportar “apenas durante um período razoável de tempo”; deixe que esse período razoável seja menor do que a suposta duração da sua provação. Não precisa ser *muito* menor. Quando atacamos a paciência, a castidade ou a bravura, o mais divertido é fazer os homens cederem exatamente quando o fim de sua agonia estava logo ali na esquina (ah, se eles soubessem).

Eu não sei se ele está disponível para encontros com a moça na sua atual condição de cansaço. Se ele a en-

contrar, faça pleno uso do fato de que, até certo ponto, o cansaço faz com que as mulheres falem mais e os homens falem menos. Muito do ressentimento oculto que existe mesmo entre pessoas que se amam deriva disso.

Provavelmente, tudo aquilo de que ele é testemunha agora não dará material suficiente para um ataque *intelectual* à sua fé – como você fracassou antes, isso está fora de questão. Mas você ainda pode tentar outro tipo de ataque às emoções. Isso consiste em fazê-lo *sentir*, quando ele vir pela primeira vez uma parede repleta de sangue, que é “assim que o mundo *realmente é*”, e que toda a sua religião não passa de uma fantasia. Você notará que, graças a nós, eles estão completamente confusos quanto ao significado da palavra “real”. Ao discutir sobre uma experiência espiritual, eles podem dizer uns aos outros: “Tudo o que aconteceu, *na realidade*, foi que você ouviu um pedaço de uma música num ambiente iluminado”; aqui, “real” significa os fatos puramente físicos, devidamente separados dos outros elementos da experiência que realmente tiveram. Por outro lado, eles também podem dizer: “É ótimo ficar aí nessa poltrona discutindo o seu enlevo espiritual, mas espere até você chegar lá e ver como a coisa é *de verdade*.” Nesse caso, o “real”, o que é verdadeiro, está sendo usado no sentido oposto, para significar não os fatos físicos (de que já estão a par enquanto discutem sentados o assunto), e sim

o efeito emocional que esses fatos terão sobre a consciência de um humano. Qualquer um dos sentidos pode ser defendido; mas o nosso dever é manter os dois ativos ao mesmo tempo, de tal modo que o valor emocional da palavra “real” possa ser substituído tanto de um jeito como de outro, o que quer que nos convenha. A regra geral que já estabelecemos entre eles é a de que em todas as experiências capazes de deixá-los felizes ou de melhorá-los, apenas os fatos físicos são “reais”, enquanto os elementos espirituais são “subjetivos”; em todas as experiências que podem desencorajá-los ou corrompê-los, os elementos espirituais são a principal realidade, e ignorá-los é ser escapista. Assim, durante o nascimento, o sangue e a dor são “reais”, enquanto a alegria é um mero ponto de vista subjetivo; na morte, o horror e a feiúra revelam o que a morte é “na realidade”. O ódio que se sente por uma determinada pessoa odiada é “real” – quando eles sentem ódio, enxergam os homens como realmente são e perdem suas ilusões; mas o afeto que sentem por uma pessoa amada é puramente uma névoa subjetiva que oculta um núcleo “verdadeiro” de apetite sexual ou de interesses econômicos. A guerra e a pobreza são “realmente” horríveis; a paz e a fartura são simples fatos físicos pelos quais os homens por acaso nutrem alguns sentimentos. As criaturas sempre acusam umas às outras de querer ao mesmo tempo duas coisas

opostas; mas, graças a nossos esforços, em geral eles sempre se encontram na delicada situação de pagar por ambas sem ficar com nenhuma. Se você souber lidar direitinho com o seu paciente, não será difícil fazê-lo pensar em suas emoções como uma revelação da Realidade quando ele por acaso vir as entranhas de um ser humano ou como mero sentimentalismo toda vez que vir crianças felizes ou um dia bonito.

Afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

Meu querido, adorado e precioso Vermebile,

Agora que tudo chegou ao fim, digo-lhe que você está redondamente enganado quando vem me perguntar, choramingando, se as palavras de afeto que usei com você não significavam nada. Longe disso! Fique tranquilo; meu amor por você e o seu amor por mim são idênticos. Eu sempre quis o seu bem, assim como você, tolinho, sempre quis o meu. A diferença é que eu sou mais forte. Acho que agora eles farão com que você seja meu; ou pelo menos um pedaço de você. Se eu amo você? Ora, claro. Tanto quanto as apetitosas guloseimas com as quais já me fartei.

Você deixou que uma alma lhe escapasse pelos dedos. O uivo de intensa fome ocasionado por essa perda está, neste exato momento, ecoando desde todos os andares do Reino do Ruído até o próprio Trono. Fico louco quando penso nisso. Sei muito bem o que aconteceu no momento em que eles o tomaram de você! Ele de repente passou a ver tudo mais claro (não foi?), ao mesmo tempo que podia enxergar você pela primeira vez e reconheceu o papel que você desempenhava na vida dele, e soube que você não o possuiria mais. Apenas pense por um instante (e que isso seja só o começo do seu tormento) no que ele sentiu naquele momento; como se a casca de uma velha ferida tivesse caído, como se ele se despidesse de uma horrível doença de pele, como se tivesse se livrado para sempre de um traje imundo. Por Belzebu! Já é horrível o suficiente observá-los em seus dias mortais tirando suas roupas sujas e desconfortáveis para mergulhar numa banheira de água quente, dando grunhidos de satisfação enquanto espreguiçam os membros cansados. O que dizer, então, dessa limpeza final, desse despir definitivo?

Quanto mais penso a respeito, pior fica. Ele escapou tão facilmente! Nada de receios graduais, nada de ser enganado pelo médico, nada de hospital, nada de mesa de operação, nada de falsas esperanças de vida; apenas a total e instantânea liberdade. Em um momento, parecia

que tudo aquilo era nosso: o barulho das bombas, o ruir das casas, o gosto e o cheiro desagradáveis dos explosivos na boca e nos pulmões, os pés ardendo de cansaço, o coração gélido de tristeza, a mente perturbada, as pernas doloridas; no momento seguinte, tudo isso acabou, como um pesadelo que chega ao fim, que passa a ser insignificante para sempre. Você é um fracassado, um imbecil, um tolo, uma simples marionete! Percebeu o quanto foi fácil para esse verme nascido da terra entrar numa nova vida, como se tivesse sido feito para isso? Como todas as dúvidas dele se tornaram, num piscar de olhos, apenas ridículas? Eu sei muito bem o que a criatura disse a si mesma. “Sim, claro. É sempre assim. Todos os horrores seguem o mesmo curso, e ficam cada vez piores, forçando você a um beco sem saída e, no exato momento em que você acha que será esmagado, você sai dessa horrível situação e tudo fica bem, assim, de repente. Como a extração de um dente: a dor piorava cada vez mais e, de repente, o dente saiu. O sonho tornou-se pesadelo, e então você acordou. Você morre, e morre mais uma vez, e de repente está além da morte. Como posso ter duvidado disso?”

Quando ele o viu, ele também Os viu. Eu sei como foi. Você recuou, cego e atordoado, sentindo-se mais ferido por Eles do que ele jamais se sentira em relação às bombas. Ah, que humilhação tudo isso, o fato de essa

coisa feita de pó e lodo poder ficar de pé, altivo, e falar de igual para igual com espíritos perante os quais você, um espírito, apenas se encolheria de medo. Talvez você nutrisse a esperança de que toda a estranheza e assombro perante isso tudo acabaria por frustrar a alegria dele. Mas aí é que está a desgraça: os deuses são incomuns aos olhos mortais, mas ainda assim não são estranhos. Ele não tinha a menor idéia até aquele momento de como eles eram, e até mesmo duvidava de sua existência. Mas, quando os viu, soube que os conhecia desde sempre, e deu-se conta do papel que cada um teve em mais de um momento em sua vida, quando supunha estar sozinho – de tal modo que agora ele não diria a eles, um a um, “Quem *são* vocês?” e sim “Ah, então eram *vocês* o tempo todo”. Aquela vaga sensação de que tinha amigos a seu redor, que assombrou seus momentos de solidão desde a infância, finalmente tinha sido explicada; aquela música dominante, presente em cada experiência pura que teve, que sempre lhe fugia da memória, fora finalmente recuperada. O reconhecimento o libertou da companhia deles pouco antes de ele finalmente expirar. Só você ficou de fora.

Ele não só Os enxergou; ele O enxergou. Esse animal, essa coisa que foi gerada numa cama, pôde enxergá-Lo. Aquilo que agora é para você um fogo asfixiante e ofuscante é para ele uma luz fresca, é a própria clari-

dade, e tem a imagem de um Homem. Seria bom, se possível, interpretar a prostração do paciente diante da Presença, sua aversão a si mesmo e a total consciência de seus pecados (sim, Vermebile, uma consciência ainda maior que a sua) como algo semelhante à própria asfixia e à sensação paralisante que você sente naqueles momentos em que a brisa mortífera sopra do âmago do Céu. Mas tudo isso é bobagem. Talvez ele ainda passe por momentos dolorosos, mas os humanos *aceitam* essas dores. Eles não as trocariam por nenhum prazer terrestre. Todas as delícias dos sentidos, dos sentimentos ou do intelecto, com as quais você pôde tentá-lo, mesmo as delícias da própria virtude, parecem agora para ele, em comparação, como nada além da diversão repulsiva proporcionada por uma prostituta velha para o homem que acaba de saber que o amor de toda sua vida, que julgava estar morto, na verdade está bem vivo e batendo à sua porta. Ele foi enredado naquele mundo onde a dor e o prazer assumem valores transfinitos e toda a nossa aritmética é subjugada. Mais uma vez, o inexplicável nos acontece. Além da tragédia de termos tentadores ineptos como você, a grande maldição que nos acomete é o fracasso do nosso Departamento de Inteligência. Ah, se ao menos pudéssemos descobrir quais são os Seus verdadeiros planos! Ah, que desgraça a nossa, a de que o conhecimento, em si mesmo uma coisa

tão odiosa e patética, seja necessário para se ter Poder! Às vezes quase chego ao desespero. A única coisa que me mantém de pé é a convicção de que o nosso Realismo, a nossa rejeição (perante todas as tentações que sofremos) de toda essa besteira e conversa fiada *certamente* vencerão no fim. Enquanto isso, tenho de acertar as contas com você.

Cada vez mais ávida e afetuosamente, seu tio,
FITAFUSO

FITAFUSO PROPÕE UM BRINDE

C. S. Lewis mal acabara de dar os toques finais a este livro quando veio a falecer, em 22 de novembro de 1963. Esta é uma obra dedicada quase que totalmente à religião. Vários trechos têm origem em diversas fontes. Alguns deles apareceram em *They Asked for a Paper* (Geoffrey Bles, Londres, 1962), uma coletânea cujos assuntos incluíam literatura, ética e teologia. “Screwtape Proposes a Toast” foi publicado primeiro na Grã-Bretanha, como parte de um livro chamado *The Screwtape Letters and Screwtape Proposes a Toast* (Geoffrey Bles, Londres, 1961). A obra consistia nas cartas de Fitafuso originais, junto com o “Brinde”, além de um novo prefácio do autor. Enquanto isso, “Fitafuso propõe um

brinde” já tinha sido publicado nos Estados Unidos, primeiro como texto no jornal *The Saturday Evening Post*, e depois em 1960, numa coleção de capa dura chamada *The World's Last Night* (Harcourt Brace and World, Nova York).

No novo prefácio para *As cartas de Fitafuso e Fitafuso propõe um brinde*, que reproduzimos nesta edição, Lewis explica como concebeu o “Brinde”. Seria errado dizer que o texto é “mais uma carta de Fitafuso”. Aquilo que Lewis descreveu como a técnica da “ventriloquia diabólica” de fato ainda está ali presente: o que Fitafuso diz é o negativo daquilo que pensamos, e tudo aquilo que ele acolhe deve ser temido por nós. No entanto, embora o formato persista, acaba aí a sua semelhança com as “Cartas” iniciais. As cartas diziam respeito principalmente à vida moral de um indivíduo; no “Brinde”, o teor da investigação está mais para a necessidade de se respeitar e estimular a mente dos jovens.

“A Slip of the Tongue” (um sermão feito na capela do Magdalene College, em Cambridge) aparece pela primeira vez em formato de livro. “The Inner Ring” foi uma Oração Memorial feita no King’s College, Universidade de Londres, em 1944; “Is Theology Poetry?” e “On Obstinacy in Belief” foram ensaios lidos no Socratic Club e depois publicados no “Socratic Digest”, em 1944 e 1955, respectivamente. “Transposition” é uma

versão um pouco maior de um discurso feito no Mansfield College, em Oxford, enquanto “The Weight of Glory” foi outro discurso feito na Igreja da Santíssima Virgem Maria (Church of St Mary the Virgin), em Oxford, e publicado pela primeira vez pela SPCK (Society for Promoting Christian Knowledge). Esses cinco ensaios foram gentilmente cedidos para publicação em *They Asked for a Paper*. “Good Work and Good Works” apareceu pela primeira vez no periódico *The Catholic Art Quarterly* e, depois, em *The World’s Last Night*.

Ao fim de seu prefácio para *They Asked for a Paper*, Lewis escreveu: “Já que estes ensaios foram escritos em diferentes épocas nos últimos vinte anos, algumas das passagens que lembrarão a alguns leitores o meu trabalho posterior são, na verdade, apenas esboços de algumas idéias que seriam desenvolvidas depois. Acabei me convencendo de que essas coincidências não eram empecilho para uma nova publicação.” Ficamos imensamente gratos por ele também ter concordado a respeito desta coletânea de obras de tema religioso.

J.E.G.

FITAFUSO PROPÕE UM BRINDE

Muitas vezes as pessoas me pediam ou me aconselhavam a dar continuidade às “Cartas de Fitafuso”, mas durante muitos anos não me senti nem um pouco inclinado a fazê-lo. Embora fosse a obra que escrevi com mais facilidade, jamais escrevi algo com menos prazer. A facilidade vinha, sem dúvida, do fato de que o artifício das cartas diabólicas, uma vez concebido, passa a ser imediatamente fácil de explorar, assim como os gigantes e os homenzinhos de Swift, ou a filosofia médica e ética do *Erewhon* de Samuel Butler, ou a *Garuda Stone* de Anstey. Se eu deixasse o assunto à vontade, ele daria umas mil páginas. Mas, embora fosse fácil torcer a mente para se adaptar aos modos diabólicos, não foi nada divertido, pelo menos não por muito tempo. Todo o

esforço produziu uma espécie de cãibra espiritual. O mundo no qual eu tinha de me projetar enquanto falava através de Fitafuso não era nada além de pó, areia, sede e desconforto. Qualquer traço de beleza, frescor e genialidade tinha de ficar de fora. Os leitores teriam sufocado se eu tivesse continuado.

Além disso, eu guardava um certo ressentimento porque minha obra não era um livro diferente dos outros, um livro que ninguém poderia escrever. O ideal seria que os conselhos de Fitafuso para Vermebile fossem contrabalançados por conselhos dados pelos arcanjos para o anjo da guarda do paciente. Sem isso, a representação da vida humana fica desequilibrada. Mas quem poderia sanar essa deficiência? Mesmo se um homem – e teria de ser um homem bem melhor do que eu – pudesse escalar a montanha espiritual necessária para a tarefa, qual “estilo plenamente confiável” ele poderia usar? Porque o estilo seria, na verdade, parte do conteúdo. O mero aconselhamento não seria suficiente; cada frase deveria carregar o perfume dos Céus. E hoje em dia, mesmo se uma pessoa pudesse escrever prosa como Traherne, ela não seria capaz, porque o cânone do “funcionalismo” incapacitou a literatura de metade de suas funções. (No fundo, todo o ideal de estilo acaba ditando não apenas o modo como devemos dizer as coisas, mas também que tipo de coisa podemos dizer.)

Assim, à medida que os anos passavam e a sufocante experiência de escrever as “Cartas” sumia da memória, comecei a pensar em certas coisas que de algum modo pareciam exigir um tratamento à moda de Fitafuso. Eu estava decidido a nunca mais escrever outra dessas cartas. A idéia de algo como uma palestra ou um discurso pairava vagamente na minha mente, às vezes esquecida, às vezes retomada, mas nunca finalmente levada a cabo. Então o *Saturday Evening Post* fez o convite, e isso acabou trazendo a idéia finalmente à tona.

C.S.L.

O cenário é o Inferno; a ocasião, um jantar anual oferecido aos jovens Demônios pela Faculdade de Treinamento de Tentadores. O Diretor, Dr. Catarruspe, acaba de brindar à saúde de seus convidados. Fitafuso, convidado de honra, ergue-se para responder.

Sr. Diretor, Vossa Iminência, Vossas Repelências, ilustres senhores Espinhosos, Sombrosos e demais nobres demônios: o costume nestas ocasiões pede que o palestrante dirija-se principalmente àqueles entre vocês que acabaram de se formar e que em breve ocuparão o cargo de Tentadores oficiais na Terra. É um costume ao qual com prazer obedeço. Lembro-me muito bem do quanto fi-

quei apreensivo enquanto esperava pela minha primeira nomeação. Espero e acredito que cada um de vocês se sinta do mesmo modo hoje à noite. A carreira de vocês está na sua frente. O Inferno espera e exige que ela seja, como foi a Minha, uma carreira de sucesso ininterrupto. Caso contrário, vocês sabem o que os aguarda.

Não desejo amenizar aquela sadia e realista sensação de terror, a persistente ansiedade, que deve agir como incentivo e ímpeto para todas as suas ações. Quantas vezes vocês sentirão inveja da faculdade do sono que têm os humanos! Ainda assim, desejo também proporcionar-lhes uma visão levemente encorajadora acerca da nossa situação estratégica como um todo.

O seu temido Diretor incluiu em seu discurso repleto de assuntos uma espécie de pedido de desculpas pelo banquete que agora temos diante de nós. Bem, meus nobres diabos, a culpa não é *dele*. Mas seria inútil negar que eram da pior qualidade as almas humanas em cuja angústia hoje nós nos banquetecemos. Nem mesmo a culinária mais requintada de nossos atormentadores conseguiria deixá-las menos insípidas.

Ah, o prazer que é novamente dar uma dentada num Farinata, num Henrique VIII ou mesmo num Hitler! Eles tinham crocância, tinham carne; uma fúria, um egoísmo, uma crueldade que só era menos sólida que a nossa. Impunham uma deliciosa resistência ao serem

devorados. Aqueciam nossas entranhas quando nós os engolíamos.

Em vez disso, o que temos esta noite? Tivemos um político municipal com molho de Suborno. Mas posso dizer que não pude detectar nele o sabor de uma avareza realmente ardente e brutal como aquela deliciosa avareza dos grandes magnatas do século passado. Não era ele sem dúvida um Homenzinho – uma criatura que embolsava pequenos subornos acompanhando o ato de uma piadinha medíocre em particular, subornos que eram negados em seus discursos públicos repletos de insípida superficialidade –, uma pessoinha imunda e sem importância que se afogou na corrupção, mal se dando conta de que era corrupto e apenas porque todos os outros também tinham consciência disso? Depois desse prato, tivemos o insípido Assado de Adúlteros. Vocês conseguiram saborear nele o mínimo traço de uma luxúria totalmente esbraseante, desafiadora, rebelde e insaciável? Eu não. Para mim, todos tinham o sabor de idiotas subsexuados que cometeram erros ou foram levados para as camas erradas como resposta automática a anúncios publicitários apelativos, ou apenas para se sentirem modernos e liberados, ou para se certificarem de sua virilidade ou de sua “normalidade”, ou até mesmo porque não tinham mais nada para fazer. Sinceramente, a mim, que já provei de uma Messalina ou de um Casanova,

eles causaram náusea. O Sindicalista com guarnição de Conversa Fiada talvez estivesse um pouquinho melhor. Ele causou um verdadeiro mal. Trabalhou, não inteiramente sem consciência do que fazia, para causar derramamento de sangue, fome e a extinção da liberdade. Sim, de certa maneira, foi isso que ele fez. Mas que maneira de se fazer! Ele pensava muito pouco nesses objetivos fundamentais. Tudo o que dominava a sua vida era a obediência ao partido, a importância que dava a si próprio e, acima de tudo, a mera rotina.

Mas vamos ao ponto principal. Em termos gastronômicos, tudo isso é deplorável. Mas espero que nenhum de nós aqui esteja colocando a gastronomia em primeiro lugar. Não seria tudo isso, de modo totalmente diferente e ainda mais grave, algo que na verdade nos dá esperança, algo de grande potencial?

Avaliemos, por exemplo, apenas a quantidade. A qualidade pode ser sofrível; mas jamais tivemos tamanha abundância de almas... desse tipo.

E eis a nossa grande vitória. Ficamos tentados a dizer que essas almas – ou essas poças residuais daquilo que já foi uma alma – mal valem a pena serem levadas à danação. Sim, mas o Inimigo (por alguma razão perversa e enigmática) achou que vale a pena salvá-las. Acreditem, Ele pensa nisso. Vocês, jovens, que ainda não estão trabalhando ativamente, não têm a menor idéia do

grande esforço e da habilidade necessários para finalmente capturar cada uma dessas criaturas desprezíveis.

A dificuldade está na própria insignificância e frouxidão deles. Temos aqui uns vermezinhos que eram tão confusos em seus pensamentos, tão passivamente receptivos ao ambiente, que foi muito difícil fazer com que chegassem àquele nível de clareza e deliberação que lhes possibilita chegar ao pecado mortal. Foi preciso elevá-los só um pouco, apenas o suficiente, mas não passar do limite fatal, e elevá-los “em excesso” – porque senão, é claro, provavelmente tudo estaria perdido. Eles poderiam ter enxergado, poderiam ter-se arrependido. Por outro lado, se nós os tivéssemos erguido só um pouquinho, talvez estivessem qualificados apenas para o Limbo, como criaturas que não são adequadas nem para o Céu nem para o Inferno, seres que, incapazes de ter as qualificações necessárias, são deixados para afundar para todo o sempre numa subumanidade mais ou menos satisfeita.

Em cada escolha individual a respeito daquilo que o Inimigo chamaria de o caminho “errado”, essas criaturas raramente estão, se é que alguma vez estiveram, num estado de completa responsabilidade espiritual. Eles não compreendem nem a origem nem a verdadeira característica das proibições que estão violando. A consciência deles raramente existe separada da esfera social

que os cerca. E, é claro, nós tramamos para que a própria linguagem deles seja completamente turva e confusa: aquilo que é um *suborno* na profissão de um deles nada mais é que uma *gorjeta* ou um *presentinho* na de outro. A primeira tarefa dos Tentadores foi solidificar essas escolhas que levam à estrada do Inferno, transformando-as em hábito através da repetição constante. Porém, eles teriam de transformar esses hábitos num princípio (e isso é algo muito importante), um princípio que a criatura esteja preparada para defender. Depois disso, tudo fica fácil. A conformidade ao ambiente social, que inicialmente é apenas instintiva ou até mesmo mecânica – afinal, como uma *geléia* poderia não se adaptar ao meio? –, torna-se agora um credo inconsciente, ou um ideal de Pertencer a um Grupo, ou de Ser como os Outros. A simples ignorância da lei que estão desobedecendo transforma-se numa vaga teoria a respeito da própria lei – lembrem-se de que eles não sabem nada de história –, teoria que fica bem clara quando dão a essa lei o nome de *convencional*, ou *puritana*, ou de “moralidade” *burguesa*. Assim, gradualmente, passa a existir no âmago da criatura a rígida e arraigada resolução de continuar a ser o que é, e até mesmo de resistir aos humores que possam modificar essa situação. É uma resolução pequena, nem um pouco ponderada (eles são excessivamente ignorantes), tampouco desafiadora (são

incapazes disso devido à sua pobreza emocional e imaginativa); na verdade ela é quase formal e discreta, de uma maneira que lhe é peculiar – como um seixo, um câncer ainda em desenvolvimento. Mas serve aos nossos propósitos. Finalmente, temos uma rejeição real e deliberada, embora não inteiramente articulada, daquilo que o Inimigo chama de Graça.

Esses, portanto, são fenômenos bastante bem-vindos. Primeiro a abundância de presas – por mais insípido que seja o cardápio, não corremos o risco de morrer de fome. E, em segundo lugar, a vitória; nunca os nossos Tentadores foram tão habilidosos. Mas a terceira lição, da qual ainda não falei, é a mais importante de todas.

O tipo de alma em cujo desespero e ruína nós esta noite... (bem, não direi que nos banqueteamos, mas que subsistimos), enfim, em que subsistimos esta noite aumenta cada vez mais em número, e continuará a aumentar. Nossos conselheiros do Baixo Comando nos asseguram de que a tendência é esta; temos ordens para orientar toda a nossa tática tendo em mente essa situação. Os “grandes” pecadores, aqueles nos quais as paixões vívidas e geniais foram levadas além do limite, e nos quais sua imensa concentração de vontade foi devotada a assuntos que o Inimigo odeia – enfim, nem todos eles desaparecerão, mas ficarão mais raros. Teremos cada vez mais presas, mas consistirão cada vez mais de puro lixo

– lixo que tempos atrás jogaríamos para Cérbero e para os cães do Inferno, pois não seria apropriado para o consumo diabólico. Há duas coisas que quero que percebam a esse respeito. Em primeiro lugar, que, por mais deprimente que possa parecer, isso é, na verdade, uma mudança para melhor. E, em segundo lugar, eu quero chamar a atenção de todos para a maneira com que conseguimos esse feito.

É uma mudança para melhor. Os grandes (e saborosos) pecadores são feitos do mesmo material que aqueles fenômenos horríveis, os grandes Santos. O desaparecimento quase total desse material pode significar refeições insípidas para nós. Mas isso não significa também uma grande frustração e fome para o Inimigo? Ele não criou os humanos – não se tornou um deles e teve uma morte horrível entre eles – apenas para produzir candidatos para o Limbo, humanos “com defeito”. Ele queria fazer Santos, deuses, criaturas como Ele mesmo. Não seria a insipidez deste cardápio um pequeno preço a pagar pelo delicioso conhecimento de que todo o Seu grande experimento está chegando ao fim? E não só isso: à medida que o número de grandes pecadores cai, e a maioria perde toda a individualidade, os grandes pecadores tornam-se agentes bem mais eficazes para nós. Cada ditador, e mesmo cada demagogo – quase toda estrela de cinema ou cantor –, pode agora arrastar dezenas de

milhares de humanos consigo. Os outros humanos se oferecem (ou oferecem aquilo que resta deles) a esses grandes pecadores; e, se se oferecem a eles, oferecem-se também a nós. Talvez venha a época em que não precisaremos nunca nos preocupar com a tentativa *individual*, com exceção de poucos. Apoderem-se do pastor e todo o resto do rebanho o seguirá.

Vocês se dão conta do quanto conseguimos reduzir muito da raça humana a meras cifras numéricas? Isso não aconteceu por acidente. Foi a nossa resposta – e uma resposta magnífica – a um dos maiores desafios que já tivemos de enfrentar.

Neste ponto, devo lembrá-los da situação em que os humanos se encontravam na última metade do século XIX – a época em que deixei de ser um Tentador e fui recompensado com um cargo administrativo. O grande movimento em direção à liberdade e igualdade entre os homens já tinha dado frutos e amadurecido a essa época. A escravidão foi abolida, houve a vitória dos americanos em sua guerra da Independência e a vitória da Revolução Francesa. A tolerância religiosa cresceu em quase todos os lugares. Nesse movimento, originalmente havia muitos elementos que estavam a nosso favor: muito Ateísmo, muito Anticlericalismo, muita inveja e sede de vingança, e até mesmo algumas tentativas, bastante absurdas, de reviver o Paganismo. Não foi fácil

determinar qual seria a nossa postura. Por um lado, foi um golpe duro para nós – e ainda é – o fato de que qualquer homem que tivesse fome devesse ser alimentado, ou de que todos quantos levavam grilhões tivessem de ganhar a liberdade. Mas, por outro lado, havia nesse movimento tanta rejeição da fé, tanto materialismo, tanto secularismo e tanto ódio que nos sentimos impelidos a encorajá-lo.

Mas, ao fim da segunda metade do século, a situação já era bem mais simples e também mais ameaçadora. No setor inglês (a linha de frente onde servi por tanto tempo) algo horrível aconteceu. O Inimigo, com a prestidigitação que Lhe é peculiar, apropriou-se em grande parte desse movimento progressivo, ou liberalizante, e o perverteu para Seus próprios fins. Muito pouco do seu velho Anticristianismo permaneceu. O perigoso fenômeno chamado Socialismo Cristão proliferou. A velha e conhecida figura do dono de fábrica, homens que ficaram ricos com o suor do trabalho, em vez de serem assassinados pelos seus trabalhadores – pois nós poderíamos ter usado isso também –, recebiam a desaprovação da sua própria classe. Os ricos cada vez mais desistiam de seus poderes, mas não por conta de uma revolução, ou à força, mas como obediência à própria consciência deles. E os pobres que se beneficiavam disso comportavam-se de maneira decepcionante. Em vez de usar suas

novas liberdades – que era o que nós obviamente esperávamos que fizessem – para o massacre, o estupro e a pilhagem, ou até mesmo para a embriaguez perpétua, estavam cada vez mais engajados a ficar mais limpos, mais organizados, mais econômicos, mais educados e até mesmo mais virtuosos. Creiam-me, meus nobres diabos: a ameaça de algo semelhante a uma sociedade realmente saudável parecia, então, bastante grave.

Graças a Nosso Pai nas Profundezas, essa ameaça foi eliminada. Nosso contra-ataque deu-se em dois níveis. Num nível mais profundo, nossos fornecedores conseguiram dar vida a um elemento que estava implícito no movimento desde o início. Oculto no âmago dessa busca pela Liberdade, havia também o profundo ódio pela liberdade pessoal. Foi aquele homem de grande valor, Rousseau, o primeiro a revelar essa verdade. Em sua democracia perfeita, lembrem-se, somente a religião estatal é permitida; volta-se à escravidão, e diz-se ao indivíduo que aquilo que ele sempre desejou (embora ele não soubesse disso) é aquilo que o Governo lhe ordena. Desse ponto inicial, *via* Hegel (outro grande propagandista extremamente valioso para nós), nós facilmente conseguimos conceber tanto o estado Comunista como o Nazista. Tivemos grande sucesso até mesmo na Inglaterra. Dia destes, ouvi dizer que nesse país um homem não pode, sem uma autorização formal, cortar uma árvore

que é sua com o seu próprio machado, cortá-la em tábuas com seu próprio serrote, e fazer com as tábuas um armazém de ferramentas em seu próprio jardim.

E foi esse o nosso contra-ataque num dos níveis. A vocês, que são meros iniciantes, não serão confiados trabalhos dessa natureza. Vocês serão Tentadores de indivíduos. Contra eles, ou através deles, o nosso contra-ataque assume forma diferente.

Democracia é a palavra que vocês usarão para ter total controle sobre eles. O ótimo trabalho que os nossos especialistas em filologia fizeram no campo da linguagem humana faz com que seja desnecessário avisar vocês de que eles jamais devem dar a essa palavra um significado claro e definido. Eles não terão um significado claro e definido para ela. Jamais lhes ocorrerá que *Democracia* é, na verdade, o nome de um sistema político, diríamos até mesmo um sistema de votação, e que isso tem uma ligação muito tênue e remota com o que vocês estão tentando vender-lhes. E eles também não devem, é claro, jamais levantar aquela questão aristotélica: se o “comportamento democrático” significa o comportamento que as democracias apreciam ou o comportamento que irá preservar a democracia. Pois, se chegassem a pensar nesses termos, provavelmente pensariam que as duas coisas não precisam ser iguais.

Vocês devem usar essa palavra somente como um encantamento; se preferirem, somente pelo seu poder

propagandístico. É um nome que veneram. E está ligado, é claro, com aquele ideal político, o de que todos os homens devem receber o mesmo tratamento. Vocês deverão então fazer uma furtiva transição em suas mentes desse ideal político para a crença factual de que todos os homens *são* iguais, principalmente os homens com quem vocês estiverem lidando. Conseqüentemente, vocês podem usar a palavra *Democracia* para encorajar na mente deles o mais degradante (e também menos agradável) de todos os sentimentos humanos. Vocês poderão fazer com que eles tenham, não apenas de modo descarado, mas também com um verdadeiro brilho de auto-aprovação, uma conduta que, se não puder ser defendida por essa palavra mágica, será ridicularizada por todos.

O sentimento de que falo é, obviamente, aquele que predispõe um homem a dizer “*eu sou tão bom quanto você*”.

A primeira e mais óbvia vantagem é que assim vocês os induzem a fazer de uma mentira deslavada o centro de suas vidas. Com isso não quero apenas dizer que o que eles dizem em si é falso, que eles não se equiparam em termos de bondade, honestidade e bom senso aos outros mais do que se equiparariam em termos de altura ou circunferência da barriga. Quero dizer que eles próprios não acreditam nisso. Nenhum homem que diz “*eu sou tão bom quanto você*” acredita nisso. Ele não diria

se acreditasse. Um cão da raça São Bernardo nunca diz isso para um cachorro de brinquedo, e nem o erudito para um ignorante, nem o homem que tem emprego para um mendigo, tampouco a mulher bonita para aquela sem atrativos. A reivindicação da igualdade, fora do campo estritamente político, é feita apenas por aqueles que acham que eles mesmos são inferiores de alguma maneira. O que ela na verdade expressa é a ardorosa, excruciante e agonizante consciência de uma inferioridade que o paciente se recusa a aceitar.

E que, portanto, acaba por ofendê-lo. Sim; desse modo, ele se ressentido também de toda forma de superioridade nos outros, passa a caluniá-la, quer aniquilá-la. Logo depois passa a suspeitar de que cada simples diferença é uma afirmação de superioridade. Ninguém deverá ser diferente dele no modo como fala, nas roupas, nos gestos, nos passatempos, na comida que ingere. “Ali está alguém que fala o inglês de um jeito mais claro e de modo mais eufônico que eu – certamente não passa de uma afetação vil e esnobe. Ali está um homem que diz não gostar de cachorro-quente – certamente se acha bom demais para comer cachorro-quente. Lá está outro que não pôs uma moeda na *jukebox* – deve ser um daqueles intelectuais esnobes, e só fez isso para se mostrar. Se fossem boas pessoas, seriam como eu. Elas não têm o direito de ser diferentes. É antidemocrático.”

No entanto, esse útil fenômeno não é em si nenhuma novidade. Os homens o conhecem há milhares de anos, sob o nome de Inveja. Até o momento sempre o consideraram como o mais horrível e também o mais cômico dos defeitos. Aqueles que tinham consciência de que tinham inveja sentiam vergonha; aqueles que não tinham a derramavam sem remorso sobre os outros. A deliciosa novidade da situação atual deve-se ao fato de que vocês podem encorajar esse sentimento – fazer dele algo respeitável, até mesmo louvável – pelo uso da palavra mágica *democrático*.

Sob a influência desse encantamento, aqueles que forem completamente inferiores, ou inferiores até certo ponto, podem dedicar-se inteiramente, e com sucesso, ainda mais do que antes, a fazer com que todos os outros desçam ao seu nível. E não apenas isso. Sob a mesma influência, aqueles que chegarem ou puderem chegar mais perto da humanidade no seu sentido mais profundo na verdade acabam por afastar-se dela, pois temem ser *antidemocráticos*. Tenho fontes confiáveis que me dizem que os jovens humanos volta e meia suprimem o seu gosto incipiente pela música clássica ou pela boa literatura porque isso talvez os impeça de ser Gente Como a Gente; que as pessoas que realmente desejam ser honestas, castas ou sensatas – e que recebem a Graça que permite que elas sejam assim – acabam não cedendo ao impulso, pois aceitá-lo faria com que fossem *Dife-*

rentes. Poderia ser mais uma ofensa contra a Ordem das Coisas, poderia deixá-los fora do círculo da Irmandade, impossibilitaria sua Integração com o Grupo. Eles poderiam (oh, horror dos horrores!) tornar-se indivíduos.

Tudo se resume à prece que uma jovem humana supostamente recitou recentemente: “Meu Deus, faça com que eu seja uma moça normal do século XX!” Graças aos nossos esforços, cada vez mais isso poderá significar: “Faça com que eu seja uma mulher frívola, uma imbecil, uma parasita.”

Enquanto isso, como um maravilhoso produto derivado dessa química, os poucos (a cada dia o número diminui) que não aceitam ser Normais e Comuns e Gente como a Gente e Integrados tendem cada vez mais a tornar-se na verdade os seres arrogantes e excêntricos que a ralé de qualquer modo já acreditava que eles eram. Pois a desconfiança costuma gerar exatamente aquilo de que se desconfia. (“Já que, independentemente do que eu faça, os meus semelhantes pensarão que eu sou uma bruxa, ou um agente comunista, já que a desgraça é a mesma, não fará diferença se eu me transformar no que eles acreditam.”) Como resultado, nós agora temos uma *intelligentsia* que, embora seja pequena, está sendo muito útil para a causa do Inferno.

Mas tudo isso não passa de um subproduto de todo esse processo. Na verdade, quero chamar a atenção de

vocês para o vasto e generalizado movimento para descreditar e, finalmente, eliminar toda e qualquer qualidade humana – seja ela moral, cultural, social ou intelectual. E não é lindo perceber o quanto a *Democracia* (no seu sentido mágico) está fazendo por nós agora o trabalho que já foi feito pelas Ditaduras mais remotas, e pelos mesmos métodos? Lembram-se da ocasião em que um dos Ditadores Gregos (então chamados de “tiranos”) enviou um emissário a outro Ditador para pedir seu conselho a respeito de princípios para melhor governar? O outro Ditador levou o emissário a um milharal e lá cortou com seu bastão todas as hastes que ficassem um centímetro que fosse acima do nível das outras. A moral é simples. Não permita que nenhum de seus elementos seja diferente dos outros. Não permita a existência de nenhum homem que seja mais sábio, ou melhor, ou mais famoso, ou até mesmo mais bonito que a massa. Faça com que todos sejam cortados até o nível comum; todos serão escravos, meros números, todos insignificantes. Assim, os Tiranos praticavam de certa forma a “democracia”. Mas hoje a “democracia” pode ter o mesmo resultado sem nenhum tirano que não ela mesma. Ninguém mais precisa ir a um milharal com um bastão. As próprias hastes menores irão eliminar a parte superior das maiores. E as maiores começam a se nivelar às outras na sua vontade de Ser Como as Outras.

Eu já disse que é uma tarefa árdua e complicada assegurar a danação dessas pequenas almas, dessas criaturas que quase deixaram de ser indivíduos. Mas, se vocês fizerem o esforço necessário e usarem de suas habilidades, poderão ficar bem confiantes no resultado. Os grandes pecadores apenas *parecem* ser uma presa mais fácil. Mas eles são imprevisíveis. Depois que vocês os manipularem por setenta anos, o Inimigo poderá arrancá-los das suas garras no ano seguinte. Percebam que eles são capazes de um arrependimento verdadeiro. Eles têm verdadeira consciência da culpa. Se as coisas tomarem o rumo errado, estão tão prontos para desafiar as pressões sociais em nome do Inimigo como estão para desafiá-las no nosso nome. De certa forma, é mais trabalhoso rastrear e golpear uma mosca que foge do que atirar a pouca distância num elefante selvagem. Mas o elefante dará mais trabalho se vocês não o acertarem.

A minha experiência, como já disse, resume-se praticamente ao setor inglês, e ainda recebo mais notícias a respeito dele do que dos outros. Talvez o que eu vá dizer agora não seja de grande valia para os setores nos quais alguns de vocês atuarão. Mas vocês poderão fazer os ajustes necessários quando chegarem lá. Certamente o que direi será de alguma ajuda. Se for de pouca ajuda, vocês deverão trabalhar para fazer com que o país de que estiverem encarregados seja mais parecido com a Inglaterra dos dias de hoje.

Nessa terra promissora, o espírito do *eu sou tão bom quanto você* já passou a ser algo mais do que uma influência puramente social. Ele começa a se infiltrar no sistema educacional. Não posso dizer com certeza até onde ele foi no presente momento. E isso tampouco importa. Uma vez que vocês captarem a tendência, poderão facilmente prever seus desdobramentos futuros; especialmente se nós mesmos desempenharmos um papel nesses desdobramentos. O princípio básico da nova educação é que os alunos lentos e vagabundos não devem sentir-se inferiores aos alunos inteligentes e esforçados. Isso seria “antidemocrático”. Essas diferenças entre os alunos – porque elas são, muito obviamente, diferenças *individuais* – precisam ser disfarçadas. Isso pode ser feito em vários níveis. Nas universidades, as provas devem ser elaboradas de tal forma que quase todos os alunos consigam boas notas. Os vestibulares devem ser feitos para que todos ou quase todos os cidadãos possam entrar nas universidades, quer tenham a capacidade (ou o desejo) de se beneficiarem com uma educação superior, quer não. Nas escolas, as crianças que forem lentas ou preguiçosas demais para aprender línguas, matemática e ciências podem ser levadas a fazer aquilo que as crianças costumavam fazer em seu tempo livre. É possível deixá-las, por exemplo, fazer bonequinhos de argila e dar a isso o nome de Educação Artística. Mas duran-

te todo esse tempo jamais deve haver nenhuma menção ao fato de que elas são inferiores às crianças que estão efetivamente estudando. Qualquer bobagem em que estiverem envolvidas deve ter – acho que os ingleses já estão usando essa expressão – “igualdade de valor”. E é possível conceber um esquema ainda mais drástico. As crianças que estiverem aptas a ser transferidas para uma classe mais adiantada podem ser mantidas na classe anterior usando métodos artificiais, com a justificativa de que as outras poderiam ter algum tipo de *trauma* – por Belzebu, que palavra mais útil! – caso ficassem para trás. Assim, o aluno mais inteligente permanece democraticamente acorrentado a seus colegas da mesma idade em toda a sua carreira escolar, e um menino capaz de compreender Ésquilo ou Dante é obrigado a ficar sentado ouvindo seus coevos tentando soletrar “O VOVÔ VIU A UVA”.

Resumindo, não é absurdo esperar pela abolição praticamente total da educação quando finalmente o *eu sou tão bom quanto você* sair vitorioso. Todos os incentivos para aprender e todas as penalidades para a ausência do desejo de aprender desaparecerão. Os poucos que quiserem aprender não poderão fazê-lo; afinal, quem são eles para se destacarem entre seus colegas? E, de qualquer modo, os professores – ou devo dizer “babás”? – estarão excessivamente ocupados tranquilizan-

do os ignorantes e dando-lhes tapinhas nas costas para perderem tempo ensinando de verdade. Não precisaremos mais ter de planejar e trabalhar arduamente para espalhar a arrogância serena ou a ignorância incurável entre os homens. Os próprios vermezinhas farão isso por nós.

É claro que isso só aconteceria se toda a educação se tornasse estatal. Mas é isso que acontecerá, pois faz parte do mesmo movimento. Os impostos, inventados para esse propósito, estão acabando com a classe média, a classe que estava disposta a economizar e fazer sacrifícios para que seus filhos recebessem uma educação privada. A remoção dessa classe, além de estar ligada à abolição da educação, felizmente é mais uma consequência inevitável daquele espírito que diz *eu sou tão bom quanto você*. Foi este, afinal de contas, o grupo social que deu aos humanos a esmagadora maioria de seus cientistas, físicos, filósofos, teólogos, poetas, artistas, compositores, arquitetos, juristas e administradores. Se alguma vez já houve um bando de galhos que precisavam ter suas pontas cortadas para ficarem no mesmo nível das outras, certamente esse grupo era composto pela classe média. Como disse um político inglês, pouco tempo atrás, “a democracia não deseja grandes homens”.

Seria inútil perguntar a essa criatura se por *desejar* ele quer dizer “precisar” ou “gostar de”. Mas é melhor

deixar tudo às claras, pois aqui a pergunta de Aristóteles surge novamente.

Nós, no Inferno, certamente ficaríamos felizes com o desaparecimento da Democracia no sentido estrito da palavra: a tal organização política. Como todas as formas de governo, ela em geral trabalha em nosso favor; mas, no geral, está menos do nosso lado do que as outras formas. E devemos nos dar conta de que “democracia”, no seu sentido diabólico (*sou tão bom quanto você*, Gente Como a Gente, Sensação de Pertencer a um Grupo), é o instrumento mais valioso que poderíamos desejar para extirpar as Democracias políticas da face da terra.

Pois a “democracia”, ou o “espírito democrático” (no sentido diabólico), produz uma nação sem grandes homens, uma nação feita basicamente de analfabetos, moralmente fracos, devido à falta de disciplina na juventude, e frágeis devido a toda uma vida de intemperança. E é isso que o Inferno deseja que cada povo democrático seja. Porque quando uma nação dessas acaba entrando em conflito com outra nação onde as crianças foram diligentes na escola, onde o talento é valorizado e onde a massa ignorante não opina em assuntos de ordem pública, só um resultado é possível.

Recentemente uma Democracia ficou bastante surpresa quando descobriu que a Rússia tomou-lhe a dianteira em matéria de ciência. Ah, um adorável exemplo

da cegueira humana! Se toda a sociedade tende a opor-se a qualquer tipo de excelência, por que esperavam que seus próprios cientistas se sobressaíssem?

É nossa tarefa encorajar o comportamento, o estilo, enfim, toda uma atitude mental que as democracias naturalmente apreciam, porque são exatamente essas coisas que, se forem deixadas à vontade, acabarão por destruí-las. Vocês podem até mesmo perguntar-se por que os próprios humanos não enxergam isso. Mesmo que eles não leiam Aristóteles (pois isso seria antidemocrático), era de esperar que a Revolução Francesa lhes tivesse ensinado que o comportamento que os aristocratas apreciam não é o mesmo comportamento que preserva a aristocracia. Pois então teriam aplicado o mesmo princípio a todas as formas de governo.

Mas eu não quero terminar meu discurso desse modo. Eu não gostaria de encorajar – que o Inferno nos livre! – em suas mentes aquela ilusão de que vocês têm a obrigação de estimular nas mentes das suas vítimas humanas a ilusão de que o destino das nações é, *em si mesmo*, mais importante do que o das almas individuais. A derrocada dos povos livres e a multiplicação dos Estados escravos são, para nós, apenas um meio (e é claro que são, além disso, bastante divertidos); mas o verdadeiro objetivo é a destruição dos indivíduos. Pois somente os indivíduos podem ser salvos ou condenados à dana-

ção, somente eles podem tornar-se filhos do Inimigo ou alimento para nós. O valor derradeiro, para nós, de cada revolução, guerra ou fome está na angústia de cada um, na traição, no ódio, na ira e no desespero que ela poderá produzir. A idéia do *eu sou tão bom quanto você* é um útil recurso para a destruição das sociedades democráticas. Mas ele tem um valor ainda maior como um fim em si mesmo, como um estado de espírito, o qual, ao excluir necessariamente a humildade, a caridade, a satisfação e todos os prazeres da gratidão e da admiração, é capaz de desviar um ser humano para bem longe de quase todos os caminhos que poderão finalmente levá-lo aos Céus.

Mas vamos agora para a parte mais agradável. Cabe a mim propor um brinde em nome dos convidados à saúde do Diretor Catarruspe e da Faculdade de Treinamento de Tentadores. Encham seus copos. O que é isto? O que é esse delicioso buquê que exala do copo? Será possível? Senhor Diretor, retiro todas as minhas ásperas palavras em relação ao jantar. Percebo (e até sinto o cheiro) que até mesmo sob as precárias condições de guerra a adega da Faculdade ainda possui algumas garrafas do clássico vinho *Fariseu*. Ora, ora. Como nos velhos tempos. Segurem o copo perto de suas narinas por um momento, nobres demônios. Segurem o copo contra a luz. Observem as pequenas linhas cor de fogo que se

contorcem e se misturam no seu centro escuro, como se estivessem lutando entre si. Pois estão. Sabem como esse vinho é composto? Há a colheita de diferentes tipos de uva Fariseu, que são pisadas e fermentadas juntas para produzir esse sabor delicado. São tipos que, na Terra, são bem *hostis uns aos outros*. Alguns eram cheios de regras, de relíquias sagradas, de rosários; outros não passavam de seres desmazelados, com expressão solene e adeptos de fúteis hábitos tradicionais de abstinência de vinho, de jogos de cartas ou de teatro. Todos tinham em comum o pensamento de que eram melhores que os outros, e também a distância quase infinita entre sua atitude efetiva e tudo aquilo que o Inimigo é ou aquilo que Ele comanda. A perversidade das outras religiões era, na verdade, a única doutrina viva na religião de cada um deles; a difamação era a sua crença, e a calúnia, a sua litania. Com que intensidade se odiavam! Com que intensidade ainda maior odeiam um ao outro, agora que estão ligados para sempre mas jamais reconciliados! Sua surpresa, seu ressentimento perante essa combinação, a supuração de seu rancor eternamente impenitente assemelham-se ao fogo quando ingerimos a bebida. Um fogo negro. Com tudo isso, meus amigos, será um dia de desgraça para nós se aquilo a que os humanos se referem com o termo “religião” desaparecer da Terra, pois ela ainda pode nos fornecer pecados extremamente sa-

borosos. A fina flor da profanação só pode crescer se for plantada perto do Sagrado. Em nenhum lugar a nossa tentação é tão bem sucedida quanto nos próprios pés do altar.

Vossa Iminência, Vossas Repelências, ilustres senhores Espinhosos, Sombrosos e demais nobres demônios: ergamos nossos copos e brindemos ao Diretor Catarruspe e à Faculdade!



Cromosete
Gráfica e editora Ltda.

Impressão e acabamento
Rua Uhlend, 307 - Vila Emma
03283-000 - São Paulo - SP
Tel/Fax: (011) 6104-1176
Email: adm@cromosete.com.br



C. S. Lewis

Os quatro amores

A abolição do homem

Cartas de um diabo
a seu aprendiz

Cristianismo puro
e simples



ISBN 978-85-7827-111-4



C. S. Lewis

Dedicada ao seu amigo J. R. R. Tolkien, esta obra-prima da ironia divertiu e instruiu milhões de leitores com seu retrato zombeteiro e irônico da vida humana feito a partir do ponto de vista do diabo Fitafuso. Ao mesmo tempo freneticamente cômica e surpreendentemente original, a correspondência entre o experiente diabo e o seu sobrinho Vermebile mostra o lado mais sombrio e jocoso de C. S. Lewis.

Esta edição é baseada na edição do sexagésimo aniversário da obra, que inclui pela primeira vez *Fitafuso propõe um brinde*, no qual o notório Fifatuso oferece um jantar aos jovens demônios na Faculdade de Treinamento de Tentadores.